Fantásticas
Memórias
do
Exílio
By Welington José Ferreira

Fantásticas Memórias do Exílio

E foram histórias tristes
Dentre fábulas fantásticas
E desceram montes apáticos
Vestidos de couraças gélidas
E criam naquelas bandeiras
Na verdade, estandartes levantados
Por jovens de mãos fortes
Acostumados com o gemido das batalhas
E foram torrões acesos
Brilhando com suas espadas
Por entre as vielas Curdas
Por entre os pastos queimados
Sangrando homens treinados
Gritavam cavalos baios
Brindavam espadas raras
Cresciam pavores plenos
Marechais e comandantes
Seus soldados agora errantes
Entre as pilhas dos caídos
Entre os gritos dos vencidos
Avante! Cavalos baios
Por esses morros infames
Lutar na guerra sem nome

Até não poder correr mais livremente
Até que só sobre a fome.
Caiam desfraldadas bandeiras
Caiam pendões entre mãos trêmulas
Até que se aquietem os vales
Até que se aquietem os vales

Todos os personagens deste livro são fictícios.
Qualquer semelhança com alguém real é mera coincidência...
Inclusive o autor...
E o livro...
Talvez...
Quem saberá ao certo?
Você que o lê agora...

Sobre a Guerra

Houve um tempo além do tempo, quando as estrelas recém nascidas ainda quentes emanavam mais luz que olhos humanos seriam capazes de enxergar, num lugar impensado, diante de paisagens deslumbrantes, rodeadas de espectros e cores hoje inexistentes, onde anéis de asteróides feitos de cristais de ametista e nuvens de gás feitas de azul cintilante mescladas de faixas prateadas entrecortavam os espaços celestiais.

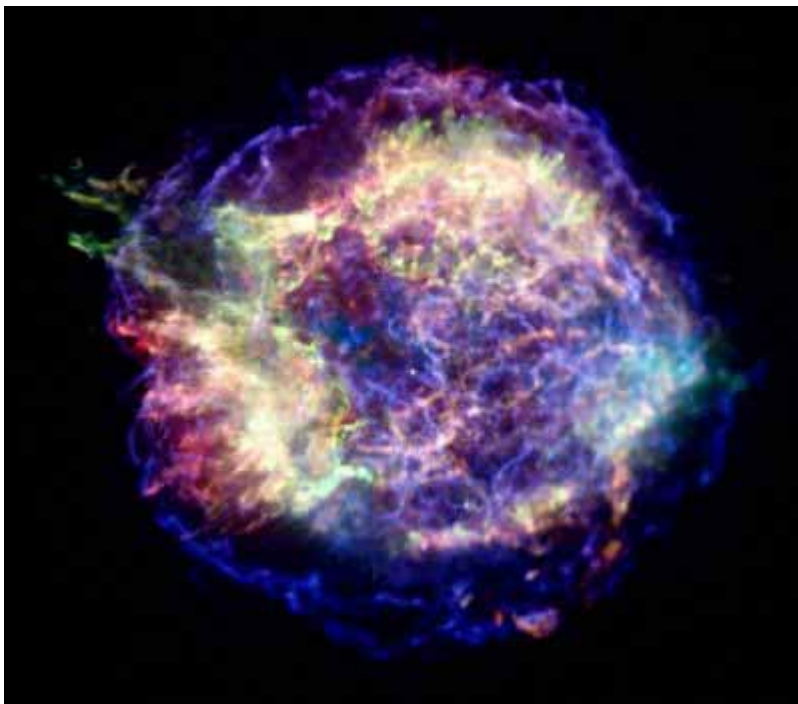
Houve um tempo, além do tempo que um anjo translúcido e reluzente, em movimentos espirais de significados desconhecidos, correu em direção a um segundo e tenebroso anjo, com ordem de não deixá-lo passar. Numa época de desatino e loucura na qual alucinadamente, num delírio espectral, anjos escolheram as trevas como casa e a escuridão como envoltório. E nesse hiato entre o que foi e o que o universo veio a se tornar, entre a eternidade passada e o passado da eternidade, um destes mensageiros de trevas foi interceptado por outro mensageiro, que recusando as trevas confirmou para sua morada a própria luz.

Quando se viu perseguido, o maligno, numa reviravolta espantosa, se atirou sobre o primeiro. O

que vinha em perseguição esperou a iminente colisão.
Os dois oponentes diametralmente se chocaram ao norte da imensidão. Lá onde hoje, se estende o vazio. O que não tinha nome, cuja origem era a luz, permaneceu impassível diante do cataclisma.

Na onda e no turbilhão que se seguiram, energias fantásticas percorrendo distancias inconcebíveis desabaram sobre duas estrelas gigantescas que se rasgaram. E uma galáxia inteira se colapsou.

Incontinente, ele não se moveu.

Lançado longe por sua própria tentativa, consciente entretanto do arroubo de seu terrível poder, novamente atacou, o maligno. Na segunda feita, foi tão violento o embate, que o primeiro não pode se segurar no tecido do invisível, sendo arremessado impetuosamente ao centro de uma terceira estrela, atravessando-a como fosse uma espada afiada.
O de trevas avançou violentamente e então rasgou a estrela ferida indo ao encontro do primeiro anjo.
Noutra torrente de interminável escuridão, se lançou para destruir o formidável ser.

Dobraram-se mais uma vez as estruturas das dimensões e expostas foram as vísceras das constelações, vindo outra galáxia a contorcer, gemer e perecer.
Turbilhões de gás se espalharam no fatídico dia em que nasceram as nebulosas.
Do vento feito de energia, o tecido da existência foi arrastado formando-se assim os buracos negros.
Incandescia a fronte do formidável...

... Quando pela primeira vez...

Aquele que era como a luz...

... revidou.

Welington Language Institute

Meu amor,
Olha só
Hoje o sol
Não apareceu

Numa apresentação da

Twenty Century

Welington

É o fim
Da aventura humana,
Na terra

Coprodução da fantástica

Welington Corporation

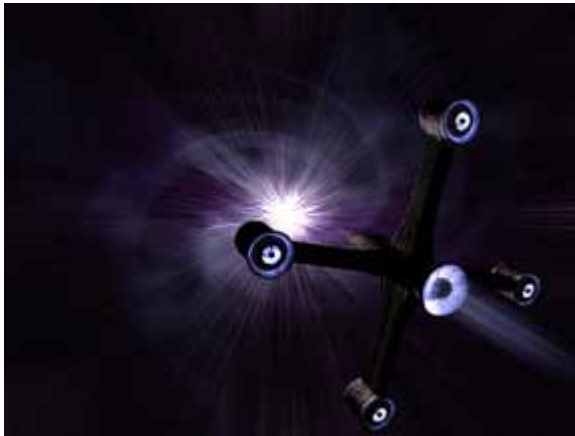
Meu planeta adeus,
Fugiremos nós dois na arca de Noé

patrocínio

Productions

Olha meu amor,
O final da odisséia terrestre
Sou Adão e você será...

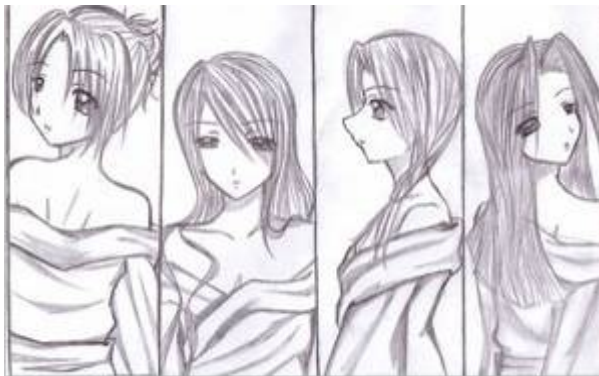
Minha menina Eva! Eva!

A bordo sim da última astronave...

Além do infinito eu quero estar...

Prólogo

“— Há muito dia passado, rumando pro sol poente, numa terra virge dos homî, vermelhos ou brancos, lá na terra de Urucu, foi que se assucedeu.

Os olhos vivos de Eliã deixavam transparecer seus pesadelos, suas recordações e seus sonhos. — Ôô-

îuká. (Eles matam em Tupi-Guarani) disse minha avózinha, sobre as história que ascutou da sua mãe.

Havia quatro menina, que já tinham sumido da aldeia, lá da tribo dos pataxó, que tinham nomis estranhos. Uma chamava Bela, otra Semente, uma era Canto e a otra Esperança. Minhas amigas, os meus laços e minhas irmãs, que moravam comigo na antiga taba, a grandiosa taba dos meus antigos ancestrais. Foi quando os bichos guinchavam nas noites sobre os Ipês e Sussuarunas, quando nas torrentes dos rios escureciam as águas do negro rio. As *peste* gritavam procurando minhas irmãs. Pajé falou pra ficar quieta, junto das armas que nem os mais valentes levantam, no dia das assombração. No dia da dor, quando os bicho arremeteu, eu perdi minhas irmã. Chorei noite a dentro pelas minhas pequenas irmãs. Decidi cumigo

merma: essa noite eu vou atrás desses bicho assassino, que tiraram a luz dos olhos brilhantes.

Se eu morrê, que me enterrem no rio, que num mi importa mais. Essa noite eu vou sai pra caçá, que era assunto proibido pras mulher da minha tribo. Num importa, essa noite eu vou sair pra caçá, com a lâmina que brilha, que os valente da minha tribo encontrou na noite em que os céus queimou, lá no igarapé, cravada nas raíz da castanheira. Faca enorme, esquisita, que vez por outra ilumina como fogo de carvão, mesmo cum noite sem estrela.

Os valente disseram que é a lança que Tupã jogou na terra. Essa lança que eu vou usá contra a coisa ruim, já que flecha num adianta, já que grito e fogo num espanta as criatura, vou assim mesmo.
Assim Eliã contou a história para as de sua descendência, onde haveriam de nascer outras Eliãs. E assim a cada década, a anciã que representaria a mais idosa do clã reuniria sua parentela para narrar os fatos que deram origem a lenda. Lenda que seria contada desde essa noite perdida nas folhas sobre folhas, das incontáveis

folhas do chão da floresta do tempo.

— Num olhei pras costa, num vi que me acercava as árvore, quando se assucedia das trevas me encobrí como coberta, porque só alembrava das minha irmã. Ia chorando, aos pés das aroeira e ipê, desviando dos cipós que caíam sobre as árvores, como teias daquelas aranhas caranguejeiras.

— A velha índia com cabelos embranquecidos, pele crespa do tempo, falava com uma voz pausada e firme, para a multidão das crianças ao redor do cajueiro, ao lado da velha cabana, daquela vila de Coari. Os olhos das crianças, sentadas no chão, debruçadas sobre a relva, pisando pés de arbustos de confrei, ou sentadas sobre os galhos dos cajueiros, cintilavam a cada palavra que brotava da boca da anciã. As mães de pele morena, longas cabeleiras negras e lisas, apertavam suas crianças de colo ao peito, enquanto homens avermelhados, com cabelos curtos e negros como o corvo, seguravam as velhas lanças da tribo que já não

existia mais. Moradores de Coari, trabalhadores em fazendas, catadores de castanhas, plantadores de guaraná e pescadores de rostos rudes, participantes da massa de gente que se ajuntava naquele dia de declarações.

Tucanos curiosos e araras gigantescas se ajeitavam sobre os imensos galhos dos cajueiros, ao lado das crianças, interrompendo vez por outra a palestra com seu chalrear e com seus berros. Firmando as

mãos encarquilhadas sobre um tosco bordão a velha Eliã continuou:

— Enxugava com uma das mãos os rios d'água que brotavam dos meus olhos de menina, quando o coisa-ruim berrou do outro lado da floresta.

O grito do animal cortava o vento como o fogo, crispando a palha e me fazia tremer como um macaco acuado pela onça. Depois do grito eu sabia, ah! Eu sabia... que viria o pipocar das árvore e o

romper dos galho, quando a criatura incansável corresse na minha direção. Eu num tava muito distante do grito e sbia que já tava morta. Num tinha mais como escapá da criatura. E também num importava mais. A macacada desesperada fugia pelos galhos altos dos Tucumanzeiros enquanto uma revoada de tucanos já mostrava que o bicho-ruim tava chegando.
As crianças demonstravam desconforto cada vez que o bicho era mencionado. As de colo se apertavam mais ainda aos seios de suas mães. Os mais idosos seguravam seus chapéis de palha e batiam os pés descompassadamente. Eliã continuou:

— Ouvi o grito da criatura e me tremi toda. O vento soprava por dentro da floresta e o chão tremia com as pancadas das patas do animal. Eu apertei a espada, enrolada na tapuá trançada de fibra de juça que guardava Mouajé, e deixei Mouajé nua, a espada cintilante do extinto Igarapé. Longe ouvi os tronco sendo despedaçado, e longe ouvi as árvore gritando de dor pelas mãos do animal destruidor.

Os troncos partia com o som dos ribombá dos trovão, igual quando nas chuva se derrama os raio.

Eu tava na clareira, perto do rio negro, perto onde minhas irmãs morreram. Foi quando vi as árvore gigantescas sendo jogadas pro alto enquanto vinha o monstro em minha direção. Quanto mais ele se apruximava, mais árvore caia perto. Inté que caíram as duas últimas que faziam a fronteira da clareira. Os olhos do bicho faiscavam. Minhas mãos tremiam. Meus pés tremiam. Meu coração tremeu. E daí? Eu num ia imbora

mesmo. Eu num tinha pra onde me esconder, num tinha pra onde correr. Eu num tinha mais nenhuma irmã. Foi intão que o bicho veio correndo em minha direção. E foi intão que eu corri na direção do coisa-ruim. Eu num só alembro de levanta a Mouajé e escuta um ronco, um trovão, um negócio que parecia um raio batendo ni mim, que me arrepiou os cabelo, quando a coisa me tocou. E inda ouvi o grito da criatura que me estrondou os ouvido. Ai eu só avistei a escuridão. Quando me encontram a clareira inda pegava fogo, enquanto deitada eu no sangue de minhas mãos. Só num queimei porque chovia.

Chovia dimais...”

Terminada a prosa, entoando cantigas ancestrais, a imensa família rumava para barcaças de proa esverdeada, amarradas em cais improvisados, na beira do barrento rio Solimões. No percurso tortuoso que duraria três dias, os barcos seguiriam iluminados por antigos lampiões cheios

de óleo de peixe boi, que vistos dos céus de noite seriam como pingos dourados piscando ao longo de um caminho ora negro, ora prateado, destacando-se em densa e úmida escuridão. Dois rios após adentrariam as águas negro-esverdeadas apinhadas de piranhas e botos brancos do antigo Urucu. Então, descendo a grandiosa comitiva, caminhariam léguas pela floresta úmida, pisando a pé os Igarapés, de onde, na época, mui longe, se avistavam cabanas toscas de larga frente, montadas sobre árvores, pertencentes às raras famílias ribeirinhas que viviam da colheita de castanhas. Caminhariam até a imensa e lendária clareira, debaixo dos gritos de papagaios dourados, envoltos pelo véu da noite estrelada, onde depositariam flores aos pés de pequenas pedras brancas, cravadas no chão da lendária clareira, aonde se liam os nomes:

Bella, Sementhi, Cantho e Essperancçça

Então desembrulhavam a antiga espada brilhante, envolvida nas fibras de juça, e a balançavam suavemente gerando nuances azuis e violetas, quando de mão em mão dançava a espada, até retornar às mãos da velha Eliã, que a tornava a embrulhar.

E a chorar.

Capítulo Primeiro

"A vida é como um sutiã, por isso, meta os peitos"

11 de agosto de 1999

Dentre as muitas histórias deste livro, não poderia deixar de narrar a fábula do amor entre Nexter e Aninha. Desde as primeiras cartas, dos fantásticos desencontros e por fim o inesquecível desfecho da história. Aninha, Nexter conheceu só por cartazes. Menina propaganda de uma grande

empresa de telecomunicações, de olhos azuis e cabelos negros azulados, tês alva e sorriso incomparável. Ninguém sabe ao certo como ele conseguiu o e-mail dela. Os dois hackers de Urucu, o Aluízio ceará e o temido Carlos Borges guardaram silêncio absoluto sobre o assunto em questão. Contam somente que numa dessas viagens para Urucu, no desembarque no aeroporto, os dois que se substituíam na estadia dentro da província petrolífera, num regime de 14 dias internados por 14 de folga em seu estado de origem, se depararam com Nexter sonhando acordado diante de um imenso cartaz de sua musa inspiradora. Depois de conversarem por quase uma hora e continuarem, ainda assim vendo-o naquela mesmíssima pose de deslumbramento, como se o tempo tivesse parado, tiveram a suprema inspiração. Diz a lenda que foi neste momento lúdico, que eles, nossos poderosos hackers, começaram a busca pelo e-mail de Aninha.

Ninguém dormiu naquela noite mágica, quando o tal e-mail apareceu num bilhete escrito no bolso do macacão alaranjado do Nexter. E como não poderia deixar de ser, quando as cópias dos e-mails enamorados foram distribuídas por vários povoados

ao norte de Coari, ninguém jamais descobriu como foram copiados. A primeira carta era espetacular:

"*Oi. Eu sou o teu maior fã. E mesmo sendo estranho que eu, um completo desconhecido, a quem você certamente só ouviria por educação do que por qualquer outro motivo, queria aproveitar este momento eterno, ao menos para mim, essa oportunidade única, pra te dizer que te amo. Que amo esses teus olhos, amo esse teu sorriso e o jeito como teus lábios se movem, quando teus olhos que sempre queimam em mim, sorriem juntamente. Você poderia me questionar, perguntando — Como pode me amar sem me conhecer... Sem saber como sou... Sem saber quem sou? — É porque vejo um pouco de você através de teus olhos, e do teu sorriso. E mesmo que você fosse insuportável, ou geniosa, e mesmo prepotente, ou arrogante, se um terço, somente um terço do que me transmite o teu olhar, essa dignidade oculta, essa vontade de viver imberbe, indizível, se somente um terço de tudo que eu sinto quando te percorrem meus olhos, for verdadeiro, só por isso já vale o fato irrevogável de te amar por todos os meus dias, mesmo porque eu irei sorrir a cada dia que te vir sorrir, inda que numa foto emoldurada, pois isto é algo sobre o qual não tenho controle. Pelo caminho que terei que cursar, te*

levando em sonhos, te amando aos poucos, não poderia evitá-lo. Não pense que me ufano sobre tua perfeição, e não te enganes que eu não virei a te adorar, a não ser como carinho, não estenderei um altar sobre ti, sobre o qual venha a queimar velas. Você não é minha deusa, jamais será minha dona. Você é minha dádiva, meu encanto e meu amor, mesmo que quisesse não te esqueceria, pois vives nos recantos da minha personalidade. Esse coração, talvez infeliz, te elegeu como musa e se recusa terminantemente a te abdicar. Não irei morrer por você, não me ufano do teu amor, e não me faria diferença a tua indiferença. Porque, por mais ferido que fosse, esse bastardo coração, já fazes parte dos meus dias e das minhas noites, destas que são contadas como o tempo que me foi concedido para viver..."

Não é necessário dizer como as meninas de Urucu suspiravam a cada embarque de Nexter...
E também não seria necessário dizer que quase perdemos, por motivos vingativos tácitos e mórbidos e cruéis, nossa inestimável dupla de Apoio na área de Informática.

Impressionantemente, toda história possui um começo. E por mais assombroso que possa parecer,

a nossa história, nossa interessante jornada, se inicia agora...

Dublado nos estudios do Mem Ex Group*

* Mem Ex Group – Grupo de trabalho para confecção de Memórias do Exílio

Era uma vez um certo grupo de Engenharia que sempre possuía um corpo de técnicos fiscais de obras industriais, à prova de intempéries, bravos, destemidos, homens acima de quaisquer suspeita, que dominavam disciplinas técnicas diversificadas tais como: Instrumentação, Eletricidade, Mecânica, Tubulação, Civil, Física Nuclear, e outras inumeráveis disciplinas, sendo capazes de trabalhar, fosse no pólo norte até ao interior de selvas africanas. E perpertua a Lenda que para todos os outros casos, existia o Exílio.

O ‘mardito’ Exílio

Havia um cerimonial que aplicávamos quando ocorria a convocação de um pobre coitado, digo, alijado, digo, algum infeliz, quer dizer, um dos “agraciados” que trabalharia em algum lugar, usualmente, um pouco além de onde a civilização termina. Escrita com nanquim num pedaço de sépia enrolada que nomeamos: **Pergaminho da chamada abrupta**.

Ei-la:

“*Na densa escuridão da noite, durante o período que os trovões levam, antes do próximo relampejar, trepidavam patas ferradas do corcel negro, ferrando as poças da lama ocre no caminho lamacento até o lendário castelo das forças de ocupação. O alvo dos olhos dos animais resplandecia, junto a sua escura crina a cada raio que os iluminava. Montado sobre o negro animal, Morfagnad, o mensageiro das terras distantes, com suas indumentárias escuras e encharcadas, grita para os guardas à frente dos gigantescos portais da antiga fortaleza. As imensas portas são abaixadas, enquanto ele ainda chicoteia o alazão, ao sonido agora ocre, do trope nas pedras lavradas, recobertas de liquens acizentados do pátio castelar.*

Da sacada superior, uma sombria figura observa a chegada de Morfagnad, o mensageiro. Deixando sua cansada montaria, Morfagnad caminha, como arrasta a si mesmo, até o grande salão de pórfiro e granito, enquanto um sombrio conselheiro vai murmurando algum aviso para aquele que se assenta sobre uma gigantesca cadeira adornada de púrpura e de madeira ricamente trabalhada. Quase

um trono. O mensageiro entra solene pelas portas palacianas, subindo até o lugar do grande salão rodeado de colunas de rosacrocita. Ele pára, subitamente, e se ajoelha, enquanto as abas de suas vestimentas molhadas enchem como um vestido o lugar onde se abaixara. Na verdade, usa uma capa. Negra. Aquele que está sentado não se vira para cumprimentá-lo. De costas ainda, levanta uma das mãos com a luva de couro e faz um gesto com a ponta dos dedos, somente abrindo a mão, sob os olhos malévolos e semicerrados do sombrio homem ao seu lado direito. O mensageiro se levanta e caminha, enquanto sua sombra se projeta na cortinada das colunas, através da luz das lamparinas acesas com óleo de baleia Albina. Ao longe se esconde uma menina de olhos encantadores azuis, vestida com uma roupa mesclando azul e branco, com um avental vermelho, uma das dezenas de serviçais do imenso castelo. Seus cabelos negros avermelham-se pelas luzes e matizes das lamparinas cujas chamas tremulam naquele dia de tormenta e tempestade. O ruído de suas botas de couro molhadas sobressaem agora no silencioso salão, reverberando a cada passo sobre o pórfiro impecavelmente polido. Próximo ao homem assentado, ao se achegar, se ajoelha novamente em reverência. Fala então:

— Ó coordenador do castelo. Nossos guerreiros dalém, nas terras distantes, que batalham já a longo tempo, necessitam dos préstimos de um dos servos sob tua alçada. O coordenador das terras distantes me enviou a ti, para que, encontrando mercê diante de ti, dignasses a conceder-nos um dos teus homens para nos socorrer.

Quebrava-se o silêncio sepulcral, através do murmúrio do vento soprando entre as frestas, das pedras nas paredes, soando como fosse um antigo órgão tubular. O olhar do sombrio homem ao lado do coordenador, semicerrou-se ainda mais. Por fim o homem assentado falou:

— Escolhe aquele que queres, e depois to enviarei. Por tempo determinado. Trava então tu, as batalhas que dele dependeres, entretanto, saibas, que este voltará quando minha vontade assim o determinar.

O mensageiro se levanta. Com cortesia agradece, enrola o manto negro sobre o rosto e prepara-se para partir. Desta vez o sombrio homem, até aquele momento calado, com uma voz de ratazana completou o enunciado:

— Lembra-te... Por tempo determinado...
O mensageiro se inclina ligeiramente, dando meia-volta e sumindo na penumbra do castelo. Um relinchar apavorante se ouviu. E depois a chuva. Somente a chuva. Nada mais."

Esta sombria história localizava-se num rolo, no "**Fabuloso *pergaminho da chamada abrupta"*** *o qual,* simbolicamente, nos era entregue por algum colega (sádico) de trabalho no "dia da *chamada"*. O "dia da *chamada"* era o trágico dia em que algum chefe de Obra desesperado iria convocar um técnico qualquer, para trabalhar em algum lugar qualquer, onde os requisitos mínimos necessários fossem capacitação em: 'Combate a incêndio', 'Primeiros Socorros', 'Guia básico de como sobreviver a quedas de avião em florestas

densas' e um 'Atestado de vacinação para tifo, febre amarela, malária, tétano e o que mais ocorresse.'.
Naquele dia na sede do prédio de Engenharia, eu que havia sido emprestado para o setor de Orçamento, digitava uma dessas planilhas gigantescas em Excel, quando recebi o telefonema do meu setor de origem. O dia da **'chamada'** chegara. Em verdade era o que o pessoal chamava de Fiscal de Campo, um desses sujeitos que carregava uma prancheta na mão percorrendo trechos de plantas industriais, procurando algum tipo de montagem em desacordo com as normas. No meu caso, normas de eletricidade. De "Campo", nós apelidávamos qualquer Unidade Industrial, Obra ou Instalação. De "Sede" nomeávamos de Escritório. E ali estava eu, na Sede, há seis meses, em virtude do término das obras. Meus olhos doíam de tanto olhar para a tela do computador, ao lado de um colega de nome Helon, Analista de Sistema do setor. Atendi. Era meu chefe.
— Oi Welington, tudo bem? Como estamos? Estou ligando para te dizer que estão precisando de uma pessoa de eletricidade numa obra no Norte.
— Onde? Quanto tempo?
— No máximo por três meses. Começa semana que vem. Você vai substituir um técnico. Tudo bem?
— Onde?

— Pertinho, fica tranqüilo.
— Quem vai estar lá?
— Alguns você já conhece. Lembra do Jayme? Também estarão lá o Aluízio Xavier, fiscal de tubulação, aquele paraibano. Vai estar lá o ‘cientista louco’ Nexter, o japa, Hikano. Na área de Segurança o Alexandre... E o andróide.

— O Boot? Já estão aceitando ‘máquinas’ na fiscalização?
— A carência de mão de obra é muito grande aonde você vai.
— E posso saber para onde estou sendo enviado?

— Olha, não posso dar mais detalhes agora, porque tenho uma reunião. Fica tranqüilo. As passagens de avião eu já mandei para sua casa! Até mais...

O Helon olhou para minha expressão de ‘terror sobrenatural’, misturado com ‘espanto e pasmo’, sorrindo ele abriu uma gaveta, tirando de dentro dela uma caixinha negro-esmeralda. Retirou da pequena caixa ‘o Pergaminho’ e o colocou sobre minhas mãos. E apesar de não ser uma prática consolidada, cantou-me a velha canção:

I'm singing in the rain
Just singin' in the rain
What a glorious feeling

I'm happy again
I'm laughing at clouds
So dark up above
The sun's in my heart
And I'm ready for love
Let the stormy clouds chase
Everyone from the place
Come on with the rain
I've a smile on my face
I walk down the lane
With a happy refrain
Singin', just singin' in the rain
Dancing in the rain
Ohh ia ohh ia ia
I'am happy again
I'am singing and dancing'in the rain
...
dancing and singin'in the rain
E como chovia naquela floresta, eu viria a descobrir...

Quando eu era um filhote, digo, pequeno, recordo que aconteceu uma grande e tremenda tempestade. De pés descalços e sem camisa, avistei as nuvens escurecendo cada vez mais, vindo de longe e se aproximando, enquanto uma ventania descomunal fazia pequenos rodamoinhos. Logo os céus eram somente escuridão, e a chuva torrencial

descia abundante enquanto eu corria para o apartamento onde morava, procurando me abrigar. As crianças desde cedo se encantam com a chuva. Perdi a conta das vezes que permanecia contemplando as gotas de chuva escorrendo na janela, percorrendo o vidro que era preso com massa de vidraceiro em caixilhos de madeira.

O Exílio era logo ali, ali a 620 km de Manaus, onde o vento não faz a curva, simplesmente porque não consegue passar pelas árvores centenárias, de tão próximas que alcançavam quase cento e vinte metros de altura.

O Exílio era logo ali, às margens do rio Urucu.

E em breve, muito breve eu estaria lá.

11 de setembro de 1999

A Floresta. Essa desconhecida. A ultima fronteira. Essas são as aventuras e desventuras fantásticas de um técnico em eletricidade exilado, em algum lugar onde o mundo acabou, na sua missão de quatro (?) embarques (o nome que é dado para o período que alguém permanece numa Plataforma Marítima ou numa Unidade distante da civilização), para fiscalizar novas Unidades Industriais e conhecer novas e inumeráveis espécies de insetos, indo aonde poucos técnicos puderam chegar. E poucos conseguiram voltar.

— Quando você chegar a Manaus vai haver uma Van te esperando, um grupo do pessoal que esta desembarcando se confraternizando e indo para o outro aeroporto que fará a conexão.
— Conexão?

É.

Não havia ninguém. Não vi a tal Van. Solitário, com uma passagem só de ida para Manaus, um cartão telefônico com vinte ligações, e com toda a voluptuosa facilidade que o novo DDD da Embratel proporciona para os incautos, liguei para o Rio de Janeiro. Quinze minutos e meio de tentativas depois:
— Pega um táxi, que você já está atrasado — Disse-me o Engenheiro Hildebrant.
— Como assim atrasado? — Pensei.

O outro aeroporto se chamava Eduardinho. Parece um terminal rodoviário. Só que era mais feio (ó amazonense que ofendido lês estas rudes linhas, não te entristeças em vão, não passa de uma reclamação literária. Na época em que eu fui para Urucu, o aeroporto estava sendo ampliado, passando por várias reformas).
Havia uma menina da Mortal aviação atendendo num balcão. Bem. Entenda-se balcão não na *exata* acepção aeroportuária do termo. Era uma tribuna, tipo três caixotes empilhados, um sobre o outro, e uma folha de papel com os nossos nomes escritos.

Isso quando escreviam os nossos nomes. Por exemplo, no dia em que embarquei o meu não estava escrito. Mortal aviação?

É.

Eu disse que estava indo para Urucu. Palidamente, ela anotou meu nome numa lista, e deu-me um cartão branco (O que você compreende com os termos “um cartão branco”? Talvez venha a você a imagem de um bilhete de passagem carimbado, uma ficha de embarque ou coisa que o valha. Não. Quando eu disse cartão branco, estou me referindo a um pedaço de plástico branco com um número pintado em vermelho. O meu era o numero 45.). Fui para a sala de espera. Com gente que não

acabava mais, indo para regiões quais poucos acreditam que tenham um dia existido e muito menos ainda que possuam aeroportos. Entrei no turbo-hélice da Mortal, com capacidade para 50 passageiros. O sujeito que estava sentado do meu lado, disse exatamente quatro solidárias palavras durante o percurso de 1 hora e 40 min, caso não caísse, até a Base de Urucu. As aeromoças, consoladoramente, eram lindas. Gostaria de ter a mesma opinião, numa comparação culinária, sobre o lanche do avião.

A águia, qual a uma “Apolo” sobre a superfície lunar, pousou plácidamente no meio da selva, quer dizer, Floresta, e vivos, desembarcamos. Afinal, vinte e um dias passam rápido, pensei. Vinte e um dias?

É.

Por uma questão de acerto dos turnos de embarque e desembarque, eu iria permanecer sete dias a mais que o normal.

Na chegada, duas meninas nos cadastram como os novos condenados, digo, novos embarcados, todos, sem exceção. Para o caso de sumir alguém. Sumir alguém?

É.

Já sumiu alguém?

Já.

O Jorge Brito estava com uma Toyota me aguardando para levar para a cadeia, digo, o quarto da Base de Apoio. Do aeroporto até a Base de Apoio percorria-se cerca de quatro km. Meu primeiro contato com a floresta amazônica foi atordoante. O cheiro da mata, as árvores gigantescas que formavam um muro aos lados da estrada na qual transitávamos, as ramificações e folhagens diversas, sonorizadas pelas vozes de papagaios selvagens assentados sobre alguns de seus ramos, foi emocionante. Ver um tucano voando desajeitadamente, quase como se não fosse conseguir se elevar no espaço, ouvir o berro descomunal daquilo que dava a impressão de serem pterodátilos, pelo menos na imagem sonora, das araras que traspassavam os céus, sempre em dupla indo pousar só Deus sabe onde, parecia-me mágico. Além disso, por toda parte, certa multidão

de animais em profusão voava e corria alegremente pelas estradas.

Eram os insetos.

Multicolores, de tamanhos variados e de espécies que só existiam em Urucu.

O nosso quarto possuía seis beliches. Seis?

É.

Possuía uns armários de metal, e uma estilizada cortina vinho, de arraste, em cada beliche. E um

ar-condicionado. Ou seja, o local em que eu gostaria (imensamente) de passar minhas férias.
Adorável.
E tinha um rato. Bom. Parecia um rato. Pertencia a família. Não sei como explicar exatamente isso. Era um hamster. Um hamster?

É.

Vinte e dois anos haviam se passado desde que as primeiras equipes de exploração, as equipes de Sísmica, iníciaram as suas atividades naquela região. Eles passavam semanas embrenhados na mata, trazidos por helicópteros, em clareiras, com acampamentos montados às pressas, em condições realmente muito piores que as nossas. Nós já estávamos numa situação de hospedagem ‘cinco estrelas’ comparando-os conosco. Nesse tempo sem estradas, entrando por regiões jamais pisadas pelo homem branco antes, um dos geólogos

resolveu trazer um hamster. Meio amarelado, meio gordo, o peludo roedor resolveu explorar por si mesmo a imensa floresta amazônica, quando por acidente o geólogo esqueceu de fechar a porta da gaiola. A média de vida normal de um destes bichos é de dois a três anos. Esse hamster arretado, picado por forma de vida desconhecida, simplesmente desobedeceu a tal regra.
E também fez pouco caso das águias reais.

E das cobras.

E dos macacos.

E das onças.

Até aos dias de hoje. O rato imorrível ainda circulava pelos acampamentos, pelas Unidades

Industriais, pela base de apoio, como diria um gaúcho — tranqüilo como capincho em taipa de açude — resolveu morar lá no quarto que me alojaram.

Quando eu era um filhote, digo, pequeno, possuí alguns porquinhos da índia. Gordos e imensos porquinhos da índia. Tinha uma roseira na frente do apartamento onde eu morava. Coloquei os porquinhos para passearem perto da roseira. Eles comeram a roseira.

Após o reconhecimento daquela “colônia de férias”, vestido de uma farda laranja não muito fashion, entrei com um motorista na Toyota na primeira descida de 12 Quilômetros até o curioso Polo Papagaio.

Estava na Toyota, branca com duas divisões e quatro portas, mais um bagageiro externo, uma das três Toyotas que eram usadas para o nosso deslocamento, quando notei que o assento do motorista estava, com algum tipo de mancha muito parecido com sangue. Por via das dúvidas, me calei. Subitamente, o carro bateu em algo, amassando um pouco o pára-choque, o animal, qualquer que fosse ele, soltou um urro apavorante e rapidamente pulou para as árvores ao lado da estrada, cuja altura média é de 32 metros.

O motorista suava um pouco.

— O que foi aquilo? — questionei assustado.
— Se preocupa não, tem muito animal estranho aqui na mata... — A resposta enigmática não escondia um certo incomodo com o assunto.

Ainda estava aturdido com o acontecimento quando uma coisinha preta, esquisita, cheia de pernas e ***do tamanho de uma caixa de fósforos ‘tamanho grande’*** entrou no carro. O motorista, de olhos arregalados, sussurrou para que permanecesse absolutamente imóvel, enquanto o inseto (se é que aquele tanque de guerra voador podia assim ser considerado) voava para fora da Toyota. Como o inseto não saía, ele lentamente pegou uma pistola 45 que trazia amarrada na cintura e deu um tiro no besouro. Acertou. O bicho bateu no vidro traseiro, e para o meu espanto, ainda saiu voando. Ficou um furo no banco traseiro. Comecei a me preocupar. O motorista notou. Falou que eu não me preocupasse, porque aquela espécie, apesar do veneno mortal, era pacífica e só mordia àqueles que se moviam…

Nós nos dirigíamos para o fabuloso Polo Papagaio, o glorioso nome da área industrial onde quatro imensos turbo-geradores, quatro esferas, quatro imensos compressores e quase duzentas bombas, nos aguardavam. O caminho do alojamento para o grandioso Polo Papagaio era simples, uma estrada asfaltada que dava para dois veículos, lado a lado, com três pequenas atravessias sobre córregos da região, onde existiam pontes.

Vez por outra, havia uma estrada lateral, normalmente de barro, que terminava em algum conjunto de válvulas de um poço de óleo ou gás.

Notei também, próximo a uma dessas pontes, sobre um destes riachos na estrada de 12 km que conduz ao impressionante Polo Papagaio, cruzes de madeira. Perguntei qual a razão delas. Ele ficou em silêncio. Olhei para as águas e vi alguns troncos

imensos boiando. Desperdício de madeira, pensei. Não eram troncos. Mergulharam à nossa passagem.

Após uma última curva do meio da mata (aqui colocado como super-eufenismo de floresta), as torres de processo da Unidade recém-construída começaram a aparecer.

Eu tinha cerca de vinte e um anos quando entrei na empresa petrolífera a qual pertenço. Era setembro, e estava bastante frio. Passei os três primeiros meses em fase de treinamento na parte da frente de uma Refinaria, bem guarnecida de jardins e árvores. A planta industrial (planta industrial é talvez a mais infeliz escolha linguística para designação de realidade não botânica que eu tenho notícia) distava dois quilômetros de onde estávamos. Consigo sentir ainda o choque do primeiro contato, da primeira vez que tomei um ônibus em direção às Unidades de refino. Um tremendo contraste entre os jardins e os fornos, das torres gigantescas metalizadas e as árvores, entre as estruturas de concreto escurecidas e o verde das folhas. Do Édem ao Abismo, em dois Quilômetros.

Chegamos à imensa planta industrial, onde, por uma sorte triunfal, *Já estava ocorrendo* um foco de incêndio num aquecedor de óleo, sendo que o fogo era combatido por uma equipe do E & P (Explorando e Produzindo). E vi, inexplicavelmente, um pequeno roedor correndo pelo chão. Parecia um hamster. Devia ser o calor. Estranhei não haver nenhum alarme.

Apesar de nosso escritório ser próximo da Planta de Processo, o motorista estacionou sem maiores problemas.

Planta de Processo é o lugar contendo torres, vasos de pressão, tubulações, motores, bombas e coisas do gênero. Extremamente feia; excelente local para rodar um filme de terror.

Foi então que o alarme geral soou. O motorista ficou aterrorizado e gritou:

— Corra, corra para o abrigo!
— Que abrigo? — Perguntei.
Um enorme bando de gente, um batalhão de peões, corria em direção a abrigos com portas de ferro, ou algum tipo de metal estranho, semelhante àqueles abrigos contra tornados norte-americanos. Só que, muito mais reforçado. Pulamos dentro do abrigo, no qual cabiam umas seiscentas e vinte e cinco pessoas, embora houvesse cerca de setecentas amontoadas.

Os abrigos não faziam parte do projeto original. Era outra precaução logística e de segurança contra ataques de animais, levada a feito pelos rabiscos e croquis engenhosos do nosso cientista-mor. Sete revestimentos mecânicos, três térmicos, duas camadas de brindagem eletromagnética e outra eletrostática, com projeto estrutural feito a base de uma engenharia que estava adiantada alguns séculos da que normalmente usávamos. Nexter gostava de esnobar...
Com dificuldade a pesada porta foi fechada. Lá fora ficou alguém berrando:
— Abram! Abram! — Enquanto batia na porta metálica do abrigo. Eu falei:
— Deixem o rapaz entrar! — Só que disseram:
— Agora é tarde demais.

Um rugido assustador foi ouvido, assim como o barulho de algum animal pesado, correndo, uma pancada seca na porta e depois o silêncio.
— Céus! O que foi isso? — Perguntei.

Ninguém sabia ao certo. AQUILO lá fora era o motivo dos abrigos. Até aquela época não chegaram a descobrir. Existiam uns sensores de movimento da Coisa, como fora apelidado o monstro, espalhados pela Floresta, quando a criatura chegava perto eles, davam o alarme. Criação, como não poderia deixar de ser, do nosso cientista-mor, Nexter. Deveriam pagar adicional contra ataques de monstruosidades também.

Ao anoitecer, por volta das dezoito horas, era a hora de voltar para Base de Apoio.

Base de apoio. Aquele belo alojamento com seis beliches por quarto, sendo cada um deles esplendidamente decorado com uma cortina vinho.

Você já morou em republica?

Normalmente voltávamos num ônibus velho, outras vezes nas nossas Toyotas de apoio. Andar em carros velhos ou antigos, mesmo diferentes, não era grande novidade para mim. Meu pai teve um Gordini, uma Vemaguette, assim como um Karmanguia. Andar de Toyota na verdade me trazia certa nostalgia.

Geralmente, na nossa frente, iam uns batedores do exército com duas metralhadoras, “ponto 68mm”,

carregadas de munição. Cederam-me uma Uzi semi-automática.
Cederam-me uma Uzi automática?

É
Enquanto eu ia lendo o seu manual de instruções, viajava ao lado de um macaco enorme, com um certo ar sofisticado, com a farda da fiscalização. A nossa farda, nosso macacão laranja. Realmente a carência de mão-de-obra especia- lizada era grande na região.

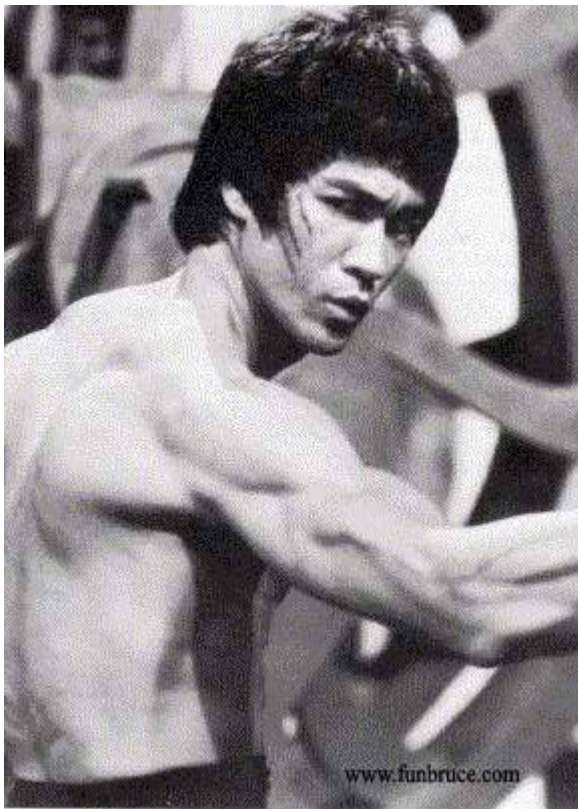
Abusanadam

Ao macaco, que além de extremamente educado, e que FALAVA fluentemente, chamavam de Abusanadam. Filósofo e lingüista, vivia às voltas do Pré-Socratismo e da leitura de debates de lógica em uns tomos velhos, escritos em grego clássico.

Lembrei-me que quando eu era um filhote, digo, pequeno, passavam desenhos de longa-metragem japoneses na Rede Globo na velha Sessão da Tarde, onde todo ano repetiam a história de um pequeno chimpanzé que teve que trilhar um longo caminho para aprender humildade.
Não sei por que pensava naquele desenho animado quando olhava para o Abusadanam.

Por falar em macacos: **Naquele dia** os macacos haviam tomado de assalto o restaurante.

Foram três horas de negociação para conseguirmos entrar nele.

Nosso japonês predileto, Hikano, ex-técnico da Fuji japonesa, atualmente fiscal contratado, intermediava as negociações. Ele ministrava, eventualmente, aulas de Tai-Chi-Chuam para o grupo dos macacos.

Hikano fora levado ainda pequeno para a China e lá permaneceu até a adolescência, aprendendo artes marciais e vários tipos de lutas com os mestres de sua época. O fato de que ele tenha morado na China por tanto tempo fez com que seu sotaque, apesar da descendência japonesa, fosse igual ao de um chinês.

Cresceu e foi para o Império do Sol, ingressou nas forças armadas e se tornou exímio piloto, assim como seu idoso pai, que pilotara um avião tipo “caça” na Segunda Guerra Mundial, o famoso Caça de aviação, japonês, o Zero.

Seu pai, porém fracassara nas três últimas tentativas de autodestruição. Hikano aspirava ser valente como um Kamikase e realizar um ato heróico, qual um “Banzai” bem sucedido, em memória de seu pai. De noite ele ia para o aeroporto mexer nas peças dos aviões que eventualmente erravam a pista...
Até aquela época ninguém sabia por que ele passava tantas horas no aeroporto... Parecia até que ele estava construindo um avião...

O Abusanadam fazia parte do grupo do meu quarto. Nós dormíamos em turnos, pois não havia

beliches para todos. O que não era incomodo para todos. O hamster que morava lá sempre encontrava um armário vago.

Ao anoitecer, sonhei que todas as operadoras da Obra se pareciam com a Ana Paula Anósio, e que a proporção de mulheres para homens da Base, de dez para cada homem, sendo todas ex-participantes do 'Mis Universo'...
Ao amanhecer nós vestíamos as fardas e corríamos para o restaurante, sempre em grupos;

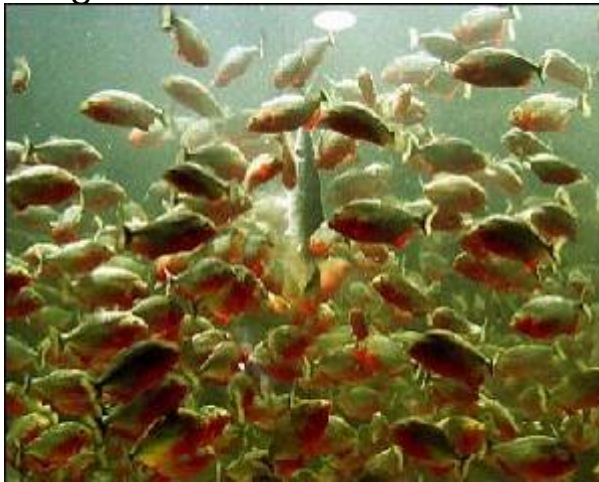
Caso tivéssemos que lutar contra alguma onça faminta, as chances de sobreviver seriam maiores.

Precisávamos chegar antes dos macacos, também.

Num daqueles dias havia um zum-zum-zum na Obra, ou como fala na língua tupi, um nhê-nhê-nhêm (acreditem é fato lingüistico), por causa de um iceberg que conseguira chegar até o pequeno

terminal no rio Urucu, cheio de pingüins. Todos os rios caminham para o mar. Para que um Iceberg entrasse por setecentos quilômetros de floresta amazônica, contra a correnteza, algo teria que te-lo empurrado até lá. Foram encontrados dentro do rio três esqueletos de baleia, próximos ao iceberg. Mesmo assim nenhuma teoria foi considerada satisfatória para o fato de possuírmos um iceberg, pequeno, porém decente, nas negras águas do rio Urucu...

Nas averiguações que se seguiram, o inusitado aconteceu outra vez. Dentro do bloco de gelo, recoberto por camadas esbranquiçadas, havia

o corpo de um ser humano! Do bloco que derretia rapidamente podia se identificar com certa certeza o que parecia ser um antigo guerreiro viking congelado.

Foi um sufoco salvar os pingüins das piranhas do rio. Quanto ao Eric, nome que a equipe deu para o congelado, foi levado para o frigorífico, até que um grupo de cientistas viesse estudar o que fazer com ele.

Como já falei antes, e como não me canso de repetir, da Base até a Obra do poderoso Polo Papagaio propriamente dita são cerca de 12 km. No caminho estabelecem-se os alojamentos das empreiteiras, assim como saídas para poços e três tribos indígenas: Os Orique, os Querio e os Oqueri. Ou talvez: Os Rioque, os Riqueo e os Queori, ou quem sabe...

Deixa pra lá. Essas três tribos possuíam costumes singulares. Uma delas praticava a antropofagia, a outra encolhia cabeças, e a outra, absolutamente pacífica. Todas as três tribos, eram idênticas quanto à pintura, adereços etc. E semanalmente trocavam de lugar. Você nunca sabia para qual delas estava dando carona.

O Carlos Borges repassou-me o último e-mail do Nexter para Aninha:

“De tanto pensar na imagem que eu tenho de você dentro do meu coração, às vezes só preciso fechar os olhos para te enxergar. Você é como um destes planetas de massa descomunal, no qual eu, um pequeno asteróide sou atraído sem condições de me desviar. A cada instante eu me aproximo mais de tua atmosfera e de longe vejo a imensidão de teus mares, tuas montanhas e teus vales. E eu sei que dia menos dia, vou fazer uma imensa cratera na crosta de teu coração...”

Cientistas apaixonados são um caso sério...

Na obra do barulhento Polo Papagaio, possuíamos um pequeno escritório próximo ao Flare ou tocha da Unidade. Quando aconteciam falhas na operação dos equipamentos do impressionante Polo Papagaio, eles jogavam o produto inflamável para o tal do Flare. Ele assemelhava-se a uma imensa chaminé metálica, com sessenta metros de altura e dois metros de diâmetro.

Diversas vezes nós olhávamos para ele queimando gás, numa labareda com cerca de 90 metros de altura. Localizava-se justamente a duzentos metros em linha reta da porta de entrada dos nossos escritórios. As paredes chegavam a tremer, assim como as mesas quando o monstro ruminava fogo de suas entranhas metálicas.

No escritório havia um pequeno arquivo técnico, várias salas com computadores, uma geladeira e muito papel. A geladeira sempre tinha

muitos salgados e suco de Cupuaçu.

De vez em quando passava uma japonezinha pelas nossas salas recolhendo Projetos para o Arquivo Técnico. A, caráter, de quimono. Era a Miki. Ela era a pessoa que tinha a difícil tarefa de cadastrar e localizar milhares de desenhos dentro de uma sala que se alguém espirrasse explodiría as janelas.

Na sala administrativa conheci o Márcio e uma pequena índia. Ela se chamava **Eliã**.

Quanto ao Márcio, fizemos amizade fácilmente, e juntamente com o hacker do setor nós críamos uma brincadeira bem interessante...

Uma Toyota na escuridão.

“Uma Toyota na escuridão”, antes de tudo, poderia se definir como sendo um exercício de coragem descomunal. Nós três voltávamos para a Base de Apoio, lá pelas 20:00 e no meio da escuridão começavámos a anunciar:

“Senhoras e senhores. A Twenty Century Fox em conjunto com a Paramount e Metro Golden Mayer tem o prazer de apresentar: — O Márcio fazia a música de suspense —
“Uma Toyota na escuridão”

O Carlos Borges já começava a berraria. Com cerca de cem quilômetros por hora no asfalto e envolto numa escuridão que parecia o breu, quem estivesse dirigindo apagava as luzes da Toyota que caminhava na absoluta escuridão por quase vinte segundos, enquanto todos gritavam como num filme de terror. É claro que quando os faróis eram religados já estávamos quase que fora da estrada,

ou quase caindo num igarapê, ou subindo pela lama do acostamento.
Então calmamente anunciávamos:
—Tivemos o prazer de apresentar, mais uma vez:
Uma Toyota na Escuridão.
Nossos agradecimentos a todos os que têm acompanhado a saga desta instensa e imensa aventura. “Também aos nossos patrocinadores.”

Quanto a Eliã, muito sorridente, nos cumprimentou e desejou boas-vindas. Eliã morava em Coari.
Disseram-nos que ela era descendente de uma tribo muito famosa da região de Coari e que herdara este nome como homenagem a dez gerações passadas, quando julgava certa lenda, uma grande guerreira chamada Eliã enfrentara um animal terrível. Animal cujo nome eu jamais iría esquecer:

Mapyguari.

Saímos para dar uma volta pela área. Conhecemos os gigantescos compressores do Polo, seus turbo-geradores, vasos, torres, fornos, bombas e diversos equipamentos. Quilômetros de bandejas metálicas encaminhavam os cabos armados de diversos níveis de voltagem, que se conectavam a milhares de instrumentos, motores e válvulas.

E fazia muito calor. Por toda parte tinha insetos. Nas janelas havia telas. Em todos os lugares imagináveis havia insetos. Borboletas, mariposas,

besouros, e os IVNI (Insetos Voadores Não Identificados).
Na hora do almoço, pegávamos as Toyotas e voltávamos a Base, onde se localizavam nossos alojamentos e o refeitório.
E por falar no refeitório...

Quanto aos pingüins, para que não houvesse risco da nossa Engenharia perder a certificação da norma ISO 14001, que trata da preservação do meio ambiente, foram improvisadas roupas isotérmicas, capas com gelo, permanecendo eles no NOSSO refeitório, que teve a monstruosa, antiga e desregulada máquina de ar-condicionado da Mitsubishi, inclementada ao seu limite máximo.

Isso incomodava muito o tal rato imorrível, que eventualmente participava das refeições conosco.
Além disso, tudo, eu podia jurar que um daqueles pingüins usava óculos...

De certo modo, o frio glacial do refeitório colaborou para uma trégua na guerra contra os macacos pela

tomada do mesmo. Em compensação, tínhamos que comer rapidamente antes que congelássemos.

No terceiro dia de embarque, o rapaz do Controle de Qualidade Elétrica da Techim avistou uma estrela cadente que se incendiou e caiu na Floresta. (Esse livro mescla de modo quase indivisível a fantasia e a realidade, esse fato, no entanto é verídico. Quem acreditaria se eu dissesse que um gerador a diesel explodiu do meu lado um minuto depois de que saí de seu lado? Ou que Sobrevivemos sem um arranhão a um vazamento de gás que perdurou vinte minutos a uma pressão de 23 Quilos/cm^2? Ou que vivíamos sendo iluminados por colunas de gás queimando com cerca de 90 metros de altura, ou que um dia uma chuva apagou uma de nossas “chaminés” ou flares

e que noutro dia um relâmpago tornou a acendê-lo?)

Um estranho pressentimento me dizia que aquele acontecimento ainda ia trazer complicações.
Enquanto isso seguiam incansáveis as viagens do Hikano ao aeroporto da Base. Eventualmente, o rato imorrível acompanhava ao Hikano.

Os escravos, digo, os contratados, estavam já indo para o sexto mês de confinamento. Alguns já estavam desaprendendo a falar o português. Os argentinos da Techim viviam uniformizados com as cores do time Boca Juniors. No dia da derrota da Argentina para o Brasil na copa América, de raiva, entraram na Floresta para caçar onças, à unha.

Cada um voltou com duas. Foram duramente repreendidos e tiveram que soltar os bichos assustados, que correram sem entender nada, para o meio da Floresta.

Do restaurante onde estava o frigorífico, na manhã seguinte, veio a notícia que o Eric havia desaparecido. Os pingüins foram interrogados por duas horas pela vigilância. Como haviam feito um pacto de silêncio, nada disseram.

Quem poderia ter furtado o corpo do “congelado”?

Certamente a vida possui essas questões difíceis de entender.

Enviaram para o Polo um mecânico da Sulzer, o Teodoro Florentino Misto Cartesiano, que já trabalhara nas bombas Montro A e Monstro B lá do antigo parque de bombeio da Reduc (Refinaria Duque de Caxias). O serviço dele seria extremamente fácil. Teria ele inteiros 14 dias para fazer 48 bombas com seus trocentos subsistemas de lubrificação funcionassem a contento...
Nada que um homem sozinho não terminasse em duzentos e trinta e oito anos, quatro meses e quinze dias...

O Abusanadam foi destacado para acompanhá-lo. O Alexandre trabalhava ao som das recitações de Homero e Ilíadas, em grego arcaico, por parte do Abusanadam. E vez por outra passava **certo roedor peludo por cima das tubulações**. Quando os insetos deixavam. Era inseto no chão. Era inseto nas paredes. Deveria ter feito faculdade de entomologia.

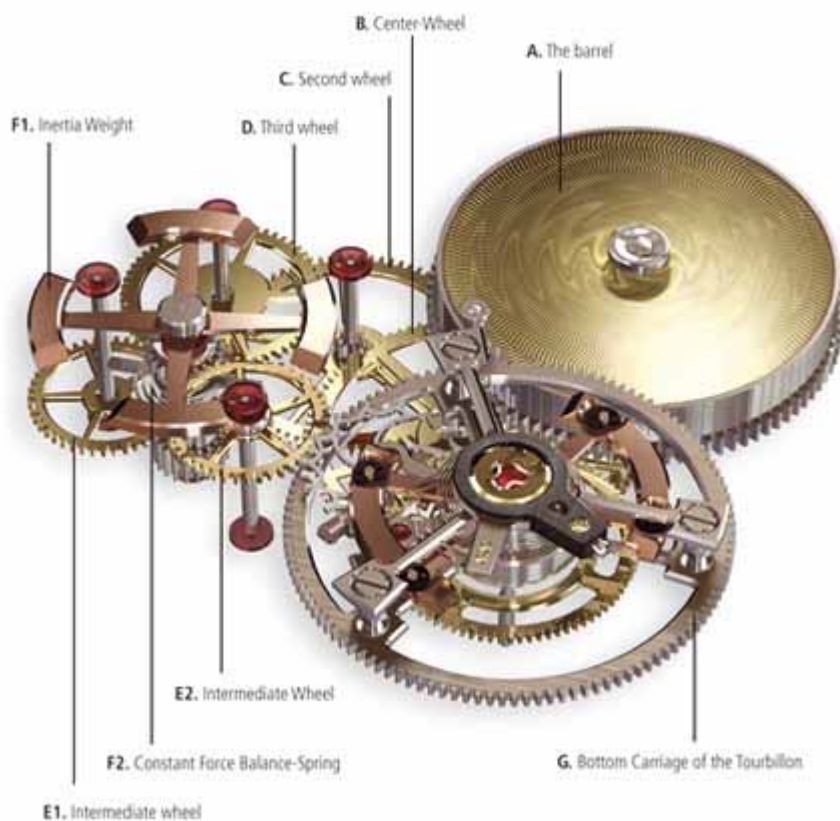
Aconteceu, pra variar, outro incêndio no aquecedor de óleo. O pessoal de combate a incêndio chegava bocejando, e apagava o fogo em uns dez minutos. A não ser quando o Alexandre estava presente. Alexandre inquietava-se *como galho de sarandi tocado pelo vento*, quando via fogo. Quando ele chegava, era um fuzuê. Parecia Guerra nas Estrelas. Ele chegava dando um cavalo-de-pau com o caminhão de combate a incêndio, e vez por outra jogava alguém da brigada de combate a incêndio para dentro de algum lugar. — ONQUIÉ? ONQUIÉ? — Já chegava gritando desesperado.

— Ô trem bão! Anarriê! Esse foguinho é meu! Cadê as mangueiras? Abre o canhão! Abre o canhão! Pela esquerda! Joga espuma! Mais espuma! Mais espuma! Águaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaa! Coloca mais água. Arrasta as mangueiras! Jorge pela direita! Antunes se atira no fogo! Que fumaça, que nada! Mascára! Mascará!! Cadê a máscara? Capacete! Jateia ali! Não, Lá. Mais pra cima! Segura o bicho pelas tripa! Isso num é fumaça, isso é incenso! Vem pra mim fogo dos inferno!

De noite eu conversava pela Internet. Eu entrei em um Chat gráfico (uma página de conversa pelo teclado através da Internet) denominado A3, onde havia uma menina chamada

Joana. Eu sempre entrava com o nome de Eric, em homenagem ao congelado. Ela já foi logo falando:
— Joana: Oi Eric!
— Eric: Oi Joana!
— Joana: Eu estou esperando uns amigos aqui no Chat...
— Eric: Que legal
— Joana: De onde você tc? (No informatês básico significa: de onde você está teclando)
— Eric: Linda Joana, se eu contar você não vai acreditar.
— Joana: Obrigada pelo: linda!
— Eric: Você é uma micreira de carteirinha?
— Joana: Exatamente.
— Eric: Joana quer casar comigo?
— Joana: Nossa! Você é rápido! Não posso, estou noiva e vou casar em outubro.
— Eric: Minha grande desilusão amorosa
— Joana: você está tão carente assim?
— Eric: (nessa hora eu menti descaradamente) Não! Só estou brincando com você! Felicidades ao noivo.
— Eric: Está gostando de conversar comigo?
— Joana: Sim, gostando muito...
— Joana: Sim gostando muito, você é muito engraçado...
— Eric: Quando você disse “gostando muito” eu quase derreti sobre o teclado...

— Joana: Não faça isso! Assim você não vai conseguir mais teclar.
— Eric: Você está rindo de verdade? Ou só sendo polida?
— Joana: Estou desabando de tanto rir, tenho que me segurar para não cair.
— Eric: tenho que ir, um abraço nos seus amigos...
— Joana: Como faço para falar com você novamente?
— Eric: É fácil. Encosta a cabeça bem próxima à tela
— Joana: Encostei.
— Eric: Agora grita bem alto: Macarrão!
— Joana: Macarrão!
— Eric: macarrão@uol.com.br (o nome do e-mail original foi modificado)
— Eric: viu, deu certo!
E assim se passavam as noites.

Quando eu era um filhote, digo pequeno, adorava desmontar coisas. Antes da geração dos relógios digitais, quando um relógio comum possuía uma parafernália de engrenagens e geringonças. As engrenagens de um relógio têm uma beleza e simetria incomparável. Quanto menores eram os relógios, mais perfeitas era as pequenas peças que formavam aquele pequeno universo pulsante marcador de tempo, prestes a desabar sobre as tremendas habilidades que eu possuía de arrancar aquelas pecinhas que juntas marcavam as horas, e que separadas viravam excelentes piões. Girar uma daquelas engrenagens num chão lisinho era quase um sonho.

A engrenagem não parava nunca de rodar. E eu conseguia desmontar relógios dentro de um armário, na mais completa escuridão, para que meus pais não percebessem que eu estava transformando um *caro* relógio, em coisa alguma...

E tive outro sonho. Sonhei que a Sandra Bulock trabalhava numa bilheteria do metrô e que era apaixonada por mim. Até que um dia passei

mal na fila e... Sempre acordava com a impressão que já vira esse filme antes.
Naquela manhã eu acordei tarde. Perdi de novo o ônibus que nos levava ao Polo e peguei carona com uma das três Toyotas que nos davam apoio. Perto da ponte tivemos que parar para que passasse um caminhão. No meio do caminho entrou um inseto que me parecia familiar.

Do tamanho de uma caixa de fósforos 'tamanho grande'.

Ele possuía um amassado na carapaça e suas antenas zumbiam num ruído que me parecia ser um clamor de vingança. E desta vez o motorista estava desarmado.

Será tudo isso um sonho
Entre árvores e copas
Será tudo isso a mente
Te dizendo pra dormir
Ouves tu, a Arara grita
Como um monstro voador
Ressabiada susuarana,

Inda mais onça assustada
Onde estão esses tucanos
Que ontem me espantavam cedo
Não sei se eles vão voando
Ou caindo pelo ar...

Capítulo SEGUNDO

b) Nessa situação, Brás Cubas confessou ter passado pelas mesmas sensações pelas quais passou à época do emplasto. Que sensações são essas alimentadas por nosso protagonista?

Seriam sensações boas? Sensações ruins? "QUE SENSAÇÕES SERIAM ESSAS?" OH, DEUS, EU ME PERGUNTO.

Eu mereço! Estou tendo uma sensação tão ruim ao iniciar a correção dessa prova...

"As coisas podem piorar, você é que não tem imaginação."

Lembrando certa poética resposta minha a certo convite indecente para trabalhar em turno, percebo que certas vezes, certos acontecimentos, têm certa razão de ser...

“A noite é feita para os morcegos, hamsters e criaturas noctívagas. Tá me chamando de boêmio? ‘Se acha’ que na minha idade eu tenho condições de ficar acordado de madrugada? Curtindo o doce som das válvulas de alívio ululantes?!
O turno é como uma mulher mal-humorada e mal-amada, Que sorri com ofertas enganosas de prazeres ilimitados, as quais não poderá jamais nos conceder... A refinaria a noite um masouléu cuja serenidade noturna é quebrada, mormente por incêndios descomunais, e quedas de energia cuja origem está geralmente num campo místico além da nossa limitada compreensão. Fantasmas de operadores de eras passadas gritam em banheiros de Zonas de manutenção abandonadas. Tubulações escondidas sobre unidades cujas plantas subterrâneas morreram junto da tecnologia da microfilmagem, ainda transportam produtos desconhecidos, para ninguém sabe onde, sendo encontradas somente na hora derradeira da cravação da estaca assassina. Um lugar proibido à beleza das lolitas, onde mesmo as corujas sentem assombro quando abrem seus imensos olhos um pouco mais, procurando a quem entregar suas cartas... (Harry Potter que me perdoe). Não,

Eduardo. Não atenderei a este apelo do inominável. Não desta vez...”

Trouxeramos uma barra de ferro no banco de trás. O problema era quanto tempo a gente podia prender a respiração, estar imóveis, distrair o inseto e pular para o banco de trás para pegar a barra, tudo ao mesmo tempo.
O motorista sinalizou com os olhos, dando a entender que ia pular para o banco detrás. Sobrou para eu distrair o inseto.

— Olha! Lá fora! Uma Joaninha! — Eu apontei.

O inseto era muito burro (o que bem poderia ser chamado de um zôomorfismo), virou a cabeça em direção ao lado que eu apontava. O motorista conseguiu pegar a barra de ferro, enquanto eu pulava para fora da Toyota para pegar a metralhadora Uzi que eu deixara na caçamba da Toyota. Ele batia violentamente com a barra de ferro no inseto, que não se intimidou. Numa linguagem despida de subjetividade: — Partiu para cima do motorista —.
A Toyota balançava enquanto eu tentava pegar o raio da metralhadora. Como o carro não estava

engrenado, começou a descer em direção do rio. Foi ai que eu vi a primeira cobra daquela região. O monstro fazia ondas dentro do riacho, enquanto se aproximava da margem para a qual a Toyota descia. 'Se abaixa' que eu vou atirar! Não deu para ver se ele havia se abaixado. Estourei os vidros da Toyota e o inseto fugiu covardemente pousando na estrada. O problema agora era parar a Toyota. Quando finalmente o motorista reapareceu, a Toyota já submergira meio metro dentro d'água. E a cobra vinha chegando.
— Arranca com esse carro! — Gritei.
O carro, por sua vez, não pegava. A cobra saiu com a cabeça de dentro do riacho e a Toyota escureceu com a sombra do animal. Lá no alto da estrada o inseto zumbia como se estivesse rindo. A Toyota finalmente pegou. Nessa hora eu descobri para que servia aquele pequeno câmbio ao lado da marcha maior: Tração! A Toyota disparou subindo o barranco e caiu no meio da estrada. O inseto empalideceu. O motorista passou por cima dele, como se tivesse subido numa pequena pedra... Então POFFT!

Fim daquela criatura asquerosa.

Nós estávamos indo para a Subestação Arara Quatro do Insofismável Polo Papagaio. Uma Subestação é como chamamos o local onde

abrigamos os painéis elétricos que alimentam uma Unidade Industrial. Caso funcionem.
A Subestação Arara Quatro, apesar de abrigada, possuía dezenas de espécies de árvores. Para se chegar aos painéis era necessário um guia, e um facão afiado. Já era o segundo dia que procurávamos, nós, o Abusanadam e o técnico do Controle de Qualidade, ao técnico da Treeal dentro da mesma. Então aconteceu que outra tribo indígena que morava na Subestação Arara Quatro indicou a taba onde ele se encontrava preenchendo a folha dos testes dos painéis. Como já fazia dois anos que se testavam os equipamentos, o técnico aproveitou para se casar com uma linda índia da tribo, Brisa Serena, e já estava vestido conforme os costumes locais.
Brisa Serena tinha os cabelos negros ondulados, quase azulados, pele moreno-jambo e os olhos puxados... Incrivelmente azuis.
Azuis?
Sim, azuis...

Interessante frisar que o técnico da Treeal entrou na sala no exato instante que eu estava escrevendo este trecho do livro (Grande parte deste livro foi escrito em URUCU). Dei o mais rápido “comando minimizar janela” da história da Informática, desde a invenção do sistema operacional UNIX.

Mermão, fomos atacados pelas três tribos que eu citei lá no início do livro, ainda no interior da Subestação Arara Quatro: Os Orique, os Querio e os Oqueri. Ou talvez, os Rioque, os Riqueo e os Queori, ou quem sabe... Cercados, carregando somente instrumentos de testes, uma prancheta e três canetas bics, numa avaliação superficial, mortos. A importância de seguros pessoais deveria ser repensada para nossos próximos embarques, assim como valores de pensão em caso de sinistro. Quando tudo parecia, assim, sabe, como que causa perdida, apareceu um sujeito enorme, com uma couraça e um capacete estranho, e uma espada gigantesca. (A preguiça me impediu de detalhar a indumentária do sujeito. Essa mudança irritante de estilos literários é proposital.) Era tão branco que parecia estar azulado. E bravo como um touro. O sujeito de aparência escandinava pulou em cima da

tribo inteira de uma vez. Tendo em vista a possibilidade de crianças virem a ler essa história num futuro qualquer, retiraremos a possibilidade de uma carnificina com ossos partindo, muito sangue derramado, cabeças cortadas, e etc.

As tribos foram afugentadas. Restava, como sempre, aquela terna pergunta básica: Estaríamos a salvo da fúria do guerreiro? Graças a Abusanadam, sim. O símio conhecia inglês arcaico, e pelo menos quatro variantes de norueguês. Era também versado em línguas indo-européias.
O Eric fora encontrado.
Resolvemos colocar ele para "dar uma força" na elétrica. Sabe como é, aquela história de falta de mão de obra especializada.
Naquela noite teve festa no refeitório e foi emocionante o reencontro entre Eric e os pingüins. Tão grande foi sua alegria que até nos deixaram entrar no refeitório. Agora eles eram os senhores do refeitório. Imaginávamos que os macacos iriam fazer uma ofensiva a qualquer momento
Foi o que aconteceu. Eles chegaram aos milhares, e nos cercaram dentro do refeitório. Pareciam abelhas ao redor de nós.

Os pingüins se posicionaram em formação de guerrilha.

Você já viu um pingüim em formação de guerrilha?
Bom, não importa. Eric dava ordens em pinguinlês com um ligeiro sotaque germânico. Permanecemos, à espera do ataque final, munidos, apenas de talheres em nossas mãos.
E os talheres eram de plástico.
Resolvemos nos render. Mandamos o Abusanadam com uma bandeira branca tentar um acordo honroso com a macacada hostil. Ele voltou com a bandeira em frangalhos e com uma expressão aterrorizada. Foi quando começou a chover.

A chuva.
Sempre imaginamos a chuva como um elemento extremamente poético.
As gotas deslizando pela janela,
o vento balançando docemente as árvores,
e o doce barulho das gotas sobre o telhado...
A chuva.
“Que que é isso minha gente! Vixe Maria”. Só quem viu uma torrente de água descendo de um céu negro que nem o breu, gotas do tamanho de bolas de tênis e raios feitos de pura cor é que têm idéia de uma chuva em URUCU.

No vigésimo segundo raio que caiu em exatos vinte e dois segundos, a macacada se dispersou. Os macacos voavam ao sabor da ventania. Quando terminou a doce chuva... O dilúvio... Existiam somente umas manchas negras, no piso carbonizado, espalhadas aleatoriamente pela área ao redor do refeitório.

Vencemos...

Tive outro sonho naquela noite. De novo com a Sandra Bulock. Eu era um policial e estava com ela dentro de um ônibus, ela dirigia, que não podia diminuir a velocidade porque possuía uma bomba que explodiria se isso acontecesse.

A manhã transcorreu sem maiores incidentes. Novamente perdi o ônibus, e lá fomos nós na Toyota. Paramos para arrancar uma Figueira do caminho.

Depois da chuva, nós levávamos explosivo plástico para desobstruir o caminho. O processo era bem demorado, não tanto pela dificuldade técnica de execução do mesmo, mais pelo discurso de despedida que o Abusanadam fazia para cada uma

delas antes que a explodíssemos. Sempre levávamos o Abusanadam nos dias de chuva.
Foi durante um desses discursos, proferido ainda dentro da Toyota, seguindo a risca as dicas do Dale Carneggie, famoso professor de oratória americano, que um bicho preto, com sua carapaça torta, meio amassada, e sem uma antena, entrou de novo na nossa Toyota.
Parecia-nos familiar. O zumbido estava um pouco rouco, mas era ele mesmo.
Partimos inabaláveis para dentro da criatura. Ai já se tornara abuso. O inseto era muito forte. Dá-lhe barrada de ferro, e puxa a antena que sobrou, joga a criatura para o lado. Abusanadam foi jogado para fora do carro. Ele estava vencendo. Sobreveio enfim a não tão fabulosa idéia — O explosivo plástico — O problema era parar o 'pequeno tanque de guerra voador'

Desta vez o motorista trouxera uma magnum 357. O tiro certeiro, do exímio motorista, lançou-o para o painel dianteiro. Ainda tonto foi emplastado de massa do C4, o explosivo. O motorista enfiou a espoleta na pasta.

Pulamos para fora da Toyota, nos abrigando atrás da árvore caída. Cada Toyota recebera um nome. Essa se chamava Demoiselle. Abusanadam estava com o detonador. Só que era emotivo demais.

— Aperta essa joça! — Nós todos gritamos.

Demoiselle Voou pelos ares. Pobre Toyota. Abusanadam chorava. Não sobrara nada, absolutamente nada, sombra, cheiro, antenas ou patas do asqueroso inseto. E nem da Demoiselle.

Duas horas depois chegamos ao Polo. Abusanadam repetiu duas vezes durante o trajeto a tragédia grega, de Sófocles, tragédia cujo nome não guardei...

Pra variar, era dia de teste hidrostático de uma das Esferas.

Esfera é o nome de uma bola de vinte e dois metros de altura, 3 polegadas de espessura e peso descomunal, que usávamos para estocar gás.

Teste hidrostático consistia em encher aquela Esfera enorme de 20 metros de diâmetro com água, para ver como a sua estrutura se comportaria. Pouca água, só umas 10 piscinas olímpicas.

Naquele dia havia um americano, natural do Kansas, de uma cidadezinha chamada Smalville, que fazia uma reportagem sobre a Obra. Como era mesmo o nome do jornal dele? Era alguma coisa com Planet no final. Estava fotografando as esferas quando o acidente aconteceu. Os pilares não suportaram o peso e ela se desprendeu, rolando em direção ao sujeito que seria completamente

esmagado. Todos fecharam os olhos para não ver. Porém, algo impressionante aconteceu. Um rastro, de cores vermelha e azul, indefinido, envolveu a esfera e a levantou no ar; ela então desceu suavemente e novamente foi assentada sobre os pilares. Outro clarão e suas colunas quebradas se tornaram incandescentes, e quando tudo terminou, ela estava como antes, fora a fumaça que saia de todas as colunas. Foram encontrar o repórter caído no pipe-rack ao lado das esferas, desmaiado. Perguntaram se ele estava bem.
— Tudo bem com o senhor, mister Kent? — Ele acenou ajeitando seus óculos e limpando a poeira, que estava tudo bem.
Logo depois deste incidente voltou para Metrópolis, onde atualmente residia.

Um grupo do Nordeste havia trazido um jornal de Pernambuco, que tinha uma notícia muito engraçada. Na primeira capa, a foto de dois ‘heróis’ locais, fantasiados. Parece que haviam salvado um

grupo de crianças de um incêndio, evitado um assalto a um supermercado e acabado com um seqüestro a um ônibus, tudo no mesmo dia. Vestiam umas roupas estranhas, o primeiro com uma mistura de Batman com Zorro, só que com uma capa bordada... O outro parecia ter saído de um seriado japonês. Muito hilário. Da terra do Hikano e do Aluízio. Coisa do Cearense... Mostrei o jornal para Hikano que riu sem graça e disfarçadamente foi se afastando... De noite um noticiário sobre os dois heróis mostrou a filmagem do supermercado, feita por um amador, sobre o assalto impedido. Dava para ouvir até os diálogos.

— Avante National! Essa vulgaridade insana distribuída nessa violência escrota me dá ânsias de vomito. Eu tê dou a cobertura necessária enquanto tu, cabra macho sim sinhô, faz uma leve demonstração do nosso inenarrável treinamento para realização de atos heróicos e coisas afins. Esses meninos tão carecendo de um corretivo. Porrada neles National! — O camarada vestido de negro numa mistura estilizada de Batman, Zorro e não sei-mais-o-quê comandava um baixinho fantasiado com uma roupa que parecia saída de um seriado de televisão antigo. Seu sotaque de nordestino, comendo rapadura com farinha de mandioca, dava um acento inconfundível à cena

incomum. Deveria haver cerca de duzentas pessoas correndo debaixo de uma formidável artilharia, por causa do que representava o incrível poder de fogo de seis assaltantes, que constava de metralhadoras a armas automáticas. Estantes inteiras eram metralhadas, latas de leite condensado vazavam enquanto molhos de tomate e caixas de leite de soja sabor laranja voavam em pedaços se confundindo com a poeira intensa das sacas de farinha de trigo estouradas pelo tiroteio vão. O supermercado parecia uma praça de guerra.

— Sim Honolável!

National man. Eta nomezinho para herói nipônico-nordestino. A partir deste dia, assim o baixinho com mascara engraçada seria reconhecido. Pelo noticiário, a situação já estava tensa desde a hora de abertura do supermercado, quando os assaltantes o invadiram, piorando muito mais com o cerco da polícia de Fortaleza.

A figura esquálida sobre com o uniforme ainda mais esquisito se esgueirava pelas prateleiras e com saltos ornamentais se atirava sobre o não menos espantado grupo de assaltantes. E mais farinha voava pelo supermercado que a essa altura parecia Londres em dia de nevoeiro. As imagens esbranquiçadas não permitiam entender muito do que estava acontecendo. Certa hora o barulho de chicotada crispou o ar e um bandido caiu no chão.
— Em capa que tia Josefina cozeu, abestalhado ninhum põe a mão, bandido sem-vergonha...

Pelas minhas contas já tinha pelo menos uns três bandidos espancados.

Dois dos marginais voaram por dentro das prateleiras e por fim só sobrou um sujeito, que se agarrou com uma refém. Eu acho que era uma refém. Não dava pra ver direito com tanta farinha no ar. A mulher gritava mais que porco quando é levado pro matadouro em dia de festa junina. O tal mascarado parou na frente do bandido com refém, enquanto o Japonesinho fazia uma posição, a qual segundo Hikano, denominava-se *“flor de laranjeira em dia de vento exíguo”.* O cara mais magrelo simplesmente arrancou a arma da mão do bandido com a melhor (e mais certeira) chicotada de todos os tempos. Quando a farinha abaixou, havia um supermercado semi-destruído, muita gente

tossindo e seis assaltantes amarrados ao lado de uma pilha de armas. Coisas do nordeste.

Milhares de pessoas trabalharam para construção das obras do instigante Polo Papagaio. Havia uma equipe de indianos, cerca de vinte e sete sujeitos que vieram somente para a pré-operação da planta industrial. Os coreanos andavam as voltas com o projeto dando ênfase Automação da Unidade com computadores rodando um tal de VMS. Haviam tantas nacionalidades misturadas a brasileiros, de tantas regiões, que às vezes nas reuniões, só com tradução simultânea.

Na mesma época os peões da Obra começaram um movimento intitulado "Morte aos encarregados". Que na verdade reivindicava somente a cabeça dos supervisores numa bandeja, literalmente falando. Um grupo armado de pedaços de eletrodutos e coisas afins, gritando palavras de ordem, se dirigiu até a entrada do barracão dos supervisores, dispostos a matar ou matar. Depois de muito custo, a horda foi contida quando os supervisores, visando sua auto-sobrevivência, colocaram a culpa na crueldade da Fiscalização.

O bordão foi atualizado para "Morte para a Fiscalização" (com pequenas variações). Depois de

disputada assembléia em que, por diferença de três votos mudaram o bordão para:

"Morte cruel para a Fiscalização".

Cercaram o escritório. Eram incontáveis. Até os que permaneciam já há meses perdidos na Floresta, se ajuntaram ao ensandecido grupo. Foi quando nosso reforço na elétrica saiu com brados, levando a porta da entrada com ele. Eric se atirou em cima da inumerável multidão e disse uma frase que depois o Abusanadam traduziu como:

— Esses aqui são meus, arranjem outros para vocês lutarem.

Negócio muito violento. Meia-hora depois tinha peão espalhado até por cima do pipe-rack. É certo que Hikano deu uma ajuda memorável quando em vinte e dois segundos derrubou exatos vinte sujeitos, com uma seqüência de golpes alucinantes. Repentinamente Omã Saiibh Abdul Salam, soldador crudelíssimo, apareceu no meio da Unidade Industrial. Ele media quase dois metros e meio de altura. A bota dele fora trazida de balsa. Eric não era tão alto assim. Seus dois metros e vinte ainda não faziam sombra aos dois e quarenta e cinco do brutal soldador. Eric não se intimidou. Arrancou em

direção de Omã Saiibh Abdul Salam. Omã arrancou com uma das mãos um pedaço da tubulação de quatro polegadas e os gigantes se chocaram. O chão tremia. Os peões e um hamster, incrédulos observavam a terrível luta que se desenrolava no meio deles. Lutaram cerca de três horas. Por fim, três compressores de gás residual desmontados depois, do meio dos escombros, levantou-se um vencedor.

Omã.

Eric não se levantou mais. O espanto geral se apoderou de toda, completa e plenamente aterrorizada Fiscalização. Menos de um deles. Hikano estava lívido de ódio. Enquanto Omã se aproximava do pequeno grupo de Fiscais que se espremia como ovelhas que são levadas ao

matadouro, Hikano se postava entre nós e o monstruoso soldador.
Sua posição lembrava vagamente o Bruce Lee. Ou melhor, o Jet Lee. Omã parou próximo ao pequenino Hikano.
— Pala tlás monstlo lepugnante. Se deles mais um passo, tua tliste vida telminalá nesse exato momento — Disse Hikano, com uma expressão que perduraria na memória do grupo pelos anos que se sucederiam. Hikano movimentou os braços como se fortalecesse cada músculo, retesando-os e pisando sobre o chão da unidade com arranjos que se assemelhavam aos passos de Tai Chi. Estendia as pontas dos dedos que se curvavam a altura dos seus olhos suavemente.

Omã sequer piscou. O gigantesco soldador misturava sua tensa respiração a um grunhido gutural, enquanto dobrava o imenso pescoço tatuado com mosaicos de formas geométricas. Subitamente ele tentou bater em Hikano. Somente tentou. Como se amarra o vento? Como se prende a luz? Quando os seus gigantescos músculos retesados se distenderam, poder-se-ia afirmar a respeito de Hikano que nenhum homem jamais se moveu assim. Hikano movia-se à velocidade da luz (uau!). Desprezando as leis eternas da gravidade, Hikano tocou, de cabeça para baixo, nos tubos do pipe-rack. Ainda estava voando quando acertou três socos quase no mesmo momento em Omã. Pulou sobre os 2,45 m de Omã como se subisse num degrau.
Foram tantos chutes que eu não pude contar, mesmo porque eu não conseguia ver. Omã resistia impassível. Porém, mesmo montanhas costumam se curvar diante da força do vento. Hikano golpeava com maior velocidade. (Já foi provado em laboratório que a luz pode ter sua velocidade ultrapassada, porém deixado de lado à apreensão técnicista do texto, pense na expressão como uma figura de linguagem. Pensaram que eu não ia

reparar...). Por dois minutos o gigante ainda avançou. Porém Hikano deu uma parada em pleno ar. Ele parou no ar. Antes de Matrix. O gigante deu um passo em direção de Hikano que ainda flutuava no ar. Girou sobre o próprio corpo e acertou um poderosíssimo chute. Pela primeira vez o gigante parou. E temeu. A partir daí Omã recuou. E foi recuando sobre o peso das mãos do pequenino Hikano. Numa última e desesperada tentativa, o gigante arrancou uma tubulação de oito polegadas e a atirou sobre Hikano. A tubulação se dobrou sobre os pés de Hikano, quebrando-se como cristal em sólidos três pedaços. Hikano olhou uma última vez para os olhos do soldador. Omã tremeu. A luta terminou ali mesmo. Na mesma posição que o combate se iniciara. O golpe final de Hikano foi tão violento que Omã desabou, levando após si mais dois vasos de processo, cada um com duas toneladas.

A MORTE DE ERIC

Foram socorrer o Eric. Porem era tarde demais. Eric havia morrido. Nós sofremos como joelho de freira na Semana Santa. Fizemos-lhe um enterro viking, com um barco improvisado, levando Eric pelas águas do Rio Urucu. Ao longe o pequenino e

incendiado barco era arrastado pela correnteza do rio. Estava indo para Asgard.

Os pingüins choraram por toda aquela semana.

Sobre a Guerra

Raios cujo diâmetro chegava à ordem de milhões de quilômetros faiscavam de suas vestes quando o primeiro anjo se levantou para o combate. Sobre seu peito flamejou um peitoral adornado de pedras preciosíssimas, enquanto tirava de uma bainha feita de plasma uma espada espelhando a própria representação do poder.
Em sua mão sibilou esta espada, ecoando este sibilo até as regiões mais distantes do universo através da matéria que antes preenchia aquilo que hoje conhecemos como vácuo, cortando o manto de escuridão. E deixando para trás a própria luz, pendente sobre a vastidão do inimaginável, voou... Além e acima das leis da estremecida Criação e num primeiro golpe impressionante, lançou ao longínquo o maligno ser. Tamanho golpe definiu as linhas do tempo, e modelou duas de três dimensões.
Sobre o peso de tamanho confronto parte da imensidão escureceu. Parte da imensidão se dividiu.
Levantou novamente o bravo, sua fortíssima arma, que de tão resplandecente, até a escuridão ao seu redor, fez incandescer e queimar.

Antes que o golpeasse pela segunda vez, um chamado em sua alma o estancou. Ele levantou sua fronte e parado escutou.

Neste ínterim, sabendo que morreria, o outro anjo num turbilhão, fugiu por entre o tempo e as dimensões.

Deixando a própria esfera da existência, atravessou os domínios e irrompendo sobre o abismo, mergulhou.

O abismo, insondável, de escuridão inimaginável lhe serviria de abrigo. Não por muito tempo.

O primeiro anjo olhou para dentro do abismo, e o abismo estremeceu. Flutuou sobre a tremenda escuridão e num salto,
num magnífico salto, sem temer,
mergulhou.

Capítulo TERCEIRO

"Gato: um autômato flexível e indestrutível, fornecido pela natureza para ser chutado quando as coisas vão mal no círculo doméstico."

Se o Jayme estivesse aqui, certamente Eric não teria morrido. Ninguém sabe ao certo dizer porque o Jayme era tão forte. Alguns dizem que ele simplesmente não era humano. Tinha uma versão

sobre o fato de seu pai ter sido visitado por um anjo antes de seu nascimento. Isso já havia acontecido uma vez, lá nas terras de Israel, poderia ter ocorrido segunda vez... A mãe do Jayme era Húngara e o pai o último descendente de um povoado estranho, do leste da Rússia, um grupo indígena muito parecido com certas tribos americanas, com costumes e lendas próximas, cujas tradições remontam da antiguidade. Não falaram por muito tempo nenhum dialeto russo, até quando sua língua natal pereceu. E é claro que eu não vou perguntar para o Abusadanam o que eles falavam porque é capaz do símio abusado me responder. A mãe veio para o Brasil com o filho recém nascido, logo após a morte do seu pai, indo a residir ao sul do país, em Panambi, interior do Rio Grande do Sul. Contam que aos dois anos de idade, Jayme segurou uma corda que se arrastava no chão, por detrás de uma carroça carregada de tonéis de vinho, arrastada por uma junta de doze bois. Doze enormes bois. Ele olhou curioso para a corda que se arrastava no barro perto de si, emcapuzado e vestido dos pés a cabeça por causa da baixa temperatura do inverno no sul. Resolveu segurar a corda e de brincadeira ele a puxou. Não foi preciso dizer que começou a ser arrastado junto com a carroça, que passava lentamente pela velha estrada na frente de sua casa.

Quando a carroça passou perto de um poste de iluminação, Jayme agarrou-se ao poste com uma mão enquanto com a outra segurou a corda da carroça. A corda começou a esticar, esticar e esticar. Jayme ficou vermelho e continuou segurando a corda. Quando a corda se esticou completamente, a carroça parou. E os bois já não conseguiam mais arrastá-la! O boiadeiro que ia guiando os bois bateu com o chicote nos bois condutores, pensando que a carroça tinha se prendido em algum buraco. Nada conseguiu. Ao olhar para trás viu o poste começando a se dobrar e com os olhos arregalados avistou a criança que sem ter os pés no chão, segurava o poste com uma das mãos e a carroça pela corda com a outra...
— Barbaridade! Tchê!
E assim começou a história da força assombrosa de Jayme...
Ah se ele estivesse aqui!

Estávamos desolados com a morte de Eric. Ninguém esperava por isso, lamentavelmente o escritor decidiu que ele devia morrer. E eu sou somente um personagem a mais nessa história.

Naquela noite, enquanto deitados na grama próxima ao alojamento, nós fiscais, mais dois mil e quinhentos índios, e um hamster, conforme nosso costume de aos sábados observar o céu estrelado, refletíamos se valera à pena, tanto sacrifício, para realizar aquela gigantesca Obra.
Em breve estaria chegando a equipe de apoio, a base dos fiscais de Urucu. Nexter; Jayme; Boot; Aluízio Xavier. Quando eles chegassem, a festa iria começar. Faltava ainda o Alexandre.
Todos adormeceram ali naquela noite, abraçados aos pingüins Inclusive, dormiram conosco os 1200 indígenas.

Outro sonho:

A Ana Paula Anósio e a Sandra Bulock desembarcaram na ilha e nós, Abusanadam, o motorista e eu, fomos buscá-las para conhecerem a Obra com a Toyota. O Abusanadam ia na parte da frente. Eu no banco traseiro entre a Ana e a Sandra. Foram três horas de debate de lógica com o Abusanadam para que ele me deixasse ir atrás. Disse que seria lógica a sua morte prematura se ele assim não o fizesse.
E ali, estávamos, no sonho, indo para o Porto no rio Urucu, para que elas tivessem uma idéia de como chegaram alguns equipamentos, quando

repentinamente uma coisa meio esbranquiçada ***do tamanho de uma caixa de fósforos 'tamanho grande'***, sem metade de uma asa, desprovido de antenas, entrou de novo, dentro da Toyota.
(Estavam esperando que amanhecesse, não estavam...).
E agora? Estava absolutamente irado. AQUELE BICHO IRRITANTE ESTAVA ATRAPALHANDO O MEU MELHOR SONHO DAQUELA SEMANA! (Talvez o da minha...). Cautelosamente, falei para que as meninas não se movessem, sabendo que o asqueroso inseto só as mataria se elas se mexessem. E agora? Não dava para atirar porque o carro estava muito cheio. Não estava chovendo e não havíamos trazido explosivo. E aquele bicho estava obstinado com a idéia de vingança. A Ana Paula começou a roxear de tanto prender a respiração. A Sandra Bulock, por ser naturalizada americana, estava se tornando azul. O que é que tem a ver a nacionalidade de uma pessoa com a cor que ela adquire quando prende a respiração, perguntará o atento leitor. Não sei. Antes que elas desmaiassem, o motorista realizou uma loucura. Pisou fundo no acelerador e se jogou do ancoradouro de balsas no meio do rio. Submergimos nas águas escuras do Urucu. Infestadas de piranhas. Repletas de jacarés. Com cobras. E com um boto branco.

Acordei. Vesti o velho uniforme, cor de laranja, um macacão. Coloquei dois pentes de balas de metralhadora ao redor da cintura e ombros, tomei duas granadas e a bazuca desmontável que guardaram dentro do armário de aço, ao lado do livro do Pedro S. Teles de Tubulações Industriais. Amarrei uma fita vermelha ao redor da testa. Se aquele inseto nojento aparecesse, ia virar poeira de besouro.

O encontro final

Fomos armados até os dentes na segunda Toyota, que chamávamos de Bianca. Que venha o Asqueroso. Era assim que nós o denominamos. Nada de anormal. Manhã tranqüila. Fora o rinoceronte branco que quase nos jogou no rio, nada acontecia.

Podia ser *cisma.* Sentíamos que a criatura asquerosa nos aguardava escondida em algum ponto da mata. Abusanadam estava mal acostumado. Agora, todo dia de manhã ele ia de carona com a gente. Na minha mente só pensava na Ana, na Sandra e em mim, no fundo daquele rio. Hoje ele iria morrer.

O motorista não acreditava que o inseto tivesse sobrevivido à explosão. Eu sim. Qual o hamster lá do nosso quarto, aquela criatura era imortal. Foi quando escutamos um zumbido familiar. Longínquo, que aumentava a cada momento. Não era o som de um único inseto.

O céu se escureceu.

Aquele inseto asqueroso e covarde havia chamado toda sua parentela.

Olhamos com os binóculos e eis que lá estava, ele, o bastardo inseto esbranquiçado e voando trôpego à frente da incontável nuvem de besouros.
Resolvemos após brevíssima reunião, bater em imediata retirada. Não dava tempo de fazer a volta. Fomos de ré. E lá vinha a horda sanguinária de insetos asquerosos. Tomamos a direção do Porto do rio Urucu. A horda assassina se aproximava incansavelmente. A estrada acabou. A escolha era simples: Bater no guindaste parado no cais ou se atirar no rio repleto de piranhas, ou ainda, enfrentar resolutamente a morte certa. As piranhas talvez fossem mais complacentes do que aquele inseto vingativo. Ainda de ré, a Toyota quebrou a corda de segurança ao redor do pequeno Pier de madeira e cruzando o ar, vôou conosco dentro,

afundando nas turvas águas do rio Urucu. A última frase que me lembro do momento é do Abusanadam dizendo que não sabia nadar. Pelo menos isso. Lembrei-me do velho filósofo que dizia:

"O doberman que tu não enxergas, atento e próximo observa irado, o osso que agora escavas."

Chegara mais uma vez o fim. Os peixes estavam famintos. Dava para ver pelo sorriso com que alegremente nos recepcionaram. Já estávamos acostumados com a ecológica idéia de suprirmos a carência alimentar das piranhas famintas, quando aconteceu um raro fenômeno da natureza. As turvas águas se tornaram barrentas, e nós que já não respirávamos mais fazia algum tempo, também deixamos de enxergar o pouco que ainda dava para ver.

A Pororoca chegava ao rio Urucu. Pela primeira vez, é verdade... convenhamos, em ótima hora. A fúria da água era tanta que a Toyota foi lançada para fora do rio. Os Insetos que estavam quase na linha d' água à espreita da primeira cabeça que dela surgisse, foram acertados em cheio. A água levou o pier, as balsas, e o guindaste sobre ele. Quando finalmente a Toyota parou de ser arrastada, já

tínhamos andado uns dois quilômetros de estrada. Os insetos foram levados pelas ondas enlameadas.
Bianca virou lama. Foi a segunda Toyota que nós perdemos naquela semana de julho. Mais uma hora de caminhada para chegar ao acampamento.
Agora, na hora da saída, dezoito fiscais se exprimiam na Figueira, a única Toyota que sobrara.

Foram-se noites dormidas
Com um certo dissabor
Entre as noites fingidas
Porque não se tinha amor
Deixem que eu manifeste
Quero é dizer no canto
Que encanto verdadeiro
É viver sem ter rancor...

"Se a experiência funcionou na primeira tentativa, tem algo errado."

A festa estava para começar. Os valentes fiscais estavam chegando. Soube por telefone que os “pergaminhos de chamada abrupta” foram enviados de Norte a Sul do país. Lá em Jacarepaguá, na estrada do Rio grande, três quilômetros depois do clube da Telemar, antigo clube da Telerj, situava-se o Monstrolábio. Assim chamávamos aquela empresa abandonada que Nexter usava como laboratório. Era até um lugar agradável, não fossem os ratos, as baratas e os morcegos. O único local limpo do monstrolábio era uma sala onde Nexter guardava várias fotos dos pais, da irmã e dos avós. Os avós do Nexter morreram na Alemanha, na pior época do governo autoritário de Hitler. Quase por um milagre seus pais ainda pequenos conseguiram, graças a ajuda de parentes brasileiros, chegar em nosso país. Quando não estava na “sala de recordações” como chamávamos

a sala por causa das fotos antigas, normalmente estava explodindo algo. No dia do ‘pergaminho’ ele estava testando sua nova invenção. Pelos avisos de ‘afaste-se’ ‘perigo mortal’ e ‘experiencia potencialmente perigosa em andamento’ dava para compreender a periculosidade do evento. Há meses ele trabalhava na criação do mais poderoso traje multimodal, ou cibernético já visto. Depois de trezentas tentativas frutradas, parecia ter conseguido êxito. Dois quilômetros de profundidade era o que sinalizava o elevador que levava a câmara de testes. Um telefone tocava insistente enquanto Nexter era comprimido contra a parede por uma prensa hidráulica capaz de fazer até diamantes artificiais! Estava no meio da experiência com o macacão negro quando o telefone tocou. A prensa hidráulica apresentou um defeito nesse exato momento, lançando todo seu peso contra o cientista. Três segundos depois, a prensa estava cravada na parede distante vinte metros no corredor da câmara. O traje funcionava. Só faltava batizá-lo.
Nexter atendeu o telefone eufórico. Até ouvir as doces palavras mágicas ditas com sotaque pernambucano...

“Na escuridão da noite, durante o espaço que os trovões levam, antes do próximo relampejar, trepidavam patas não ferradas do corcel negro,

batendo nas poças de lama no caminho lamacento até o lendário castelo das forças de ocupação...”
— E aí cabra porreta! Vamo tomá um veneno de rato arretado! Tamo fumado. Tamo convocado. Vixe. Menino, Urucu tem mais inseto que átomo. Mais mosquito que ar. Nexter. Nóis vamos amar aquele lugar. To nessa, cabra, semana que vem, te encontro na conexão da Varig em Brasília. Hikano ta te mandando um beijo. —

Quando os **pergaminhos** foram enviados eu já havia desembarcado. Recebi um convite do Nexter para me encontrar com ele no Museu Aeroespacial do Campo dos Afonsos, no próximo embarque. Eu tive um péssimo pressentimento quanto a este convite.

Em Urucu, Abusadanam aproveitava a ausência dos companheiros de quarto para dormir. Como dormia aquele macaco...

Imortal. Não, ele não nasceu nas Terras Altas da Escócia. Quando nasceu ainda existia uma só linguagem em toda terra. Ele viu a torre de Babel ser construída. Seu pai trabalhava na sua construção. No dia da Grande Confusão, ele lembra bem que seu pai gritava algo para ele, que ele não pode entender. Olhou para o lado e tentou chamar seu pai, e já não entendia sequer as

palavras que ele mesmo pronunciava. Os homens tentaram alcançar o mundo celestial com um grandioso arranha-céu. Queriam subir às moradas de Deus. Não entendiam que quando a torre chegasse a determinada altura, ela se partiria sobre si mesma, matando a todos que nela habitassem e a todos que a edificassem. Metade dos homens teria morrido ali, pois isso aconteceu, quando poucos homens existiam. Poucos milhares. Ele era um deles. Viu as pessoas correndo sem ter para onde ir, quando aconteceu. As pessoas levavam as mãos à garganta e sons estranhos, jamais ouvidos, começaram a brotar de suas bocas. Perderam o dom de falar. Não. Não perderam. Porém, a unidade deu lugar a multidiversidade. Em vez de somente uma língua, agora eram milhares. A multidão corria enlouquecida. Pensou em sua mãe. Correu desesperado em direção a ela, no meio de muitos. Gritou o nome que tantas vezes pronunciara, e de seus lábios saíram palavras estranhas. Ao longe sua mãe gritou algo, que também não entendeu. Já não falava a mesma língua de seus pais. Sua família se afastou, enquanto muitos corriam em várias direções, quando tropeçou numa jovem de olhos azuis e cabelos negros, com a pele branca como a neve, que gritou para ele:

— Olha para onde você está indo, seu estúpido!

Ele se espantou. Podia entender o que ela dizia, e a mais ninguém. Segurou a menina e correu com ela, que se debatia para se soltar. Quando tudo acabou, restavam somente os dois a falar a mesma língua, e um grupo, que falava pequenas palavras que podiam entender. Foram com eles, embora ela reclamasse mais do que falasse. Outros grupos se formaram, e a partir dali separam-se em várias direções. Nunca mais avistou seus pais. Cresceu e casou com a menina que chamava de Hannah, embora seu destino fosse bem diferente da própria geração que estava originando. Em busca de seu passado, aprendeu que poderia falar diversas línguas, comunicar-se com muitos povos. Talvez com todos. Da horrível cena da separação, pouco lembrava, vagamente. Nada mais. Isso aconteceu a seis mil anos. Seis mil anos. Nunca morreu desde então.
Imortal.

Abusanadam contava esse pesadelo em cada fim de semana. Êta macaco Abusado.

MUSEU AEROESPACIAL DO CAMPO DOS AFONSOS - RJ - SEGUNDO EMBARQUE:

O museu aeroespacial do Campo dos Afonsos, como o nome já denota, era um imenso galpão onde guardavam antiguidades da aviação. Tinha uma cópia do *14 Bis*, outra do Demoiselles, alguns aviões da primeira guerra e outras raridades, incluindo um avião anfíbio.

Quando eu cheguei lá percebi que minha intuição não me enganara. Estava enrascado. Quando eu vi Nexter com aquele macacão laranja que ele chamava de transformer e depois vi o Boot, nosso cibernético companheiro, dando a volta na aeronave...

— Não Nexter. EU NÃO VOU ENTRAR NESSA COISA.
— Relaxa, Welington, Vai dar tudo certo.
— Nexter. Esse ferro-velho tá aqui dentro a pelo menos vinte e sete anos. Parou de ser fabricado em meados de 1960. Olha a placa Nexter. Vickers Viscount VC-90 número FAB 2100.

Pelo menos não é avião de guerra. Era utilizado até pela presidência. Não tem condições. Acorda, criatura. O último vôo foi em 1972. Nós vamos morrer.

— Welington, você sabe que os vôos foram cancelados por causa do mau tempo e que temos que render o pessoal. Pelos meus cálculos meteorológicos só poderemos chegar na Obra daqui a uma semana. Além do mais o pessoal aqui da Base Aérea está me devendo alguns favores. Eu dei uns ajustes no radar do AMX deles. Em troca eles me emprestaram o avião.

— Não Nexter. EU DISSE NÃO. Fui claro? Você está me entendendo? Boot, fala com este anteprojeto de

cientista maluco o que vai acontecer se... Boot? Boot? Cadê você?... — O Boot saiu vestido de debaixo da turbina esquerda com uma farda azul escuro manchada de óleo hidráulico dizendo que o sistema redundante de abertura dos Flaps da asa esquerda estava ok. Comecei a sentir calafrios.

A pista dois foi liberada. Havia um pessoal do lado de fora dos hangares do museu brincando de aeromodelismo quando o Boot abriu a imensa porta. Simultaneamente Nexter ligou os motores. E lá se foram os vidros de duas imensas portas. No susto os aeromodelistas deixaram os controles remotos, vinte e dois aviões rádio-controlados

voando sem direção e um helicóptero também. O VC-90 saiu do hangar.
— Nexter, você não sabe pilotar isto?!!
— Não se ’estresse’. O Boot sabe.
— Boot? Você sabe controlar essa coisa? O Boot respondeu
— Já pilotei um destes no Flight Simulator...
Eu disse:
— Nossa! Vocês não sabem como fiiquei aliviado... Sinto-me leve. Absolutamente confiante. Verdade. Só porque vamos viajar num avião que não voa a quase trinta anos, pilotado por um andróide que aprendeu a pilotar por software, vejam bem, eu estava ficando nervoso, a toa. A toa.
— Nós vamos morrer.
Não houve tempo para eu continuar minhas reclamações. As hélices em movimento faziam tanto barulho que não iria fazer diferença mesmo. As portas imensas envidraçadas do galpão começaram a se abrir. E então a joça começou a se movimentar.
Nós ainda atropelamos uns sete aviõezinhos no caminho até a pista. As turbinas foram ligadas. Em minha mente fiz o meu testamento. O violão eu deixava para as minhas filhas. O teclado para minha esposa. O computador... Já estava ultrapassado mesmo... Minha edição de luxo do

Super Homem pintada pelo Alex Ross eu deixaria para... O Avião começou a acelerar para subir. Só que não subia. A pista já estava acabando.
Poderia jurar que eu vi um Brigadeiro perto da pista de aviação...
— Nexter! A pista está acabando...
— Não se preocupe. Fiz pequenas alterações nas turbinas. E o aditivo que eu coloquei no querosene de aviação deve fazer efeito neste exato momen...— As turbinas do avião quase explodiram e ele arremeteu como um bólido incendiado em direção aos céus.
Nexter gritou com a voz distorcida pela velocidade:
— Pr-ooo óóxi-ma paraaa-da, Plan-alto Ce-ntraa aallallll!

Sobrevivemos à primeira aterrissagem. Em Brasília entraram outras pessoas do grupo. O Abusanadam já estava lá na Floresta. O Aluísio chegaria um dia depois. Jayme e Hikano iriam conosco. Assim como o Carlos César, Engenheiro. O Carlos César era o homem sem sono. Nunca dormia. Antes de ir para o longíquo Polo Papagaio trabalhava no resgate de Tucanos que não conseguiam atravessar o rio Solimões, próximo a Coari. Sua motivação ecológica havia terminado quando um Tucano mal agradecido lhe deu uma bicada num lugar pouco confortável, fazendo com

que caísse para fora da balsa. Desde então olhava de modo desconfiado para os animais. Partimos em direção à Floresta. Já sobre a Amazônia, notei que caiu qualquer peça de dentro de uma das turbinas do avião. Depois caiu a turbina. O avião voava agora inclinado.
Relaxa, falava Nexter. Quase partimos ao aterrissar. Fora à correria para apagar um pequeno foco de incêndio. Vickers Viscount? Nunca mais. Preferia ir a nado.

O Abusanadam foi nos buscar. Quem ensinou aquele macaco a dirigir? Quando ele entrou na primeira ponte estreita na curva fechada a 120 km por hora nós descobrimos. Alexandre, o técnico de segurança...

Como já era noite resolvemos ir jantar. Em grupos e correndo como sempre entramos no refrigerante, digo, restaurante glacial, por causa dos pingüins que ainda habitavam nele. Mal começamos a jantar, lá veio a macacada enfurecida cercando o restaurante novamente. Invejosos pela hegemonia dos pingüins. Só que dessa vez estávamos armados. Jayme estava conosco. Ele deu um sorriso, estalou os dedos e se levantou da mesa em direção à porta. Antes que chegasse, um reboliço tomou conta dos macacos. Não dava para ver

direito por causa dos vidros embaçados. Quando nós olhamos para eles, haviam sumido.
— O que houve? — Perguntou Tânia, a coordenadora. Pela porta semi aberta entrou a resposta.
Um inseto.
Não. Não é quem você está pensando, leitor. Parecido com uma borboleta, com uma cabeça longa, e um tipo de ferrão na ponta, uma espécie de mariposa estranha. Bom, pelo menos não era o inseto asqueroso, pensei. Então os trabalhadores da região começaram a correr para o canto da parede, horrorizados. As mesas voavam para todos os lados. Um deles apontou o bicho e gritou:
— UMA TIRANOBÓIA!
— Uma o quê?
— Uma Tiranobóia.
Nexter fez uma rápida e equidóptera consulta ao computador acoplado aos óculos. Era uma espécie de borboleta da região que possuía uma lenda:
— Ela é venenosa e se cravar o ferrão numa árvore, por maior que seja, depois de três dias nós a encontraremos completamente seca e esturricada. Bom, gente, isso é só uma lenda... — Em milésimos de segundos toda a corajosa fiscalização estava encostada no canto junto a peãozada. Não sobrou uma mesa de pé. O bicho se movia para a esquerda, íamos no sentido oposto.

Até que um pingüim abriu a porta e a bicha vôou embora... O pingüim usava óculos...
Em breve eu descobriria quem era aquele pingüim.

Alguns dos nossos técnicos já haviam desembarcado e outros estavam rendendo os que se saíram. Dentre os novos, um dos que vieram comigo era um andróide. Chamávamos-o de Boot. Aquela velha história da falta de mão de obra especializada. O Boot era uma unidade cibernética avançadíssima e se parecia com uma pessoa normal. Chegaram também Nexter e Jayme. Quanto ao Nexter, nós começamos a chamá-lo assim porque era baixinho, usava óculos, parecia com o Rick Moranis e vivia inventando equipamentos. Lembrava o desenho animado do Dexter. Inclusive possuía uma irmã chata também. Igualzinho ao desenho. Quanto ao Jayme, possuía um destes mistérios do universo, uma força física que faria o Hulk vermelhar de inveja. Chegara também já na Floresta, a Tânia, Coordenadora de Segurança lá da sede dos Fiscais Exilados, que daria uma palestra de segurança e faria uma inspeção na área junto com o ***nosso Inspetor de Segurança Industrial***, *o Alexandre*. Seu beque, o Nelson já havia descido para Minas, onde iria apitar uma partida de futebol ente o Cruzeiro e o Atlético

Mineiro. Nas horas vagas o Nelson era juiz de futebol.

A Grande Prova

Todo início do mês a Contratada estimulava uma corrida de Toyotas como prêmio pelo baixo índice de acidentes. Era quase Rally. Da Obra até a chegada lá em porto Evandro, dava quase quarenta

quilômetros de estrada. Como a única Toyota que sobrara, da nossa parte, era a Figueira, houve uma grande discussão com a chefia da Obra para liberá-la para o evento. Ficou decidido que quem iria nos representar na corrida era o Alexandre e a Tânia, já que eram nossos representantes da área de segurança. Os olhos do Alexandre cintilavam. Mal sabia a chefia, que aquele pacato cidadão mineiro era ex-piloto de Crash-car, a mais violenta corrida já inventada pelo homem. O Ex-chefe do pelotão de combate a incêndio da Regap (Refinaria Gabriel Passos), que dava treinamento para os bombeiros dentro dos fornos da unidade de Coqueamento, foi buscar a indumentária. Abusanadam saiu da sala de reunião para se despedir da Toyota. O Alexandre voltou vestido como motoqueiro e uma jaqueta com os dizeres: “Jamais me alcançarás” A Tânia estava vestida semelhante. A diferença é que na jaqueta dela estava escrito “Idem”.

Vinte cinco Toyotas se emparelharam na saída para o porto Evandro. Nossa arquivista era descendente de japoneses. Era fácil saber quando a Miki se encontrava pelo cheiro do incenso que enchia os corredores do escritório. Ela geralmente usava um quimono que estava em sua família á séculos. Miki daria a largada. Com seu quimono multicolorido, envolta em faixas, de tamancos. Explendidamente penteada tinha seu comprido

cabelo negro preso por dois estiletes. Tendo um leque na mão direita, ela iria dar a partida da corrida. Hikano suspirava a cada movimento do leque da Miki. Os corredores pertenciam a várias empresas subcontratadas e até uma Toyota do exército, pintada com tinta de camuflagem, iria participar. Dentre os corredores havia um misterioso corredor. Chamavam-no de “O Destruidor”. O Invencível. Ganhara todas as trinta competições que haviam acontecido. Era um cara muito mal. Tão mal que se escondia por debaixo de uma máscara. Negra. Miki levantou o leque. O ronco das Toyotas envenenadas encheu a Floresta. Foi dada a largada. As Toyotas sumiram em meio a trêmenda poeira em direção a Porto Evandro, onde teriam que pegar uma bandeira e depois voltar. O primeiro que trouxesse uma bandeira lá do Porto, venceria. O céu escurecia rapidamente naquele início do entardecer. Um temporal se aproximava. Os corredores pouco se importavam. Pisavam fundo nos aceleradores. O Alexandre teve um pouco de dificuldade na partida e perdeu logo de início cerca de doze posições. Tânia desconfiou, afinal, o carro fora revisado. Ela perguntou:

— Você está atrasando de propósito?

Ele respondeu:

— É pra dar ‘moção’. Se segura Tânia! Êta trêm bão! Vamos fazer esse trêm andar demaisssssss. Os olhos do Alexandre acenderam.

Na primeira descida já ultrapassou a três. Na terceira curva, a mais dois. Os outros o fechavam. Tânia gritou:
— ‘Joga duro’ com eles Alexandre!
Ele se espantou. Até ali se contivera, porque, afinal, a coordenadora da sede estava ao lado.
Alexandre:
— Tá liberando Tânia? E esse tal trêm das horas sem acidentes?
Tânia:
—Fica tranqüilo, que elas não contabilizam acidentes de corrida... Acabe com eles!
Alexandre:
— Óia, Tânia, sou um pouco violento nesse trêm de direção...
Tânia:
— Você ainda não me viu dirigindo lá no Rio...
Alexandre:
— Estamos conversados.
Ele apertou um botão no capacete e um visor esverdeado desceu sobre seus óculos. Pegou um cigarro de palha e acendeu. Como fedia aquele cigarro de palha do Alexandre.
— Esse trêm de corrida vai esquentar agora.

Alexandre encostou-se ao Pará-choque da Toyota da frente e empurrou-a. O seu motorista **saiu para fora** da estrada — entristecente, contanto, necessário pleonasmo para exprimir este momento de ternura — e vôou para dentro da Floresta. Alexandre gritou!

— Esse trêm é bão demais! Mar fácil que cume um QUIDICARNE.

Entrou no meio de outros dois e deu um cavalo de pau no meio dos dois. Cada um saiu para um lado da pista.

— Delícia! PINCUMEL! Menos três!

Passou a frente de mais dois e travou o pé no freio. O carro deslizava no barro sobre a pista, enquanto o Alexandre engatava a tração. Os que vinham atrás, assustados travaram suas rodas. Um caiu num córrego e o outro se atolou no barro do barranco ao lado da estrada.

— Oh gostosura! Bão demais! Menos Cinco!

A Tânia:

— Se é só isso que você sabe fazer, eu tomo a direção...

Alexandre:

— Já que você está insistindo... OIUCHERO...

A Toyota voava. Cada barranco que passava caia uns dez metros á frente. Numa curva ele deu um cavalo de pau, engatou a ré e correu o resto de costas. Ultrapassou quatro Toyotas, de ré, em meio

ao lamaçal que a chuva que caia começava a formar. Logo a seguir ultrapassou a mais duas, que estavam lado a lado, e travaram as suas rodas. As Toyotas bateram na Figueira, ao mesmo tempo, lançando-a para frente, já que estava de costas, enquanto se desgovernavam. Alexandre deu outro cavalo de pau e continuou, agora de frente, a corrida.

— OIPROCEVÊ, Esse trêm é ta bom demais! E agora, melhorou?

A Tânia caída no banco de trás da Figueira:

— Para um mineiro, você está me surpreendendo...

Só restava agora à frente o Destruidor. A chuva piorou ainda mais. Alexandre acelerou em meio ao barro. Os relâmpagos começaram a cair. Na frente estava o Destruidor. Alexandre emparelhou cortando água e cuspindo barro para todos os lados. O Destruidor olhou para o lado e deu uma fechada. As Toyotas se chocaram. Alexandre foi jogado contra um barranco. Os raios caiam cada vez mais próximos. A Tânia caiu de cabeça para baixo na frente do banco dianteiro. Numa guinada com o volante o carro volta para a estrada e tenta emparelhar com o Destruidor. Quando as potentes Toyotas aproximam-se, o Destruidor encosta a sua no lado da Figueira. Pega, então, algo no banco do carona. Um lança-chamas. Mal dá tempo de fechar o vidro. Tânia vira para o lado enquanto em meio a

tempestade o lança-chamas cospe fogo em direção dela. O Alexandre:
— Segura o trêm do volante que combate a incêndio é a minha especialidade. OIPROCEVÊ.
Ele solta o cinto, jogando-se para o lado do carona enquanto a Tânia segura o volante tentando passar para o outro lado. Alexandre quebra o vidro do carro e joga o extintor de incêndio dentro do carro do Destruidor. Com a pancada e o susto, o lança-chamas cai e o seu carro desvia para a esquerda.
— É isso que tu ensinava para as tuas turmas lá na Refinaria, Alexandre?
Gritou a Tânia.
— Nessas horas a gente tem que improvisar! — Respondeu o Alexandre.
As duas Toyotas chegaram quase ao mesmo tempo a Porto Evandro. Alexandre chegou primeiro e saltou para pegar a bandeira no ancoradouro, enquanto a Tânia segurava o volante. O Destruidor veio por trás e tentou empurrar a Toyota para dentro do rio. Tânia engatou a ré contra a Toyota que a empurrava em direção a água. Lentamente o carro ia deslizando em direção a água. A Figueira não possuía tanta força para resistir. Havia uma balsa, já esvaziada próximo ao ancoradouro, a Toyota ia cair entre ela e a beirada deste. Só existia uma opção. Tânia engatou a primeira e pisou fundo. A Toyota, já sendo empurrada, ganhou

extrêma velocidade e se lançou em direção a balsa. Conseguiu cair dentro dela. O Destruidor freiou antes de cair no rio. Engatou a ré e parou. Saiu tranqüilamente do carro pegando uma bandeira enquanto fitava o Alexandre, partindo de volta para o Polo, logo a seguir. Tânia pediu ajuda para o pessoal que viera com a balsa e improvisou duas rampas, com dois pranchões de madeira, barris e cordas. Foi até o final da balsa e com o freio de mão apertado pisou tudo que podia. Os pneus queimavam quando ela soltou o freio. A Toyota saiu cantando pneus sobre a balsa, subiu os pranchões e caiu novamente sobre o ancoradouro. Alexandre retomou o volante e partiram em busca de resgatar o tempo perdido. O problema era desviar dos retardatários. Trinta e cinco frenéticos minutos depois eles avistaram o Destruidor. Ele viu a luz dos faróis e acelerou. A chuva e o barro dificultavam muito. Uma vez mais o Alexandre emparelhou as Toyotas. Dessa vez o Destruidor atirou nos dois pneus, o dianteiro e o traseiro do lado direito da Figueira. Alexandre ainda conseguiu controlar o carro, que perdia velocidade. Ele gritou:
— Vai! Solta o cinto Tânia, que ocê tem que sair pela janela.
Tânia:
— O quê?
Alexandre:

— Quejim, ocê vai ter que sair pelo trêm da janela! Tânia:
— Você ficou doente? Você tem usado direito o Equipamento de Proteção Individual? Está com doença Ocupacional?
Alexandre:
— O trêm que eu vou fazer agora com certeza você não deve ter feito ainda.
Ele rumou contra um pequeno barranco e jogou *o lado de Tânia contra ele*. Não sem ouvir reclamações. A Toyota se inclinou como se fosse tombar e se equilibraram sobre as duas rodas do lado do Motorista. Tânia saiu pela janela, inclinado o corpo para dar estabilidade.

A Figueira prosseguia sobre duas rodas, com o lado do motorista tomando um banho de e da água da chuva. Alexandre com o rosto sujo de lama:
— Não estou vendo trêm nenhum! PRONOSTAMUINU? Vai ditando para onde esse trêm de Toyota têm que ir!
Tânia ia gritando para onde virar, enquanto tentavam ultrapassar ao Destruidor, sobre as duas rodas. Já estavam chegando à linha de chegada quando novamente emparelharam. O Destruidor espantado olhou para a Figueira sobre duas rodas. Decidiu encostar para que ela virasse de vez. Nesse momento um tremendo raio caiu sobre

aquela região. Uma das suas ramificações atingiu o Flare, a tocha da Polo, que se encontrava apagado e o acendeu. O sistema de Telecomunicações explodiu vários componentes. Estivemos três dias sem Internet e telefone por causa daquele raio. A balança de pesagem de comida do refeitório queimou. E o carro do Destruidor foi atingido, incendiando-se. Tânia gritou:
— Não foi dessa vez, seu panaca!
O Alexandre continuou seguindo em direção a reta de chegada quando a chefia da Obra. Avistou a Figueira. Desmaiaram o Antônio César e o Germano, ao mesmo tempo. Miki, encharcada, levantou o leque para dar a bandeirada para a Figueira, quando a Toyota incendiada do Destruidor cruzou a linha de chegada antes deles.

O Destruidor.

Invencível.

Para voltar aos alojamentos com a Toyota daquele jeito foi o maior sufoco. Imagine vinte pessoas, um macaco e um pingüim se espremendo para caber numa Toyota inclinada, dirigindo doze

quilômetros sobre duas rodas até chegar ao alojamento. Alexandre foi incumbido de ajeitar a Toyota ainda naquela noite. Foi um custo dormir enquanto ouvia as marteladas que a Tânia e o Alexandre davam para desempenar o para-choque dianteiro da Figueira. Até o hamster abandonou o nosso alojamento.

As vezes me encontrava com Eliã absorta em pensamentos, sentada sobre pedaços de tronco que os madereiros haviam transformado em mesas e poltronas das partes externas de nossos alojamentos. Ela olhava as nuvens quase inertes no céu, pedaços azulados de um tecido iluminado que contrastava com as trevas dos céus, o lume das estrelas e o brilho da lua enorme sobre nossas cabeças. Eliã tinha os cabelos negros como o corvo, divididos perfeitamente sobre o alto de sua cabeça delineando seu rosto bochechudo e sempre sorridente. Sempre que ela contava a história de seus antepassados eu repetia a mesma pergunta.

— Eliã, há quantas gerações de 'Eliãs' antes de você? — Ela ria pela minha curiosidade e repetia pela enésima vez:

— Onze. Eu sou a décima-segunda Eliã...

— E aquela história da espada? Como é mesmo o nome que você dava a ela...Muji, Moueijei, Muaijai... — Ela sorria docemente e quase sussurrava...

— Mouajé.

— Ainda existe esta espada, Eliã? Ainda existe a lendária "Mouajé" com a qual sua tatatatatatatatatatatataravó enfrentou aquele animal desconhecido?
— Ela foi roubada de nossa família no século passado. Quando uma pequena embarcação árabe aportou em Coari. Nossa famíla chorou muito. Já a guardávamos por séculos. Ela fazia parte do cerimonial dos descendentes da minha tribo. — Por um momento Eliã silencia. Entendi que era hora de mudar de assunto. Outra noite, quem sabe conversaríamos a respeito.

Teu sorriso
Estrupiado
Me arretirou
Meu coração...

Nexter olhava as estrelas das noites amazonenses e se inspirava. O céu amazonense dentro da floresta era como os céus de Canaã à época do

patriarca Abraão. Limpíssimo, cravejado de incontáveis estrelas. E inpirado como um poeta alucinado escrevia seus e-mails apaixonados para Aninha.

"Sabe, hoje eu acordei com aquele gosto de absurdo na boca, daquela esperança que transcende o tempo e viaja entre as vastidões cósmicas sem que haja força que a detenha. Hoje eu acordei envolto em esperança e atado de alegria. É como se eu soubesse que hoje é a noite que entrarei na tua vida. Eu não sei explicar o que me dá tamanha certeza, esse vislumbrar insigne de fatos que eu não consigo enxergar, sentindo coisas que não deveria sentir, aguardando respostas que não dependem de mim. Eu percebi de algum modo, debaixo dessa escuridão que na verdade a gente chama de futuro, uma sensação que me era absolutamente estranha. Essa noite eu sei, não sei como sei, que você não será mais uma estranha entre as muitas faces estranhas das pessoas que jamais conhecerei, e mais do que isso, que essa noite eu já não serei um assombro ou um conto engraçado em sua vida. Essa noite é a noite em que eu nasço dentro dos teus sonhos, é a noite em que eu habitarei para sempre nas colinas e vales, nos montes e abismos do teu coração. Essa é a noite em que você vai se apaixonar por mim..."

Por meses Ana Paula Anósio ligou ‘trocentas’ vezes para seu provedor solicitando que não queria que sua caixa de mensagens recebesse fosse entulhada de emaisl dos seus fãs. Quando das primeiras duzentas e cinqüenta e seis cartas do Nexter travaram seu micro pela enésima vez, ela gritou. O pessoal do provedor falou que usou todos os recursos possíveis e imagináveis para barrar os emais do Nexter. Porém dois incansáveis hackers impediam que os analistas obtivessem êxito. Carlos Borges e Aluísio Ceará.

Ela trocou de provedor. Ela trocou de e-mail. Eles sempre davam um jeito para descobrir onde ela estava conectada. E ela era obrigada a ler os e-mails. Quando os *deletava* sem ler, e-mails não lidos voltavam a entulhar sua caixa postal. Até que um dia ela desistiu e começou a ler os e-mails. Ela lêu os seis primeiro e desde então nunca mais os conseguiu deixar de ler. Nessa noite em que o último e-mail do Nexter chegou, seu coração palpitava mais do que de costume. Ela sorriu com o estranho pensamento que lhe passava pela mente:

“Você está ficando completa e absolutamente apaixonada por esse sujeito”

Tentou pensar em outro assunto. “Não vou abrir o e-mail deste maluco”. Foi para a sala, se jogou na poltrona cheia de almofadas enquanto espantava o cachorro. Pegou o controle remoto da tv a cabo e trocava de canais sem destino certo. Contudo o incômodo pensamento não lhe abandonava o coração. Ela adormeceu sofre o sofá; acordou com fome e decidiu ir até a cozinha preparar um sanduíche com salada de atum. Esfregando os olhos passou pela porta do quarto e lá estava a tela do computador ligada, com a criatura cconectada na Internet. Ela balançou a cabeça e se dirigiu para desligar. Olhou para a tela pela última vez e resolveu ler o raio do último e-mail.
Seus olhos azuis expressavam desde admiração até o encantamento, enquanto ela lia até a última declaração.

“... Essa noite é a noite em que eu nasço dentro dos teus sonhos, é a noite em que eu habitarei para sempre nas colinas e vales, nos montes e abismos do teu coração...”

E nessa noite que não lembro ao certo quando aconteceu, Ana se tornou Aninha e suas lágrimas escorreram quentes pela face iluminada pela ternura, por alguém que ela nunca havia avistado...

Indios raptaram uma indiazinha, chamada Brisa-serena. Ela era a atual esposa índia do técnico da Treeal. Os ***Tamo-nem-aí*** entraram furtivamente durante a noite na Subestação Arara

Quatro e sorrateiramente invadiram a pacífica aldeia dos ***Como-vai***. Após o rapto eles desapareceram na densa Floresta ao redor do Polo.

Entrar na Floresta seria suicídio. Brisa-Serena se tornara nossa amiga e queríamos resgatá-la a todo custo. O técnico da Treeal chorava inconsolável. O lado da Floresta para onde foram os índios era chamado de Não-Voltarão. Havia uma placa nesse lado. Somente os Tamo-nem-aí sabiam entrar e sair de lá. Resolvemos que cinco de nós entrariam. Foi decidido no palitinho. A sorte caiu para o Boot, para o Jayme, para o Nexter, para o Abusanadam e para mim.

Conosco iriam também o Ashok e Veda, dois indianos especialistas em seguir rastros que estavam conosco para pré-operação das Unidades do extraordinário Polo Papagaio. O único problema era que eles só falavam Hindi. Nós leváramos o Abusanadam, e só para humilhar, ele falava Hindi também.

Vestidos dos nossos velhos macacões laranja, com mochilas cheias de equipamentos e armados para tomar o Vietnã, nós entramos na Floresta. Nexter levava consigo um macacão especial, alaranjado, o primeiro que ele desenvolvera.

Enquanto isso, após várias conexões, um vôo fretado da Arábia Saudita pousava em Manaus. Nele estava vindo o irmão mais velho de Omã

Saiibh Abdul Salam. Vinha para lavar com sangue a vergonhosa derrota sofrida pelo caçula de um longo Clã de terríveis lutadores. Omaã Ridom Defeunestá Rasvarsevadaim Saiibh Abdul Salam prometeu a morte a si mesmo se não levasse a cabeça de Hikano de volta para sua terra natal. Abaixou-se diversas vezes antes de chegar no Eduardinho. Foi a pé até ele, pois não havia carro em que pudesse entrar. Lá havia um Helicóptero de carga o esperando.

Ele sería o único passageiro.

No local no meio da Floresta onde caíra o meteoro, uma estranha criatura de forma humanóide, revestida de uma cobertura escamosa e verde-musgo com pontiagudos arranjos que se assemelhavam a anéis transversais ao seu corpo alongado, (para os fãs dos antigos seriados de ficção científica) colocava a garra direita com uma estranha arma pontiaguda que se prolongava de seus dedos, para fora de uma profunda cratera ainda fumegante.
A alienígena possuía contornos ligeiramente femininos. E estava com fome.
Muita fome.

O unido grupo da fiscalização chorou na despedida do corajoso (?) grupo de destemidos resgatadores. Não porque o grupo enfrentaria perigos ***indescritíveis**,*

— primeira pausa narrativa (pequeno comentário filológico sobre o termo *indescritivel*):

Através da Internet falei com uma menina que se dizia de descendência italiana e de origem também alemã ou austríaca. Ela se achava linda. Não que não fosse, deveria ser realmente. Depois de muita insistência ela me mandou um beijo italiano. Eu disse para ela que já havia beijado francesas, alemãs e japonesas, e então perguntei para ela com é que era um beijo italiano. Doce, salgado, com gosto de Pomarolla, etc. Ela respondeu com ira que:

— Um beijo italiano é *indescritível,* seu galhinhão!!!! — término da primeira pausa narrativa .

Entretanto pelo fato de que o discurso do Abusanadam não terminava nunca. Jayme levantou o orador pelo pescoço com uma mão, e caminhando na frente do grupo que o seguia, com o Abusanadam suspenso pelo pescoço, se dirigiu a Floresta.

O Veda desapareceu entre as árvores. O Ashok também. Daqui a pouco um mantra indiano foi ouvido do cume de uma árvore. O Veda estava numa Seringueira a mais de 30 metros de altura. Havia encontrado a pista dos tamo-nem-aí. Outro cântico. A 30 metros de distância numa Maniçoba, lá do alto respondia o Ashok. Como é que eles faziam para subir tão... Nexter reclamava:

— Meu laboratório tem ar-condicionado central computadori zado e eu aqui, no meio desta infecta Floresta. Pelo menos não tenho que suportar a minha irmã me atazanando.

O Boot conversava com Jayme:

— Quer dizer que você era baterista?

Jayme respondia.

— Uh.

— Rock progressivo?

— Uh.

— Sou programado com seqüências aleatórias de ritmos.

— Uh.

— Faço música a partir de fractais.

— Uh.

— A Floresta é muito densa estou preocupado com a carga solar de minhas baterias de titânio extrudado a base de hidrogênio.

— Uh.

— A umidade está em 89 por cento.

— Uh.

Jayme, às vezes, era um homem de escassas monossílabas.

Nossos Hackers

No acampamento ainda permaneceram Hikano, Aluízio Ceará, hacker gerente de sistema e alguns outros fiscais. Aluísio Ceará era o substituto, que chamávamos de "beque", do Carlos Borges, também hacker com carteira assinada. Apesar de amigos, eles viviam aprontando um com o outro. Sempre que um saía, deixava uma tremenda armadilha no Servidor que controlava a Rede de computadores para o coitado que embarcara.

O Aluísio entrou na sala do Servidor e ligou a máquina. Apareceu a seguinte mensagem: “Bom dia. Acabo de travar todos os seus arquivos. Essa

tela que você vê é um contador. Ela conta quantas teclas são digitadas num certo espaço de tempo. Você tem dois minutos para teclar 900 caracteres senão eu apago todos os teus e-mails. Divirta-se." Um relógio digital apareceu do lado direito da tela e debaixo dele um contador. O Aluísio parecia uma máquina de digitar. O relógio corria rapidamente. Aluísio pensava — Vou arrancar os olhos daquele...
De fora da sala dava para escutar as teclas sendo digitadas em alta velocidade...

Enquanto isso...

O helicóptero trazendo Omaã Ridom Defeunestá Rasvarsevadaim Saiibh Abdul Salam pousou com dificuldade, por causa da imensa chuva que se abatia sobre a Floresta. O gigante enegrecido

saltou do helicóptero contra a orientação do piloto que deveria esperar que as hélices parassem de girar completamente. Em meio a água torrencial que descia Abdul simplesmente levantou o braço esquerdo e com a mão vazia parou o movimento do rotor. Entrou pela nossa Recepção, levando a roleta de entrada, dois guardas e duas portas.

...

A água atrasava um pouco o veloz movimento da alienígena. Ela havia detectado a presença de sete criaturas de carbono com algum tipo de fluxo líquido interno pulsante dela se aproximando.
O jantar estava vindo.

O grupo encharcado parou próximo a um Igarapé. A idéia básica era montar tendas e parar para almoçar. Nexter possuía tendas infláveis semi-automáticas. Ele ficou numa tenda junto do Jayme. Um barulho estranho que aparecia vez ou outra enquanto caminhávamos, se aproximou da tenda onde Jayme comia. Um estranho ser cabeludo e vestido de folhas, com os pés virados para trás, entrou na tenda e com os olhos vermelhos arregalados apontou em direção a marmita do Jayme. Jayme olhou para a criatura, olhou para a marmita, tornou a olhar para a criatura e despejou-lhe um soco que lhe atirou a uns duzentos metros do acampamento. Nexter ligou o computador acoplado aos óculos:

— Animais fantásticos brasileiros... Deixa-me ver... Tá aqui! Achei. — Depois virou para Jayme e falou:
— Você acaba de bater numa Curupira, Jayme. Assim não dá! Vamos acabar perdendo nossa qualificação da ISO 14001, por causa deste teu tratamento com a fauna local. Da próxima vez, se houver próxima vez, seja cortês com essa criatura fantástica...

Como Nexter trouxera um barco inflável, dentre as inumeráveis tralhas que geralmente levava quando exploravam vez por outra a floresta, resolvemos atravessar o Igarapé. No meio dele escutávamos um estranho som. Era como se existisse uma aldeia debaixo das turvas águas do Igarapé. Os índios da região contavam lendas sobre aldeias e tribos submersas. Uma lança saiu de dentro d'água de um ponto distante do barco, repentinamente, e só não acertou ninguém porque o Boot detectou sua subida e segurou-a ainda no ar. Resolvemos que no percurso de volta deveríamos contornar a pé o Igarapé. Do outro lado do mesmo existiam certas rochas com formato de caveira. Ao chegarmos perto, vimos que se tratava de uma caverna. Entramos na caverna e no final dela havia catacumbas com túmulos ao lado de um trono também em formato de caveira.

Sentado nele, um esqueleto flexado, de um homem mascarado vestido numa roupa de cor roxa. Duas armas calibre quarenta e cinco estavam sem balas caídas no chão. Do lado dele havia um esqueleto de um cachorro. O Boot analisou a ossada e disse se tratar de um pastor alemão. Os túmulos faziam menção de uma geração de homens que sempre vestiam um uniforme estranho, e cujo primeiro homem havia chegado ali por causa de um ataque de corsários. Malditos Tamo-nem-aí. Sentíamos como se eles tivessem dado fim a uma lenda.

Na saída da caverna outra surpresa. Encontramos os restos do avião da Mortal aviação que não chegara no outro ano.

Não tivemos oportunidade de procurar mais destroços. Alguma criatura monstruosa corria por entre as árvores. Era invisível para nós, não para o Boot, que a percebia por outro tipo de radiação emitida além do espectro de luz visível. Era a alienígena faminta. Dezenas de árvores eram arrancadas, à passagem da criatura. Começamos a atirar e a correr. Nexter corria menos e foi distanciando-se dos demais. O Ashok e o Veda iam por sobre as árvores e o Abusanadam era arrastado pelo Jayme porque estava quase catatônico com a morte de tantas espécies nativas de árvores da região. Súbito um imenso Castanheiro caiu entre nós e Nexter mais atrasado.

A Árvore media mais de 120 metros de altura. Seu tronco possuía o diâmetro de 12 metros. O monstro, criatura, ser, alienígena ou parente distante da Caipora, estava do lado onde estava Nexter. Ele gritou para que nós continuássemos, pois vestia o Transformer, não o macacão normal. O Transformer era um traje que Nexter desenvolveu na época da terraplanagem. Um macacão especial que possuía circuitos hidráulicos, armadura de campo eletromagnético, várias camadas de proteção mecânica e uma imensa parafernália de engenhos digitais e eletromecânicos.

Dava para reentrar na atmosfera terrestre sem preocupações, estando do lado de fora do foguete, quem estivesse usando o traje. Extremamente leve, ele gerava um tipo de anulador de gravidade que o deixava com peso de uma bola de vôlei. O problema maior era se haveria tempo de vesti-lo. Jayme afundou suas duas mãos no tronco da imensa árvore e fez toda força que podia. Para complicar, suas ramagens se enroscaram na copa de outras árvores. Seus pés afundavam no barro vermelho do interior da Floresta quando o castanheiro começou a se levantar. Outras árvores

foram arrancadas com o descomunal esforço, porém ele não conseguiu suportar o peso. O Boot disse que necessitávamos prosseguir em frente. Jayme ficou com tanta raiva que deu um soco monstruoso no Castanheiro, arrastando-o por 10 cm no chão. Ele arrancou do pulso o detetor da Coisa, aquela criatura desconhecida que fazia o alarme soar no acampamento e o atirou em direção ao Nexter. O detetor caiu aos pés do Nexter que bradou:

— Vão embora, eu vou ficar bem.

— Eu acho.

E quando sem esperança
Vai o homem sem sombrero
Destinado a ser tanto
E sem ter onde cair
Vai menino corajoso
Esse monstro enfrentar
Hoje é dia faustoso
Hoje é tempo de ganhar...

Capítulo QUINTO

“Uma mulher demora vinte anos para fazer de seu filho um homem, e outra mulher leva vinte minutos para fazer dele um tolo”

Omaã Ridom Defeunestá Rasvarsevadaim Saiibh Abdul Salam Foi até a enfermaria onde se encontrava seu irmão Omã Saiibh Abdul Salam. Omã estava todo enfaixado, seria “desembarcado”, como chamavam os que saíam da Floresta, e levado ao seu país de origem, já que não existia jurisprudência sobre congelados que voltavam à vida e sucumbiam em combate brutal. Omaã segurou ternamente as mãos de seu irmão e em árabe disse: “Vou vingá-lo irmãozinho”.

O grupo preocupado seguia em frente pela fechada Floresta amazônica. Perguntei ao Boot quais eram

as chances do Nexter. O Boot olhou para as árvores caídas a centenas de metros atrás.
Disse: — Duas chances em dois milhões. — E se calou.

Nexter finalmente vestiu o Transformer. Iniciou a checar os controles de movimento, ligou as baterias e se preparou para o pior. A criatura disparou algum tipo de laser que abriu uma cratera ao redor do lugar onde Nexter se encontrava. O traje fumegava com a temperatura, contudo resistia bem. A alienígena veio correndo e se atirou sobre Nexter que revidou. O chute a lançou a uns dois metros. Os sistemas hidráulicos ainda estavam se pressurizando. Nexter só dispunha de 45 % das capacidades mecânicas do traje. A criatura alienígena investiu novamente. Nexter foi arrastado junto aos 800 kg do monstro, abrindo uma vala no chão barrento, parando ao bater numa Maçaranduba, vinte metros depois. O mostrador de pressurização no visor dos óculos travou em 47 %. Era quanto possuía para aventurar-se sobreviver. Outra descarga. O Tucumãzeiro atrás dele foi carbonizado e caiu queimando por sobre o traje. O outro visor de energia mostrava 72 % e estava diminuindo...
Nexter conseguiu sair de debaixo do Tucumãzeiro. O mostrador agora mostrava: 58% de energia e

danos em 32 %. A pressurização estava caindo também.

— Êta diazinho arretado, sô! — Ele diria se fosse Pernambucano e não estivesse tão ocupado para... A alienígena caiu novamente sobre ele e tentou enterrar no tórax do traje uma estranha arma pontiaguda. As duas primeiras camadas se romperam, as outras três camadas abaixo, resistiram bem. Outro chute na criatura. No visor lia-se: 32 % de pressurização. Enquanto ela cai ainda tem tempo de dar um golpe na perna esquerda de Nexter. O lubrificante do sistema hidráulico da roupa começa a vazar. Pressurização estava em 15 %. A criatura arremessa Nexter contra um Açacu que é arrancado junto com um

Aningá e um outro Açai. Trinta metros depois ele tomba junto a um enorme Muriti. A energia do traje está em 2 %. Pressurização em 0 %. O visor se quebrou e o computador começava a se apagar. — Acho que estou com problemas... — resmunga Nexter ainda de cabeça para baixo ao pé do Muriti...

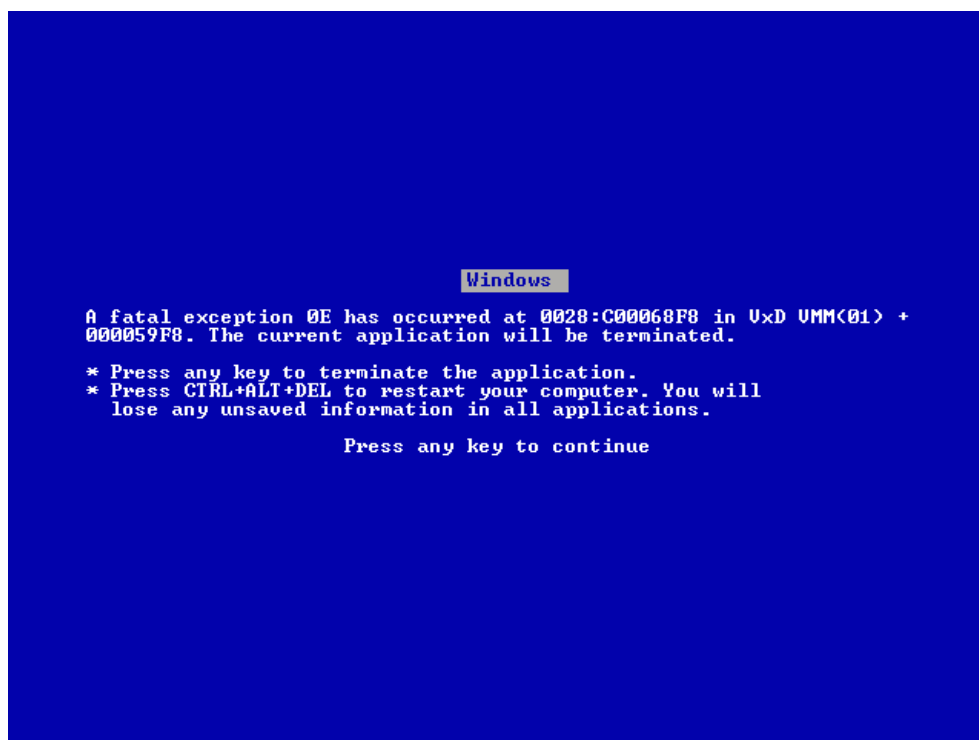
Pegamos o barco inflável e fomos adiante ao Igarapé. Mais adiante, próximo aos troncos submersos de alguns Jequitibás, um estranho tipo de ossada. Emergia da linha d'água algo semelhante a vértebras enroscadas numa corda apodrecida. O Boot resolveu mergulhar. Ele podia

enxergar mesmo com pouquíssima luminosidade. Como não possuía sangue, não seria caçado, pelas piranhas cajus que poderiam estar ali. No fundo das águas, próximo às gigantescas raízes, um imenso esqueleto. De um Cretáceo. Mais conhecido como baleia. Havia um esqueleto amarrado ao seu imenso dorso e uma perna de madeira caíra para dentro do seu esqueleto. Boot se aproximou do que sobrara do esqueleto e quatro minutos depois voltou trazendo um pedaço de sua vestimenta Irlandesa. Nela estava escrito Capitão... Ahab, não dava para ler direito. Havia também um pergaminho que dizia que sua obsessão em capturar uma tal de Moby ainda o induziria á...
No escritório do complexo Polo Papagaio o Aluísio, ensopado de suor, ainda não havia se refeito da peça pregada pelo seu substituto, que provavelmente faria seu último embarque, se ele o encontrasse na saída para o aeroporto. Surgiu outra mensagem no meio da tela azulada do ***Windows NT*** de seu Servidor:

Windows

A fatal exception 0E has occurred at 0028:C00068F8 in VxD VMM(01) +
000059F8. The current application will be terminated.

* Press any key to terminate the application.
* Press CTRL+ALT+DEL to restart your computer. You will
  lose any unsaved information in all applications.

Press any key to continue

— Muito bem! Se você chegou até aqui é porque já virou um excelente digitador. Eu convidei uns amigos meus indianos e japoneses e um pessoal da Norton para fazer um teste na segurança do nosso sistema. Eles vão tentar, pelas próximas quatro horas, apagar os dados do Servidor. Queria avisar que se você tentar desligar a máquina ela vai se autoformatar. Só mais um pequeno detalhe: Descobri a tua senha do cartão de crédito e coloquei ai no sistema. Disse para a rapaziada qual o nome do arquivo e onde se encontra. Seu

problema é tentar impedir que eles acessem o teu arquivo. Última observaçãozinha: Eu tirei teu privilégio de acesso ao subdiretório onde está o tal do arquivo, que por sinal você não sabe qual é. Boa sorte. Você vai precisar...

Aluísio pensou: “Esse rapaz está precisando de tratamento urgentemente... Pois bem, se é para jogar pesado, vamos jogar pesado...”. Rapidamente empurrou a cadeira giratória para trás, virou para a esquerda e abriu a quarta gaveta do armário metálico bege onde guardava seu capacete de Imersão Virtual. Aonde deveria estar o cabo de conexão encontrou um bilhete: “Roubar não vale...” com a letra do Carlos. O jeito era improvisar. Colocou o capacete, arrancou o cabo da máquina fotográfica digital QV-10 da Casio e o conectou (plugou) na porta serial atrás do micro. Era descriptografar (quebrar o código) ou morrer. Abriu a bolsa e tirou de dentro um Cd pirata de cor negra escrito **The Best Off Astalavista** e colocou na unidade de Cd da Mitsubishi.

O FRED

Deu três batidas na porta e entrou um pingüim de óculos, era o Fred, que vira com o iceberg do rio Urucu e que por causa daquele velho problema de

mão de obra especializada, haviam colocado para trabalhar na Informática. Ele se assustou quando avistou o Aluísio com o gigantesco capacete, reconhecendo-o pelos seus gestos estabanados. Sentou-se no colo dele e preparou-se para bico-e-aso-digitar (digitação de um pinguim usando o bico e as asas) na frente do micro. O Fred já estava se acostumando a digitar. Havia treinado conversação no ZipChat com a Michelle (na época do finado portal ZipNet) lá do 'Setor de Estimativa e Custo' da Sede dos Fiscais Exilados. Uma guerra Vitual iria começar, enquanto outra mais sangrenta se desenrolava fora do escritório, que tremia mais uma vez com o rugido do Flare despejando uma labareda de milhares de metros cúbicos de gás incendiado.

Omaã Ridom Defeunestá Rasvarsevadaim Saiibh Abdul Salam, acompanhado de quase quatrocentas pessoas, parou à frente do escritório da Fiscalização. Gritou o nome do Hikano, espumando de raiva.

— A morte marcou um encontro hoje contigo, infiel. Eu sou o teu destino e a tua perdição. Venha para mim, japonês moribundo — gritou por entre os dentes.

Os fiscais saíram espantados para fora do escritório. Menos três. O Aluísio imerso em Realidade Virtual, o Fred, dando apoio para ele e

um paraibano também chamado Aluísio. Aluísio Xavier. Disse que ia telefonar, pegou uma maleta estranha e desapareceu. Onde teria ido?

Hikano olhou para o gigante, ainda ferido da luta contra seu irmão menor. Omaã Ridom Defeunestá Rasvarsevadaim Saiibh Abdul Salam parecia a encarnação da fúria.

— Chegou sua hora verme — gritou para Hikano, sob os apupos da multidão que os cercava. Na mente de Hikano vinham as imagens de um jardim florido e a suave voz de seu mestre que lhe dizia:

— Pequenino, sabe, chegar pode a hora de que tudo que aprendeu você, o insuficiente ser para o duro combate.

Hikano, ainda pequeno, perguntou: — E se chegar, honorável, que fará seu humilde servo? — Ele respondeu: — Lição do coelho diante da raposa, pequenino, lição do coelho diante da raposa... — As lúdicas imagens deram lugar a brutal imagem do vingativo e sanguinário Omaã, que bufava e arfava à sua frente. Então, seu rosto se iluminou. (Hikano finalmente captou todo explendor da sabedoria oculta das palavras de seu velho mentor). Era hora de correr! E muito. Omaã Ridom Defeunestá Rasvarsevadaim Saiibh Abdul Salam perseguiu o pequenino Hikano até o meio da Unidade, Hikano já não aguentava mais. Estava ainda muito abalado com a última luta. Resolveu se virar e o enfrentar.

Desviou bem dos primeiros golpes. Seus mais poderosos chutes não faziam sequer cócegas no monstro. Porém, de raspão, um soco de Omaã o atirou a dez metros de distância. Ele já caiu sem poder mais movimentar seu braço direito. O gigante ria de modo infernal. Lentamente se aproximou de Hikano que já não podia mais se levantar. O fim de Hikano se aproximava.

Estávamos perdendo muito tempo. Já não sabíamos como estava Nexter, tão pouco encontrávamos pistas que indicassem o caminho correto tomado pelos ***Tamo-nem-aí***. Começava a anoitecer na Floresta. Quando estávamos para desistir o Veda gritou do alto de uma Paxiúba. Abusanadam acenou dizendo que haviam avistado uma aldeia. Preparamos as armas e prosseguimos com rapidez. Os ***Tamo-nem-aí*** estavam com um sério problema para enfrentar...

O gigantesco Omaã Ridom Defeunestá Rasvarsevadaim Saiibh Abdul Salam levantou seu imenso e grotesco pé, preparando-se para esmagar o pequenino Hikano. Quando ia desfechar o pesado golpe, do alto do pipe-rack, do alto das bandejas de cabos de instrumentação, uma voz com sotaque paraibano perguntou:

— Meu amigo,
— ‘Sê’ assim...
— Do jeito que ‘Ocê’ é,
— Dói?

O VINGADOR MASCARADO

Sua capa preta balançando ao sabor do vento, com detalhes bordados em rosa-choque, azul, dourado e magenta; o cravo branco na camisa florida contrastando com a fita vermelha ao redor do imenso chapéu de vaqueiro, as botas aveludadas levemente púrpuras, o chicote com punho prateado, as vaquetas, luvas de couro cinzas debotadas de tanta lavagem química, a calça negra, o cinto de segurança para subir em andaimes, enrolado na cintura e ombro, a aparência esquálida e magra do morador do agreste sertão, as palavras faladas entre o mastigar da rapadura com farinha, tudo isso não deixava dúvidas. O defensor da fiscalização oprimida pelos prazos insidiosos dados pelos Clientes. O defensor dos fracos contra os encarregados brutais. O Vingador Mascarado.
Omaã Ridom Defeunestá Rasvarsevadaim Saiibh Abdul Salam olhou intrigado para aquela estranha figura que desdenhava dele do alto do

embandejamento. Num salto fenomenal usando o chicote por entre a tubulação ele pousou com um dos joelhos no piso cimentado enquanto a capa o encobria próximo à Omaã. Novamente falou:

— Tenho uma solitária que estou querendo acasalar a alguns anos, que me acompanha desde a adolescência. Não queria deixar ela nas mãos de uma pessoa qualquer. Sabe, ela é de estimação, tenho muito carinho por ela. Vejo em você a pessoa certa. Essa barriga imensa deve ter o parceiro ideal para minha Filomena. Omaã Ridom Defeunestá Rasvarsevadaim Saiibh Abdul Salam acendeu seus olhos em ira. Hikano podia esperar até que ele massacrasse aquele verme irritante. Dirigiu-se retesando os músculos do pescoço em direção do herói que ajeitava o cravo na lapela de seu bolso.

— Sabe, sinhôzinho, já castrei muito boi maior que ocê lá na minha terra. Só que eles fediam menos. Faço outro negócio com vossa senhoria. Sem olhá, óia a minha confiança, troco meu cavalo banguela pela sua senhora. Só quero de volta teu décimo terceiro, que esse outro animal me serviu bem por muitos anos. O bicho tá cego, mas ainda é um animal espetacular. Manca um pouco, mas só quando está para chover. Reumatismo, coitado.

Omaã Ridom Defeunestá Rasvarsevadaim Saiibh Abdul Salam estava vermelho de tanta raiva. Desfechou o primeiro soco com tal violência que partiu o concreto da proteção antichama ao redor da pilastra. Não acertou o Mascarado, que se desviou, lançou sua capa ao redor da cabeça de Omaã e ainda laçou-lhe o pescoço com uma chicotada magistral. Omaã sem enxergar dava socos a esmo nas pilastras e nas tubulações. Tubos se partiam sobre os golpes do titã. Um puxão no exato momento e no ângulo correto jogou o lutador contra outra pilastra. Ela se partiu com o choque de sua cabeça. O Mascarado retruca:

— Amigo essa capa linda é de um estilista muito amigo meu, o cumprade Tônico de Andrade, que fêz faculdade de economia comigo e os bordados da minha tia Josefina. A coitada morreu. Vamos respeitar. — Outro puxão. Uma válvula de controle é destruída com a batida do gigante. Omaã se levanta e consegue correr e mesmo sem enxergar, abraça e levanta o Mascarado, querendo esmagá-lo contra as tubulações. Este, contudo diz:

— Cumprade, que coisa linda, sei que o sinhô tá carente, sentindo falta da mãe, do ursinho de pelúcia, criamonstrura (mistura de criatura com

monstro), eu sou hômi de respeito. Vîxe! Como o sinhô fede. Lá na tua terra num tem desodorante não? Óia que comi uns negócios esquisitos e vou acabar despejando isso em cima du sinhô, pra tristeza da minha Filomena. Meu padinho Cícero, tá me dando um revestrés aqui nos intestinos eu acho que vou...

— Me soltar...—.

Num golpe com a cabeça, Omaã é lançado para trás e cai sentado. Nunca sentira tanta dor em toda sua vida.

— Desculpa o mau jeito e a falta de educação, é que nada é mais duro do que a cabeça de um Nordestino e também porque nóis do Nordeste num gostamo de colocar para fora comida que nos custa muito pra gente conseguir. Vamos deixar de lado essa truculência sem sentido e vamos dançar um afoxé... Um baião.

— Frêvo?

Dança rumba, dança tango
Dança fado, dança encanto
Dança frevo, dança e anda
Maracatu sem cessar
Mas lembra que tanta dança
Certo dia vai cessar
Prepara então com tua vida
Um lugar, tosco rincão
Onde muitos possam muito
Celebrar com riso alegre
Um lugar de comunhão...

Sobre a guerra

O anjo de trevas avançava por entre lugares de insondável profundidade, turvando mais ainda a mais densa escuridão. Avançava em busca de um abrigo que nem o abismo poderia lhe oferecer. Porque em menos de um instante, todo o abismo se iluminou e tremeu. Incansável lhe alcançara o poderoso opositor. Então num estupor de terrível ira o segundo investiu revestido de todas as sombras que as sombras podiam lhe oferecer. E das trevas que lhe cercavam formou sua própria arma e seu próprio escudo. Empunhando a escuridão novamente embateu-se com a luz no reino da escuridão. E dentro do profundo abismo, a grandiosidade do poderio arrancou os pilares que

amparararavam o inexistente, e num estupor da fúria da escuridão, o véu das trevas, como seda, se rasgou. O abismo, o interminável abismo foi seccionado ao meio.

Desta vez, a espada incandescente foi arrancada das mãos do primeiro anjo. Sibilou e lançada foi para fora do abismo que desmoronava sobre si mesmo. Atravessou o cosmos e singrou através de constelações, numa explosão de força incontida, tão incontida que até as cortinadas do tempo também rasgou. E sumiu por entre as dimensões e a eternidade, até atravessar a via láctea em direção a um mundo vindouro, varrendo as alturas de sua atmosfera e vindo a cravar num solo ainda sem vida.

Vendo seu opositor sem sua arma, a criatura de trevas avançou com todo seu poder.
Então de mãos nuas o primeiro anjo o conteve e em meio as trevas, um relampejar estrondou de tal modo, que tudo que os rodeava desapareceu.
Aterrorizado por tamanho poder, o de trevas, ferido e em desespero avançou sobre as eras e na cortinada do tempo se escondeu. Deixando para trás o limbo, rumou em direção ao mundo onde caíra a espada. E lá chegou, já num universo

modificado, milhões de anos após a luta que iniciára, num mundo azul, de terras e mares, de montes e florestas. E horrorizado ele contemplou toda a mutidiversidade daquilo que ele mais odiava. A vida. E enojado mergulhou em direção a uma imensa floresta.
Uma imensa floresta.
O que tinha a espada, agora de mãos nuas, cujo poder não se pode medir, fez menção de prosseguir.
Contudo dentro de si, uma poderossísima voz reverberou:

“Ainda não”.

Capítulo SEXTO

“Nunca confie em uma mulher que diz a sua verdadeira idade. Uma mulher que diz isso é capaz de dizer qualquer coisa.”

Avistamos a aldeia, suas tabas e o estranho ritual que estava para dar início entre as ocas feitas de barro batido com folhas de Jacitara. Estávamos sobre uns Jupatis, pendurados em Apuís, fortes

cipós amazônicos. Brisa Serena estava amarrada a uma Carranca no meio dos aborígenes, pintada com cores cerimoniais. Pintura a base de Urucum, um corante vermelho de uma planta da região. Bem, foi isso que nosso especialista em línguas e agora também profundo indigenista, Abusanadam, explicou. Um velho índio que aparentava ser o pajé dos Tamo-nem-aí dava voltas junto com toda a tribo de guerreiros que dançava ao redor da Carranca. Era como se esperassem algo estranho acontecer. Entraríamos por três frentes diferentes atirando para o alto. Os selvagens certamente se assustariam e assim tranqüilamente resgataríamos a Brisa. O Boot, o Ashok e o Veda invadiram pela entrada principal, eu e o Abusanadam pelo outro lado. Jayme emergiu do meio de uma oca levando com ele as paredes do muro externo, as da oca e duas araras vermelhas. Apesar do tiroteio cerrado os índios não correram como prevíamos. Pararam todos nos fitando, armados de lanças.

— Rendam-se selvagens — gritei inspirado num filme qualquer.

— Vocês não têm chance contra nosso armamento pesado. Libertem a princesa dos Como-vai, ou sentirão a ira da Fiscalização.

O Boot, do meu lado solicitou um pouco mais de originalidade para o meu pronunciamento de

resgate. O Abusanadam semicerrou os olhos e me enviou um gélido olhar...
O Pajé gritou algo para os guerreiros em língua que aparentava ser o tupi. Olhei para o Abusanadam e perguntei o que ele falara. Abusanadam olhou-me assustado. Não fazia a mínima idéia do que ele havia dito. Neste momento, eu realmente, fiquei aterrorizado...

Onde estaria o Nexter?

Sempre vinha nos seus olhos a imagem de Aninha. Se ele não sobrevivesse, como iria concretizar o sonho de conhecê-la? Na última semana ele tinha enviado seuis cartas, vinte e dois e-mails e um casaco, bege, com gola alta e um bordado. O doido do Carlos Borges conseguira o endereço de Ana. Ele ainda tentava apagar do rosto o sorriso das respostas dela.
“Você é doido”.
“Olha, nem que eu vivesse mil vidas, eu iria querer conhecer um cara-de-pau como você!”
“Homens são que nem capim. Quanto mais você pisa mais nasce!”
“Cara! Você não desiste nunca? Você sabe o que é a palavra nunca? Quer que eu soletre?” N-U-N-C-A, entendeu? “Tenho minhas prioridades e apaixonar-me no momento não consta de nenhuma lista.”
Incontáveis são os foras que Nexter levava. Outra das características dos homens da ciência é a persistência. Um cientista nunca desiste

Pena que iria morrer tão jovem.

Nexter se escondeu atrás dos restos do Muriti. Ligou todos os sistemas de emergência do traje. Se durante os próximos dois minutos conseguisse sobreviver à alienígena teria uns trinta por cento de chance de sobreviver. Talvez menos. O Muriti explodiu atrás dele que foi lançado a quase trinta metros de distância. Ainda no ar passando por entre as folhagens escutou o ruído dos circuitos de emergência sendo acionados. Quando caiu no chão possuía metade das capacidades cibernéticas do macacão turbinado, o Transformer, em funcionamento. Na mão direita ainda segurava o alarme contra a Coisa, que ele mesmo desenvolvera e que lhe fora entregue pelo Jayme. Possuía a assinatura ilegível dele no punho prateado. Se fosse derrotado, certamente a alienígena correria atrás do restante do grupo. Não podia perder... Acionou o modo de força e esperou a criatura cair sobre ele novamente. Súbito, duas luzes azuladas iluminaram uma área de um tubo ao seu lado e duas pessoas se materializaram no meio da Floresta. Teletransporte? Um vestia uma camisa azul com um símbolo em triângulo, com as orelhas pontudas e o outro possuía algo como um mostrador de energia. Começaram a conversar entre si. Depois ligaram uma espécie de comunicador e falaram com um tal de Scott. Disseram que as coordenadas espaciais estavam

certas, com as temporais atrasadas em 1600 anos. O de orelhas pontudas olhou para Nexter, levantou uma das sobrancelhas e juntamente com o outro com cara de médico, desapareceu no ar.

Não dava tempo para pensar no episódio porque a alienígena saltou dando um guincho assustador sobre ele. Nexter desfechou seu soco mais potente. Dessa vez pegou em cheio. A criatura foi lançada no meio das árvores com tanta velocidade que queimou o ar á sua passagem, sendo cravada numa monstruosa Sumaúma. Essa árvore pode atingir mais de quarenta metros de altura por oito de diâmetro. Sua copa é maior que um campo de futebol. A mais gigantesca árvore do Amazonas. A alienígena foi enterrada no tronco da gigantesca árvore enquanto macacos assustados, araras azuis, urubus-rei e dois tamanduás fugiam apressadamente. Entre suas imensas raízes tubulares partidas uma fumaça negro-esverdeada se levantava. Teria vencido afinal? Decidiu usar o resto da força do traje para se comunicar com o seu laboratório. O sinal estava muito fraco. Apesar de possuir seu satélite particular, lançado por ele mesmo, teria que tentar o *tosco* sistema de telecomunicação implantado na região. Não conseguia ligações externas. O jeito era apelar para sua irmã, que trabalhava no Quartel General dos Fiscais Exilados, na Sede... Não! Tudo menos isso...

pensava. Um guincho macabro saindo do interior da Sumaúma o levou imediatamente a reconsiderar...

A IRMÃ DE NEXTER

— Alo? Eu queria falar com...
— Nexter, é você? NNNNNNNN EEEE EE EE XX T E EEEEER!
— NEEEEEEEEEXTER!
— Meu querido irmãozinho... Onde você está? Olha que minha mãe tá ficando preocupada... ela telefonou para o escritório e não havia ninguém...
— Olha só, irmãzinha, não tenho tempo agora para discutir particularidades com... Eu... Eu... Eu...
— FALA LOGO! Deixa de enrolar, eu sei o que você vai dizer, eu sei, eu sei, eu...
— FICA QUIETA! Tô tentando me concentrar... Eu... Eu... PRECISO DE SUA AJUDA!
— VOCÊ FALOU! Eu sabia! Eu sabia! O que você quer... Puxa! Você deve estar bem encrencado...
A alienígena colocou a garra ainda incandescente para fora do tronco da Sumaúma.
— Olha só, você sabe que dá para acessar o módulo de armas pesadas lá do laboratório via seu celular, não sabe?
— Como?
— Eu te passo um código, você digita AGORA!
— Como?

— Presta atenção criatura! Eu vou te passar...
A outra garra com o armamento foi colocada para fora da imensa árvore
— Você está me escutando?
— Desculpa Nexter, é que eu estou pintando minhas unhas, nossa! Como elas ficaram lindas... Deixa-me ver, Você quer que eu digite um código no celular. É isso?
— É! Digita AGORA, se eu sobreviver, se eu sobreviver...
— Sobreviver ao que? Nexter. Nexter. Você está me ocultando algum negócio... Sabe, Nexter, Você tem andado muito nervoso. A ansiedade causa Strees sabia?
A cabeça da estranha criatura emergiu do tronco semi-esfacelado, mostrando os olhos brilhantes da extraterrestre que procuravam sua refeição fugidia. Onde se encontrava, olhou em direção ao Nexter.
— Sabe, Nexter, a gente devia se ver mais. Sabia que eu passei a semana lá no laboratório?
— VOCÊ O QUE?
— Fiquei um tempão brincando com os seus equipamentos.
— VOCÊ O QUE?
— Não grita comigo, se não eu desligo!
— Por favor, por favor, digita o código... .
— Nexter. Nexter. O que você está me escondendo...

— Pega um papel e anota: 0 0000 000899980 08777 7777 89
— Nexter. Para que tanto zero? Sabia que o DDD mudou? Nunca viu aquele anúncio com àquela modelo branquela, como é mesmo o nome? Arusia, Paola... Um negócio assim...
A alienígena saiu da árvore. Apertou parte da sua armadura enegrecida. Saíram umas garras de dentro dela. O braço ganhou uma estranha tonalidade fosforescente.
— LIGA ESSE NEGÓCIO QUE EU ESTOU ME ABORRECENDO.
— Nexter. Você está gritando...
— Tá bem. Minha amada irmãzinha, disca para mim.
— Nexter. Meu celular não tem disco... esse negócio é daqueles telefones antigos..
— Tecla, digita, pressiona, toca, aperta as teclas, rápido...
— Está bem Como é mesmo o número?
— 0 0000 000899980 08777 7777 89
— Dá para repetir?
— 0 0000 000899980 08777 7777 89
— Môzinho, estou anotando...
O ser veio numa desenfreada corrida em direção ao Nexter.
—VOU DESLI... ZZZZZZZZZZPPPPPPPT!!!!!!
— Nexter? Nexter?

— Nexter?
— Que irmão cientista estranho mais mal educado. Acho que anotei certo. ‘Deixa eu’ teclar... São sete ou oito zeros?

Acabara o suprimento de energia adicional. A criatura se jogou com tanta força contra ele que o fêz parar a trezentos metros de onde se encontrava. Caiu no meio de vários Castanheiros. Neste lugar existiam restos de uma nave caída. Parecia ter saído de um filme de ficção da época de sessenta. Seria nela que a alienígena chegara? Não. Já estava ali há muito tempo. Talvez dentro dela existisse algo que o ajudasse a enfrentar a extraterrestre. Dentro da nave de formato redondo e achatado havia alguns trajes prateados, um com o nome gravado Zachary. Outro menor com o nome Will. E havia o resto de um robot. Sua cabeça era em forma de uma câmara de ar transparente, o corpo metálico parecia um barril com um painel acoplado. O braço que restava era sanfonado com uma garra estranha de três dedos. Antes que pudesse achar algo que o ajudasse um raio explodiu os restos da espaçonave e Nexter caiu desfalecido no chão.

O visor se apagara completamente. Já não havia quase energia para utilizar. O corpo da grotesca forma de vida fazia sombra agora sobre o fiscal caído.

Já ao léu, soprada ao vento juntamente com insetos arrastados, balouçava qual pendão, a capa negra bordada do Vingador Mascarado. De algum lugar ele retirou um velho violão de repentista e para surpresa de todos, cantou carinhosamente uma música com a melodia do Caetano:

C/G G
"Gosto muito de te ver, Omaãzinho,
Am7/9 Em 9 e 7
Caminhando pelo sol,
Am7/9 Bb9
Como se fosse um jacu,

C7+
Que é feio. Tum-durum tum-durum
C/G G/B
Tu parece Um tatu
Solitário
Am9 e 7
Arretada assombração
Bb9
Mas animal-feio-assim
C7+
Não existe...

Am Am7+
Tua mãe se admirou
Am7 D7/F#
Com tanta feiura Tum durum tum durum tum durum tum durum
Dm Dm/G
Tanto que quase morreu,
D9/F# etc...
A coitada.

Não me olha assim de lado
Que eu não caso não Tum durum tum durum tum durum tum durum
No teu caso ser solteiro
Não é opção... .

C/G G/B
Gosto muito de te ver, Omaãzinho,
Am7/9 Em7 add 9
Caminhando pelo Mata,
Bb9
Inda que o barro suje,
C/G
Tua pata"...

Os aplausos vieram de todos os lados. Festa da peãozada. Menos de Omaã Ridom Defeunestá Rasvarsevadaim Saiibh Abdul Salam. Tirou uma imensa espada da cintura, espada antiga e impressionante, banhada em ouro da antiga Ofir. Uma espada transformada pela riqueza árabe, que recebeu adornos, jóias e incrustações magníficas. As safiras Paquistanesas da sua empunhadura resplandeciam sob a luz alaranjada da iluminação das lâmpadas de vapor de sódio da Unidade. O Vingador Mascarado olhou fixamente nos olhos de Omaã e perguntou:

— Omaã desculpe lhe perguntar, de novo, contudo, todavia, ainda, porquanto, assim, entretanto, sem mais, declarando, enfim, recitando:

— ‘Sê’ assim,
— Do jeito que ‘Ocê’ é,
— Dói?

Enquanto isso no quartel General dos Fiscais Exilados a irmã do Nexter digitava o último número.

— Era oito ou nove? Deixa pra lá. Vou digitar sete. Já estou cansada mesmo. Esse Nexter... Aposto como está se divertindo...

A alienígena sedenta de sangue preparava para dar seu mais poderoso golpe no desfalecido Nexter. O laboratório recebeu o chamado. O computadore separou e enviou via satélite uma reprogramação do software do Transformer, de traje auxiliar de terraplanagem para outro tipo de equipamento. A criatura se surpreendeu com a mudança. Quase deu certo. O computador enviou o módulo errado. O Transformer se transmutou em cinto de segurança com sinalização luminescente, entretanto com um desenho bem arrojado... Nexter continuava desmaiado, com seu macacão, agora normal, tendo ao seu lado um monstro faminto de 800 kg... Vixe!...

Ainda na aldeia o Boot detectou uma imensa massa de energia que estava para explodir próximo ao local onde deixara Nexter. Algo aumentava sua energia, carregando-se, como se a fosse descarregar em algo ou em alguém. Só que não podia ajudar. O grupo de resgate já desfrutava dos seus próprios e inumeráveis problemas. De um momento para o outro saíram milhares de indígenas e cercaram completamente a aldeia. Como a areia no mar.

Tudo parecia dizer que Nexter estava perdido. A criatura se preparou para dizimá-lo, sem saber que o pulverizaria no processo. Entendia que o Transformer e Nexter eram um mesmo ser. Ela ergueu o braço que resplandecia como o sol no meio da noite amazônica. Ao longe o Uirapuru ecoava sua belíssima melodia, como se anunciasse a partida de um jovem guerreiro. Uma névoa serena se levantava do solo subindo entre as árvores iluminadas pelo braço da alienígena. Foi quando aconteceu. Nas mãos de Nexter o alarme contra a Coisa, escurecido, começou a piscar e a zumbir. Um grito pavoroso se escutou na mata. Foi ouvido até da aldeia. Os silvícolas, ou Florestovícolas ergueram suas cabeças com pavor e em meio a gritos estridentes começaram a correr em desespero. O velho cacique, o pajé começou a

pronunciar um antigo canto e repetir uma estranha palavra:
— Mapiguary...
— Mapiguary...
— Mapiguary...
A alienígena levantou a cabeça ao ouvir os pesados passos que corriam na sua direção, vindo com fúria do interior da Floresta. Virou-se para caçar também o ser que se aproximava. Antes que pudesse tomar qualquer atitude, foi apanhada pela Coisa sem ter como se defender. Um grunhido imenso, um baque surdo, depois, somente o silêncio...

O alarme parara de zumbir e piscar, na mão esquerda de Nexter, caído, sozinho, aos pés de uma Seringueira...

Final espetacular do sexto capítulo

Êta coceira enjoada essa.
Se eu pegar essa formiga ingrata
Será ouvido em seu formigueiro
Uma lamentação...

Capítulo SÉTIMO

"Os solteiros ricos deveriam pagar o dobro de impostos, não é justo que alguns homens sejam mais felizes do que outros"

Abusanadam sorriu. Olhou com aquele seu ar de sofisticação intelectual de sempre dizendo que na verdade confundira uma variante antiga do guarani com um dialeto extinto dos Pataxós. Quando o velho pajé pronunciou aquela palavra, se localizou lingüísticamente. Era uma velha lenda amazônica, o mais fantástico animal que já existiu. O Mapiguary. Um ser fantástico que raptava mulheres dos índios, que jamais pôde ser caçado, e se fosse ouvido ou visto, a única possibilidade de sobrevivência seria tirar a roupa e subir numa árvore bem alta. Então começamos a compreender. Brisa seria ofertada como sacrifício para o Mapiguary...

Os óculos do Fred, o pingüim fiscal, estavam se embaçando. A luta sem trégua contra os hackers que tentavam invadir o sistema era travada na sala do Servidor de Rede, ao som do Cd “Retorno ao centro da terra” do Rick Walkman. Aluísio, ainda mergulhado em realidade virtual, apontou para uma caixa de Cd's de musica ao lado da mesa, e o Frei foi apanhá-los. Fred abriu o Cd-player portátil e entregou o Cd do Rick nas mãos do Aluísio que o atirou pela porta à fora. Fred escolheu um de musica clássica, o Aluísio acenou que não. Outro do Flávio Venturini. Desta vez ele bateu com o pé dizendo que não. Aí o Fred pegou um de forró brega com Néu Pinel “Forró Arabiense” — Mistura

de musica árabe com cearense — (Esse Cd é real). Aluísio levantou o polegar acenando que sim. Fred colocou o Cd no disc player.
O pingüim se arrepiou todo.

Omaã Ridom Defeunestá Rasvarsevadaim Saiibh Abdul Salam cortou ao meio o velho e surrado violão do Vingador Mascarado. Este, segurando o braço dele com as cordas de aço soltas, disse para Omaã:
— Sabe caboclo, essa tua ruindade tá começando a me furnicar. Tá na hora deu amarrar tua lata. Meu cumprade violeiro Tião das Dores, luthier de renome da pequena cidade de Sapê do norte, próximo a Tucumaré, amigo pessoal de Turíbio Santos, fez essa obra prima a partir de madeira de Jatobá. Tu, num me deixa outra escolha se não, partir pro enfrentamento.

Omaã resmungou:
— Verme infiel. Vou arrancar este teu coração e entregar teus olhos para os abutres. Vou suspender tua cabeça na minha cimitarra só por diversão. E depois vou atrás do japonêzinho.

O Vingador Mascarado:
— Tua voz gutural me deixou todo arrepiado. Que timbre mais nefasto. Parece uma mistura de arroto de jacaré com grito de capivara apertada por uma sucuri. Tô produzindo um filme de terror: “Símio mardito da Caatinga”. Essa tua voz, esse teu jeito

esquisito, essa tua cara de macaco, tu é o cabra que eu tava esperando! Só te peço uma postura de mais masculina, que essa tua roupinha tá te comprometendo...

O berro irado de Omaã partindo como uma besta contra o Mascarado, era mais ensurdecedor que a partida do compressor de reinjeção de gás. Um pulo fenomenal, o chicote é enroscado no braço com a cimitarra, desviando o golpe mortal no último minuto, a cimitarra parte em dois um transformador de iluminação, que incendeia, deixando sem luz metade do pipe-rack. O Mascarado sobe magnificamente sobre a tubulação e corre por sobre ela em cima do pipe-rack. Omaã lança a sua espada girando, no herói, que é atingido. Sua capa é rasgada e a espada sobe em direção a lua minguante, caindo a centenas de metros dentro da Floresta. O Mascarado queda de sobre o pipe-rack, e com o auxílio do chicote ainda consegue cair de pé. O Vingador Mascarado se agacha olhando para a capa negra bordada em frangalhos. Está em silêncio. Todos estão em silêncio. O Mascarado então fala com a voz embargada e choro no coração

— Que será de mim, Filomena, sem minha capa negro-esvoaçante, cujos bordados rosa-choque com flores exuberantes, me relembram o interior da pacata cidadezinha de São Tomé das Tamancas,

onde minha doce tia Josefina, mulher de fibra e companheira de Maria Bonita, uma desbravadora do sertão, entretida, bordava minha capa de indelével defensor da minoria oprimida, à sombra do Cajueiro.

— Que será de mim, herói destemido, sem sua capa bordada, aos pés do Cajueiro. Ó homem-morcego, não ria de mim. Tô me sentindo nu. Tô me sentindo só sem meu símbolo maior...

— Omaã. Tu és cabra mal. Todavia, sinto que, debaixo de toda essa tua mardade cruenta, desse teu desejo mórbido de massacrar as pessoas, desta tua impiedade e falta de misericórdia, bate um coração cheio de ternura.

— Omaã.

— Cabra safado.

— ‘Sê’ assim...

— Do jeito que ‘Ocê’ é,

— Dói?

O SONHO DE NEXTER

Nexter teve um sonho enquanto estava desacordado. Que estava de pé perto de um Igapó. Nas águas do rio inundando parte da Floresta uma imensa vitória régia flutuando placidamente sobre as turvas águas. Ele, qual jovem índio, apesar do bumerangue nas costas,

dela se aproximava, remando em busca de caça ou pesca. De dentro da Vitória régia surge uma bela índia, apesar de alva como a carne do Tucumaré, branca, igualzinha a Ana Paula Anósio. Ela usa adornos estranhos. Nunca havia visto tais tipos de peles de animais ou folhas como essas nas quais ela estava envolta. Ela lhe sorri como a lua do céu estrelado, docemente e lhe estende os braços torneados como se o convidasse a abraçá-la para sempre. Ele olha desconfiado. A sua beleza, porém, é estonteante. Entre a razão e a emoção o jovem índio enamorado leva a mão ao bumerangue... E atira...

Nota do escritor: NEXTER VAI MORRER.

Bom, parecia fácil. Os Tamo-nem-aí bateram em retirada. O Velho Pajé dançava sem sair do lugar. Era só soltar Brisa Serena, procurar Nexter e voltar. O Boot desamarrou a bela índia da Carranca. Ela olhava assustada para o Abusanadam que foi logo falando no dialeto dos Como-vai para tranqüilizá-la, enquanto Jayme, o Ashok e o Veda se aproximavam. Então o velho Pajé olhou para nós e disse algum tipo de imprecação. O Abusanadam traduziu como: “Ele vai atrás de suas vítimas, e está perto”, apontando para a pintura de Urucum no rosto de Brisa Serena. Nesse momento

começamos a nos afastar enquanto do meio da aldeia vazia o velho índio gritava: “Ele está perto. Ele está perto”. Meia hora depois encontramos uma região completamente queimada, e árvores caídas. Uma gigantesca Sumaúma com um buraco imenso carbonizado no meio. Ela ainda esfumaçava. O Boot avistou Nexter caído no meio da escuridão a 400 metros de onde estávamos. Ele olhou para nós, dizendo:
— Pequenas escoriações, pressão, temperatura e batimentos cardíacos normais, nenhum tipo de fratura. Ele se encontra dormindo, analiso.
Corremos ao seu encontro e o despertamos. Jayme ficou tão alegre que lançou Nexter acima da altura da Floresta. Pelo menos o agarrou depois. Nexter não estava entendendo nada. Olhou ao redor da cintura e viu o cinto de segurança. Na pressa devo ter dado o código errado para minha irmã, pensou.

Por detrás de si Omaã escutou uma voz que lhe disse: — Não basta todo o soflimento já causado pol seu ilmão? Você está quelendo, cliatula vil, tel o mesmo destino dele?
Quando se virou para ver quem falava, ali estava um japonês com o uniforme que se assemelhava a um misto do National Kid com o Ultramam (a capa era do National Kid).

Mascarado:
— Meu parceiro inseparável na luta contra a falta de rapadura, companheiro de aventuras, você voltou! Nationalman!... Amigo de fé, meu irmão mascarado, parceiro na luta contra psicopatas, olhinho puxado tal qual chinezinho, mas um coração de menino prodígio... (sobre a musica do Roberto Carlos) Onde é que tu tava seu cabra sem-vergonha? Isso lá são horas de chegar?
Nationalman:
— Desculpe, honolável combatente do clime, tive dificuldade na hola de vestil o unifolme, acho que engoldei um pouco.
Mascarado:
— Tá desculpado, vou descontá nas tuas diárias assim mesmo... Deixemo de bobage e vamos ao nosso grito de guerra:
Os dois, com o braço direito esticado na horizontal:
— AINDA QUE FALTE FARINHA!
Mascarado:
— A lenda renasce nos confins da terra! Avante criatura pusilânime, seja lá o que signifique isso, e mais uma vez lutemos pela causa da justiça como defensores da minoria maltratada. Vira-se lentamente para Omaã e diz: — Sela-se nesta hora teu destino patético, patética criatura. Uma última tentativa de diálogo: Vou sentir tua falta, caboclo marvado. Vem cá e me dá um abraço antes que a

gente te enfie umas bolachas nestas tuas ventas de pangaré da carroça de lixo da prefeitura de Passo Fundo, que me perdoem tão belos animais...

Num salto ornamental Nationalman se coloca ao lado do Vingador Mascarado. Gritam novamente o refrão:

— AINDA QUE FALTE FARINHA!

E partem resolutos para cima do gigante.

E como estão nossos amigos hackers?

Aluísio continuava lutando contra as inumeráveis tentativas de acesso ao Servidor com todos os recursos de realidade virtual que possuía. O esforço lhe era tremendo. O cabo da Qv-10 que ele adaptara ao capacete não estava adequado para a taxa de transmissão de dados exigida pelo equipamento. O cabo começava a derreter. Em dado momento, exausto pelo esforço mental, ele pende para trás e desmaia. Fred, o pingüim, olha para o Aluísio caído, tenta reanimá-lo, sem conseguir. Usando toda sua força o pingüim arranca o capacete da cabeça do Aluísio, e num corajoso gesto se joga dentro dele. Agora dependia do Fred, a luta contra os hackers.

No meio da Floresta, próximo ao Igarapé o grupo parou para descansar. Nexter tentava reparar o Transformer danificado pela criatura alienígena. O Boot estava atento ouvindo as piadas que o Abusanadam contava em Hindi para o Ashok e o Veda. Eu, Jayme e Brisa Serena tentávamos fazer um peixe para o jantar. Nesse momento exato Nexter saiu correndo de dentro da sua tenda inflável com uma expressão de pavor... Em suas mãos o alarme contra a Coisa estava piscando e zumbindo...

Chegando estava o Mapiguary...

Mormente sente dolente corpo
Cansaço.
Sô.

Capítulo OITAVO

"Quando não restar mais nenhuma opção, leia o manual."

Fred lutava ao mesmo tempo contra vinte indianos, uma equipe da Norton da Divisão de Quebra de Sigilo, e uma gangue japonesa de hackers da Yakuza chefiada, por Toshiro Yamada, o mais poderoso hacker japonês. E contra um hacker

desconhecido. O hacker desconhecido não atacava. Somente observava o que acontecia. Eles atacavam em grupos, por via de todos os protocolos conhecidos e segredos não documentados do Windows NT. Telnet, Tcp/Ip, Emuladores, Realidade virtual, Controle remoto da estação de trabalho, etc. e tal. Os indianos atacaram as telecomunicações. Os da Norton já haviam conseguido acesso a um terço das informações do computador. Os japoneses eram ousados. Estavam tentando trocar o sistema inteiro por um sistema operacional desconhecido. Toshiro Yamada entrou na CPD clandestina, sendo reverenciado por todos. Dirigiu-se até uma estação da Silicon Graphics acoplada a um Servidor da Alfa rodando um sistema inteiramente desenvolvido por eles. Sua jaqueta de couro foi retirada por dois assistentes enquanto dois outros colocavam eletrodos sobre sua cabeça completamente calva. Nas suas costas, via-se claramente a tatuagem de um computador destruído por um imenso dragão. Duas luvas de Realidade Virtual foram colocadas em suas mãos de ninja virtual. Não havia tela diante dele. Entretanto, uma holografia surgiu frente a ele que começou sua estranha tarefa. A situação iria complicar.

Fred sentiu que não poderia resistir por muito tempo, mesmo porque o capacete virado sobre ele

estava muito quente. Se continuasse somente a se defender ele perderia todos os seus dados rapidamente. O jeito era atacar. Dentro da Norton o primeiro a sentir foi o próprio Peter Norton quando seu computador travou em meio a uma conversa com o Bill Gates. Dois rapazes da Norton perderam seus computadores. Eles tiveram a CPU danificada. Doze indianos tiveram seus sistemas operacionais trocados para o Linux. Três japoneses agora viam seus micros com caracteres árabes. A luta era acirrada. Algo aconteceu no Servidor. A equipe japonesa conseguiu. Trocaram parcialmente o sistema para um híbrido completamente desconhecido. Fred dava patadas no Aluísio que se recusava a acordar. No meio da tela surgiu uma imagem distorcida de Yamada. Ele estava conseguindo entrar... Fred pingava. Se ao menos ele conseguisse desligar aquele Cd de Forró Arabiense...

Mascarado:

— 'Êta' briguinha porreta!

Nationalman dava chutes com precisão cartesiana em Omaã Ridom Defeunestá Rasvarsevadaim Saiibh Abdul Salam. O Vingador Mascarado estalava o chicote sobre o gigante. O titã não sentia seus

golpes. Agarrou os dois ao mesmo tempo e os lançou sobre a torre de Detanização, a duzentos metros de distância. A torre com cerca de sessenta metros de altura, estava completamente cercada de andaimes. Mesmo na subida, com o corpo desgovernado no ar, o Fiscal falava com Nationalman:

— Ar puro, liberdade, isso que é vida, National. A beleza da áoite amazônica, os insetos fosforescentes brilhando á luz do luar, o reencontro de dois amigos; tô muito emocionado. Se a gente não fosse morrê agora eu te contava uma bela história de amor, National.

— Honolável helói e colajoso combatente, sinto-me honlado em passal esses momentos finais de minha humilde existência ao lado de tão valente Mascalado... Aaaaaaaaaaaaaaahhhhhhhhhhhhhhhhh!!!!!!!!!!

— Não tema assistente fiel, ainda não chegou nossa hora, segure-se em mim, AINDA QUE A FARINHA ACABE.!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!

Antes de se chocar com a imensa torre, o valoroso Vingador Mascarado, solta o cinto de segurança enrolado ao ombro, com imensa corda elástica antes do gancho em sua ponta. Segurando a pequena capa de Nationalman, ele lança o gancho que se acopla a um dos milhares de tubos dos

andaimes ao redor da torre e com um giro de quase 260 graus em espiral ascendente os dois caem sobre os andaimes quase no topo dela. O Mascarado:
— Mais uma vez, a gloriosa dupla dinâmica cearense-nipônica de luta contra a opressão da minoria oprimida pela opressão que oprime essa mesma minoria, escapa quase ilesa, da fúria bestial de um psicopata.
— Tá me ouvindo, National?
Nationalman completamente enroscado nos andaimes com a capa em frangalhos e a roupa rasgada:
— Si -im, ho-no-o-lável...
Omaã vai até a base da imensa torre. Inicia a escalar os andaimes tubulares... Aos saltos...

— Quais as nossas chances contra a Coisa? Perguntei.
O Boot:
— Está abaixo de valores que eu possa quantificar.
Um guincho horrível se ouviu no meio da Floresta. O Mapiguary estava a caminho. Nexter perguntou:
— De quanto tempo dispomos, Boot? Boot respondeu que pela distância do grito do animal e pela amplitude e freqüência dos passos aumentando em nossa direção, menos de quarenta e cinco segundos. Sem possibilidades de fuga. Sem

um lugar para se esconder. Com poucas armas e o Transformer que estava vestido no Nexter danificado. (o escritor informa que essa história deverá terminar em quarenta e cinco segundos). Eu gritei para Nexter:
— Nexter, você é o gênio do grupo, precisamos de uma solução!
Trinta e sete segundos. No pulso dele o sinalizador piscava cada vez mais rápido. Nexter:
— Eu não consigo, não sei trabalhar sobre pressão!
O tempo escoava. Trinta e dois segundos. Ao nosso lado, uma gigantesca árvore. A maior daquela região. Maior até que a Sumaúma. Jayme se jogou contra ela e cravou suas mãos no tronco gigantesco. O Boot entendeu o que ele queria fazer. Foi para o lado oposto e fez o mesmo. O chão tremia com a vinda do Mapiguary. O Abusanadam olhou para o lado oposto para não ver a árvore sendo arrancada. Nexter digitou um código no Transformer, tomou uma bateria da mira laser de uma das armas e fechou um curto-circuito, para derreter as ligações de parte do traje. Boot apontou em direção a barco no Igarapé e gritou:
— Vão, agora!
Abusanadam, Ashok, Brisa, Veda e eu, todos, corremos na direção do barco. Árvores eram partidas na passagem da criatura. Tucanos em profusão ascendiam aos céus na passagem do

fantástico ser. O Nexter ligou os sistemas auxiliares, dois leds vermelhos acenderam no pulso esquerdo. Ele correu e segurou o tronco entre o Jayme e o Boot. Desesseis segundos. A fera foi avistada, enorme, embora não desse para definir seu corpo por causa da velocidade com que corria. A farda laranja se rasgou nas costas do Jayme sobre o esforço dos músculos retesados. A árvore começou a ceder. Cinco segundos. Jayme se afastou e pulou sobre o tronco que se partiu com grande estrondo em direção ao animal que vinha em nossa direção. Dois segundos. Ashok parou de correr, mirou a bazuca que trazia nas costas no Mapiguary e atirou. O tiro pegou em cheio no peito do monstro, que parou sua corrida no mesmo tempo em que a árvore gigante caía sobre ele. A metade superior do tronco se partiu sobre ele. Nexter se virou para Jayme e para o Boot: Para o barco! (Gente! Não é que eles ainda estão vivos? Impressionante a capacidade de sobrevivência desse grupo... Nota do escritor) Todos já estavam nele quando a parte superior da gigantesca árvore foi lançada por cima de nossas cabeças, caindo no meio do Igarapé. Nexter olhou espantado para mim. Lá vinha o Mapiguary.

Os motores do barco inflável, miniturbinas, pifaram. O jeito era remar. Boot e Jayme

impunham velocidade enquanto Abusanadam, qual ritmista de nau romana, gritava orientações. Nexter falou:

— Calma, gente, pelos meus dados sobre criaturas fantásticas esse ser aí não sabe nadar. E mesmo que nade não tem como nos alcançar.

O Monstro se atirou dentro d'água indo para o fundo do Igarapé. Formava ondas e espuma, cortando as águas, vindo em grande velocidade em direção ao barco. Nexter:

— Posso estar enganado...

Subitamente uma lança sobe de dentro da água, rasgando parte dele. O ar começa a vazar. Falei:

— Lembram-se daquelas lendas de tribos que moram debaixo d'água? Pois é... Quem sabe não tem algum fundamento...

O barco começava a afundar. Do outro lado do Igarapé, algo extraordinariamente grande estava vindo ao nosso encontro por debaixo da água. O Boot disse que um objeto do tamanho de um submarino estava vindo em nossa direção. Em sentido contrário ao do Mapiguary. A cabeça do submarino emergiu de dentro da fria água do Igarapé. Não era um submarino. Parecia com uma tubulação de mais de 300 polegadas de diâmetro, completamente negra, sinuosa, refletindo o luar por entre suas escamas. Nexter:

— Ei, quem é que viu aquele filme, Anaconda? Essa aí é bem maior.
Boot se levantou, entregou o remo para o Veda e saltou num cipó, num Apuí, atrasando-se, enquanto o barco prosseguia impulsionado pelas violentas remadas do Jayme... Nós olhavamos assustados. O que ele pretendia? Brisa serena se levantou do barco e gritou algo para o Boot que depois o Abusanadam traduziu como:
— Não! Não.
O Boot acenou uma última vez e pulou o meio das turvas águas no caminho do Mapiguary. Uma explosão ocorreu no fundo das águas. Algo foi atirado para fora em alta velocidade. Era o Boot. Ainda na subida agarrou em outro Apuí. Estava sem o braço esquerdo. Olhou para nós, abaixou a cabeça e pulou novamente na água. Depois, disso não subiu mais...
A Cobra Grande vinha direto ao nosso encontro, quando o barco inflável afundou de vez fazendo com que nós caíssemos na água. Do outro lado de nós, uma criatura invencível prosseguia incólume seu trajeto.

A dois terços do topo da torre, Omaã arrancou um tubo de andaime, que veio conectado a um outro transversal. Balançou-o para despreender o outro tubo, o qual numa imensa parábola voôu em

direção ao escritório da fiscalização, atravessando paredes e indo se cravar a dois centímetros atrás da cabeça do Aluísio. Fred ouviu o estrondo e o rasgo na parede defronte dele, sem se desconcentrar. Yamada sorriu para o Aluísio de dentro da tela fosforescente. Ele conseguia ver utilizando tubo do monitor, ainda que sem definição, por meio do software de sua organização. Observava dentro da sala do Servidor. Viu o Aluísio desmaiado e o capacete sobre seu colo. No CPD clandestino ao leste de Kyoto, falou com a voz arrastada para um companheiro: — O computador é nosso! O dragão venceu outra vez. — Os auxiliares se confraternizaram. Mais uma vitória do inpressionante Yamada. Porém, nesse momento, no meio da holografia a sua frente, uma imagem estranha começou a se delinear. Primeiro em forma de um ovo. Depois duas patas saíam dele. Após, um bico estranho e um pássaro negro. Toshiro olhava espantado. Um pingüim estava sendo desenhado dentro de seu holograma. Yamada fitou o pingüim desenhado à sua frente. Este abaixou a asa e pegou algum objeto. Parecia um óculos. Yamada grita:
— Estão invadindo o nosso sistema, alerta geral, o cara tá usando o LINUX para invadir o nosso

sistema! (Sistema Operacional cujo símbolo é um pingüim)

Um alarme vermelho tocou na CPD. Yamada gritava:
— Se é guerra que ele quer, guerra é o que vai ter...

— Olha só para aquele infame animal, National. Essa manhã, eu e o segurança fizemos uma inspeção detalhada nessa torre toda. Tô cansado de tanto subir nela. Agora, o cabra safado e vil, peste melancólica, que não faz jus a capa que ele me rasgou, ofendendo a memória de minha tia Josefina, tá arrancando os andaimes. Pena que a gente não subiu no por do sol. Eta, essa noite estrelada, a lua minguante sobre o negro véu, National, me inspira. 'Me dá' a chave numero dezoito ai do teu cinto.
Nationalman:
— Agola mesmo, honolável helói... Uh... Oh... Shum... Seya...Selve a dezessete?
Mascarado, de modo dramático, olhando para baixo nos olhos de Omaã:
— Omaã, cabra da peste, esse é meu habitat, meu mundo, meu lugar, minha torre. Essa torre onde dantes tantas vezes caminhei, há de ser o lugar,

onde te derrotarei, nefasta criatura. National, para de se emocionar, que esse discurso é um discurso padrão.

Mascarado tomando da chave, solta um tubo de andaime, sobe na parte mais alta e vocifera:

— Tua batata tá assando, Abdul. Vem cá meu nêgo, que eu quero te mostrar uma coisa linda... Sobe aqui Abdull sem-vergonha!

Com um salto somente, Omaã ultrapassa onde estava Nationalman, segurando-se sobre os andaimes do topo, que se dobram sobre seu peso, lado a lado com o Mascarado. Gira o braço que segura o tubo de andaime, que bate com grande força sobre o que está nas mãos do Mascarado. Ele suporta de modo admirável o terrível golpe, defendendo-se com o outro tubo de andaime. Omaã está abismado com a força do Mascarado, que diz:

— Tá vendo esse negócio brilhando aqui no pulso? Presente do nosso cientista-mor, Nexter. Amplificador de força. Num é que eu tinha esquecido de usar?

National em frangalhos envia um olhar matador em direção ao Mascarado.

— Sabe Omaã, eu te considero demais. Tu num é cabra ruim, és produto do meio. Por isso eu vou te encher de pancada sim, imprimindo todo o respeito devido a um facínora da tua laia. Olhando desse

ângulo, até que teu modelito árabe não é tão ruim assim... Omaã, desculpa te perguntar: Isso tudo não seria um produto da tua infância reprimida por entre as dunas de areia da tua cidade natal? Pode se abrir, diz, o que é que tu tá sentindo? O que 'que' te perturba?
— Omaã (Começa a tocar de Assim falou Zaratrusta, aquela música de 2001 uma Odisséia no espaço do Stanley Kubrick)
— Ser assim
— Do jeito
— Que você é
— Dói?
— Pois vai doer. (Ao som do acorde final).

O barulho dos tubos de andaime chocando-se nas mãos dos poderosos oponentes era ouvido até mesmo no interior da Floresta. No Igarapé profundíssimo, das águas turvadas pela movimentação intensa, Brisa Serena afundara completamente, Ashok mergulhou para salvá-la. Um pensamento contraditório lhe ocorreu. Caso pudesse salvá-la, salva-la-ía do quê? De afogamento, do Mapiguary ou da Cobra Grande? O coitado do Nexter tentava desesperadamente acionar as capacidades que ainda restavam no danificado equipamento. Não havia muito tempo. Jayme agarrou outro Apuí e subiu acrobaticamente

até as copas que se elevavam sobre as nossas cabeças. Firmou os seus pés numa árvore de tronco gigantesco e sinuoso, e tendo o apoio necessário arremeteu contra o dragão áquatico que as lendas amazonenses denominavam Cobra Grande. Com o impacto causado pelo salto, tanto Jayme como o segundo monstro, afundaram. Nexter gritava:
— Jayme, não! Não... Não...
Era tarde demais, ele afundou com o bicho. As lágrimas de Nexter se misturavam com as do Igarapé. O Uirapuru cantou pela segunda vez naquela noite. Nexter se concentrou. Olhou para o Transformer, e seu rosto se iluminou. Módulo antigravidade. Ashok emergiu, junto dele, Brisa Serena, tossindo. Nexter gritou:
— Segure-se em mim.
Nexter começou a se levantar das águas. O Mapiguary estava quase em nós. Abusanadam segurou uma perna dele, eu a outra. Fomos sendo levantados. O Veda se segurava em mim e o Ashok na perna de Abusanadam. Com a outra mão, Ashok segurava Brisa. O Abusanadam reclamava demais disse que a indiazinha precisava de regime. O peso foi demasiado, o Transformer não levantava mais que aquilo. Brisa ainda estava com meio corpo dentro d'água quando Veda falou algo e se atirou n'água, mergulhando. Nós subimos. Veda ficou para trás. O Mapiguary nos alcançou, nós

voávamos para fora do Igarapé. Do nosso lado emergiu a imensa Cobra, e agarrado nela, Jayme. Conseguimos alcançar a margem, caindo todos. Numa chicotada da Cobra, Jayme foi lançado próximo a nós, roxo por tanto tempo sem respirar. A Cobra foi de encontro ao Mapiguary enquanto as águas se agitavam. Eles se encontraram num choque monumental. Começava uma tremenda batalha no fundo do Igarapé. Todavia, nós corremos para tentar sair da Floresta, quase exaustos. Algo então foi lançado de dentro do Igarapé. Diante de nós caiu parte das vértebras e o gigantesco crânio da imensa Cobra. O jeito era continuar correndo. Jayme se levantou e correu conosco. Do alto de uma árvore, cem metros adiante, caiu uma velha conhecida, na frente do Abusanadam e de Jayme. A curupira. O Abusanadam gritou:
— AGORA NÃO! — e deu um soco tal na criatura fantástica que a arremessou para dentro da mata. Jayme arregalou os olhos, espantado. Então, continuaram a correr.

Já não havia mais como criar barreiras para proteção do sistema. Fred estava perdendo. Toshiro dissolveu a imagem virtual dele dentro de seu holograma, olhou através da tela e com um tradutor on-line japonês-português falou pelo

sistema de áudio do Servidor: Você é bom filhote de Linux, porém o dlagão nunca pelde suas vítimas (o software de tradução estava em desenvolvimento ainda). Xeque-mate. Yamada fez um movimento de kung-fu com a luva de Realidade Virtual e começou a vasculhar os dados. Porém algo aconteceu. O assistente do computador Cinco disse que estava sendo impedido de entrar no sistema. Toshiro gritou:

— Como? Nós já estamos dentro do sistema!

Assistente:

— A ajuda vem de fora do computador.

Rastrearam o bloqueio. Até aquele momento somente um hacker não se pronunciara. O hacker desconhecido. Em vez de invadir, ele protegia o sistema. Fred aproveitou para detonar sete computadores da Norton. A Norton estava fora. Redirecionou os ataques dos indianos, que se autodestruiram. Sobraram os japoneses. Toshiro Yamada gritou que trouxessem o Conversor Neural. O Assistente do computador quatro:

— Chefe, ainda não foi testado!

Toshiro:

— Façam o que eu ordenei. Agora.

Toshiro Yamada foi conectado a um estranho equipamento. Quando foi ligado, metade da cidade de Kyoto sofreu blecaute. Ao redor da terra um satélite espião começou a se direcionar em direção

a Floresta Amazônica. Fred estava quase desmaiando. Viu que recebera ajuda externa e agradeceu. Não houve resposta. Então sua vista começou a escurecer. Fred ia desmaiar. Arrancou de si o capacete de Imersão, mas já era tarde demais. Digitou os últimos comandos, que foram interpretados de outro modo pelo sistema híbrido e começou a tombar, em direção a tecla de envio, chamada Enter, já desmaiado. Toshiro Yamada não seria vencido por um gerentezinho de sistema qualquer. Iria enviar um pulso magnético ao micro conectado à sua mente e apagar todos os dados. O computador em questão ia explodir. Tanto fazia quem iria morrer. Ergueu as mãos para enviar o pulso. O Hacker desconhecido leu as coordenadas do satélite. Entendeu que o Yamada não estava com boas intenções. Iria tentar modificar as coordenadas. O sistema de Yamada era virtualmente impenetrável. Ou talvez não fosse.

Toshiro olhou pela tela da sala do Servidor pela última vez. Contudo não acreditava. Jurava que estava vendo um pingüim caindo sobre o teclado.

Boot e Veda já não estavam mais conosco. Entristecidos, nós corríamos sem ter para onde ir. O Mapiguary saiu rasgando as águas num enorme salto. Ouvimos a batida de suas patas no chão, quando pousou do salto. Avistamos uma caverna e corremos para dentro dela. Era a entrada de uma

cidade subterrânea. Estava escura demais para enxergarmos. Ligamos duas lanternas enquanto Nexter tentava conseguir novas reservas do laboratório para o Transformer. Havia um estranho cheiro naquele lugar. Nexter resolveu ligar para a Sede dos Fiscais Mascarados no setor de Orçamento, novamente, tentar a conexão via o celular de sua irmã, que era o alcance máximo de seu traje. Ele teclou desesperado. Sua irmã atendeu.
Nexter:
— Eu...
— Nexter? Nexter? NNNNNNNNNNNNNNNNN EEEEEEEEEEXXXXXTTTTTEEERRR!
— Que saudade! O que você tá fazendo?
— Presta atenção: Só posso falar uma vez: digita 000000777777888999992
— O quê?
— Adeus. — E desligou. O Guincho se escutou na entrada da caverna.
— Nexter? Nexter? Ih! Deve estar numa encrenca daquelas. A irmã começou a digitar o código. — Era dois ou três no final? — Avaliava com um olhar indeciso. — Vai o três! — No laboratório o módulo de transporte apontou uma das antenas para a Sede da Fiscalização. A outra direcionou para o satélite do Nexter cuja órbita geoestacionária coincidentemente era a mesma do de Yamada. O

módulo de transferencia foi ativado. O batom de sua irmã ainda estava no ar quando um clarão iluminou o oitavo andar e ela, simplesmente, desapareceu.
Eles resolveram descer ainda mais. Cruzaram um abismo por uma ponte de cordas. Jayme arrebentou propositadamente as cordas e a ponte caiu na escuridão. As lanternas apagaram quando entraram na imensa construção. Súbito um clarão iluminou o ambiente e a irmã de Nexter se materializou do seu lado.
— Nossa! Onde é que eu estou? Nexter? NNNNNNNEEEEEEEEEEXXXXXXXTTTTTEEEEEEEEEEEEERRRRRR
E se jogou nos braços do Nexter.
— Quanto tempo! Quem são seus amigos? Que macaco é esse? Quem é a índiazinha parecida com...? Quem é o outro de óculos do seu lado? Como vim para aqui? Onde estamos? Esse pequeno com cara de faquir? Tem comida? Tô com fome...
O Mapiguary parou na frente do abismo e de um salto o atravessou. O grupo correu arrastando a falante irmã, indo para o centro do imenso lugar. Desceram por estranhas escadas, tateando e entraram em um enorme anfiteatro. Ainda havia uma lanterna. Um imenso grunhido e um baque, o ser fantástico descia as escadas. Ashok ligou a lanterna.

Yamada tremia enquanto preparava o disparo que ia destruir o Servidor da Fiscalização. Lentamente Fred escorregava em direção ao teclado. O Hacker desconhecido lutava para quebrar a senha e reposicionar o satélite.
Nationalman subiu os andaimes e pulou nas costas de Omaã, segurando-lhe o pescoço. Ele o ignorou, enquanto lutava “espada-tubo-de-andaime” com o Mascarado.
Mascarado com andaime cruzado com o do adversário, olho no olho com Omaã Ridom Defeunestá Rasvarsevadaim Saiibh Abdul Salam:
— Quero te olhá no fundo branco do olho, e te dizê importantes e preciosas verdades. Num pense que vou me declará, que tu num faz meu gênero, e minha senhora, minha dona, tá me esperando lá em casa. Tu bem sabe que sou o herói e tu, o bandidão cruel. Pode ser até que eu perca, se o famigerado desse escritor decidir aceitar a propina que o Carlos Borges tá querendo desembolsá pra que eu morra. Mesmo assim, Que adiantou tu nos massacrar impiedosamente, Abdul? Tu tem plantado amargura, vai colher o quê, me diga? Perseguiu o inocente, derrubou o que não era seu e ainda rasgou minha capa bordada com esmero, ao pé do Cajueiro, pela minha amada tia Josefina. National, Quem mandou ocê pará de batê?

Desculpa a interrupção; como eu tava dizendo: Valeu a pena? Diz pra mim seu peba, valeu?
Omaã urra e num golpe rápido afasta o Mascarado, fazendo também com que Nationalman despenque de uma altura de sessenta metros. Enquanto Nationalman cai, Omaã roda o braço para acertar um poderoso golpe no Mascarado. Este grita:
— National! — Enquanto a poderossíssima porrada do braço de Omaã se aproxima de sua orelha.

O hacker desconhecido conseguiu entrar no satélite de Yamada e começou o processo de desvio do satélite. Yamada gritou quando o pulso magnético foi enviado pela CPD clandestina, deixando a outra metade de Kyoto que ainda estava acesa, às escuras. Algo tinha saído errado.

O lugar onde estavam era na veadade, muito maior que um anfiteatro. Por toda parte brilhavam olhos cor de fogo no escuro. Da mesma cor dos olhos do Mapiguary. Milhares. Talvez milhões. A irmã de Nexter maravilhada:
— Nossa!
— Gente!
— Vejam quantos animazinhos lindos!
O Mapiguary urrou e foi acompanhado por outros inumeráveis. O que estava atrás de nós pulou em nossa direção enquanto os outros milhares vinham

correndo. Fred cai finalmente com o bico sobre o ENTER do teclado.

Iradíssimo, o Vingador Mascarado arranca com um potente golpe o tubo de andaime das mãos de Omaã. O andaime sai voando com tanta violência, que bate a mais de duzentos metros numa antena parabólica próxima a sala de operação. A antena se vira em direção da Floresta. Do satélite desviado, um poderoso pulso eletromagnético é enviado para a terra.

Modificado.

Um pingüim acidentalmente o havia reprogramado...

Fred escorrega para o chão. A antena parabólica reflete o pulso para a Floresta. O Mascarado se joga num mergulho mortal para pegar Nationalman. O pulso eletromagnético bateu na parabólica, foi para a Floresta e penetrou na terra.

Um clarão no interior da caverna cegou os Mapiguarys. O pequeno grupo desaparece. Aluísio acorda no exato momento que Fred vai bater no chão e o segura com a mão direita. Do lado da torre sete pessoas se materializam. No mesmo

instante vindo do alto, amarrado por um cinto preso na armação de andaimes e segurando o Nationalman, grita o Mascarado: — Olha a cabeçona aí, rapaziada!!!!!!!!!!!.

Mal dá tempo de se abaixar, quando dois mascarados passam num vôo rasante presos por uma corda, sobre nós, agachados.
A irmã de Nexter: — Gente! Demais! Nem Disneylândia é tão legal...

A corda arrebenta, e os dois caem no barro ao lado da Unidade. Omaã salta lá do meio da torre e cai diante de todos nós. O Vingador Mascarado e Nationalman, completamente sujos de barro sobem o barranco e gritam:

— Cuidado porque esse animal, me perdoe a exuberante fauna amazônica, é muito perigoso.

Omaã Ridom Defeunestá Rasvarsevadaim Saiibh Abdul Salam ordena que o grupo saia da frente, dirigindo-se em direção dos cansados e embarreados Nationalman e Mascarado. Brutalmente empurra Brisa Serena, que cai sobre o Abusanadam. Jayme olha fixamente para o rosto de Omaã...

Nove Quilômetros dali, em linha reta, trinta e dois segundos depois, Omaã Ridom Defeunestá Rasvarsevadaim Saiibh Abdul Salam cai desajeitadamente no aeroporto, arrancando a frente de um avião da Mortal aviação. Desacordado...

Do outro lado da terra, na cidade de Kyoto, no meio de uma CPD completamente incendiada, um hacker vencido, prostrado, com suas luvas fumegando grita em japonês, enquanto a policia cerca o galpão:

Pingüim...
MALDITOOOOOOO!!!!!!

No meio da confusão os combatentes do crime sumiram. A irmã de Nexter segurava um cravo branco, com um olhar apaixonado, em suas mãos. Assim que fosse possível Nexter a teletransportaria, ou seja, em poucos minutos. Eram muitos os estragos. O técnico da Treeal correu para abraçar Brisa Serena e permaneceram ali abraçados, por

um longo período. O Fred foi colocado dentro do congelador da geladeira da copa. Depois chegaram Hikano mancando e Aluísio Xavier com o cabelo sujo de barro...

Reunimos-nos na frente da Floresta e Abusanadam começou um belo discurso. Realmente belo. Coisa rara. Dizia que os verdadeiros heróis são aqueles que são capazes de morrer por um amigo. Grandes também, os que sem conhecer, arriscavam a vida por alguém. Num mundo de gente que só onde só se querem a si, bom era que ainda houvesse alguém que se importasse. Boot e Veda se importavam.

Ele ainda se expressava assim quando do meio da Floresta, dois vultos mancando foram avistados.

Um deles com um braço, que não os seus, amarrado às costas.

O outro, sem ter um braço.

Enlameados, saíam da Floresta, o Boot e o Veda. O Uirapuru cantou. Por algum motivo, o alarme nas mãos de Nexter apagou neste instante, completamente.

Aplausos please.

Quem era o hacker? Não tenho a mínima idéia.

Num olha assim pra esse pudim,
Que é meu.
Só meu.
O teu tem tempo que acabou
Findou.
Esse teu olho num comove
Esse meu duro coração
Esse pudim que agora vês
Que é meu
Só meu.
Em breve será só lembrança
Visual
Pra ti.
Gustativa
Pra mim.
Só mim.

"O amor, essa coisa linda..."

Depois da exaustiva luta com os hackers, nós resolvemos dar uma folga para o Fred. Dois dias, lá mesmo em Urucu. Deixamos ele dormindo dentro da geladeira do setor. Atrapalhava um pouco só na hora de pegar o gelo.

Ainda dentro do congelador, Fred teve um sonho. Sonhou com uma pingüinzinha linda, completamente branca com os olhos azuis. 'Se chamava' Ana. Na época, ele era mascote de um jovem chamado Linus. Ela era, por sua vez, uma mascote de um jovem amigo de Linus, que iria para os Estados Unidos tentar a sorte numa empresa de nome Microsoft. Ana foi enjaulada e embarcada

para o mar do norte. No dia do seu embarque, os dois, Linus e seu amigo foram se despedir da pingüinzinha. Ele foi junto. Ela estava numa pequena jaula. Fred a viu sendo levada para o imenso cargueiro. Foi no dia em que fugiu. Pulou atrás da embarcação. Nadou por muitos dias, sem nunca o alcançar. Foi salvo por um estranho grupo de pingüins que vinham num imenso Iceberg.

Num imenso... Iceberg...

Num... imenso... Ice...

Num imenso ...

Num... ... ...

Hikano e Aluísio Xavier foram visitar Omaã Ridom Defeunestá Rasvarsevadaim Saiibh Abdul Salam e seu irmão Omã Saiibh Abdul Salam. Os dois estavam completamente enfaixados. Do Kasaquistão chegava um helicóptero de transportar tanques para levá-los embora. O Exército acompanhava a operação. Hikano e Aluísio solicitaram permissão para ver os dois enfaixados. Tiraram respeitosamente o capacete e entraram na enfermaria. Aluísio falou:

— E aí gente fina! Como é que está essa força? — Omaã semicerrou os olhos inchados como se reconhecesse aquele sotaque nordestino.

— Nós viemos aqui em nome de toda a Fiscalização, para que vocês não pensem que não

nos importamos com os estrangeiros nesta terra, formada por homens e mulheres de todas as partes. — Omã gemia. Os guardas trouxeram duas empilhadeiras para levantar as macas onde se encontravam os dois irmãos. Enquanto eram encaminhados para o helicóptero cargueiro, Aluísio, com Hikano, ia falando no trajeto.
— Sei que vocês não passaram bons momentos, então pensamos em presentea-los com uma lembrança da amada Floresta. Távamos indo lá para o porto de Urucu quando encontramos uma singela, todavia, sincera homenagem que deixaremos como uma recordação dos momentos vividos na Terra Brasilis, neste verde glorioso, nesta mata inspirante. Na... Quer, dizer, Hikano, passa pra mim a singela lembrança da verde mata. — Hikano pegou uma caixa de guardar desenhos e deu para o Aluísio.
— Outra vez, peço que não olhem para a humildade do presente, entremente para este desejo incontido, sincero, belo, de não deixar vocês saírem de nosso país, com uma visão deturpada, como o de nossa mídia. — Aluísio deixa a caixa sobre o peito de Omaã.
— Não. Não precisam agradecer. Nós somos assim, gente simples, porém gente acolhedora. — As macas foram introduzidas no helicóptero que logo ligou suas turbinas e hélices.

— Vão embora Muchachos! Arriba! Andole! Adios companheros!
Em meio a intensa poeira o helicóptero levantou vôo enquanto Aluísio e Hikano acenavam. Hikano então virou para o Aluísio e perguntou: — honolável Aluísio. Que plesente estava naquela caixa, se me pelmite a pelgunta?
Aluísio:
— Para falar a verdade, Hikano, não sei muito bem. A coisinha tava andando lá no chão, achei bonitinho e coloquei naquela caixa. Eu sei que eles vão gostar. Para a Toyota, Na... Perdão. Vamos, Hikano.
Dentro do helicóptero a caixa no peito de Omaã começou a se mexer. Ele arregalou os olhos. A caixa tombou para o lado e dela saiu um inseto. Sem uma antena, com metade de uma asa e sujo de lama.
Do tamanho de uma caixa de fósforos ‘tamanho grande’.

Sobre a Guerra

Ele permaneceu de pé durante incontáveis eras, sempre observando atento aos movimentos de seu adversário. Sua respiração serena e envolvente em meio a um universo em formação não poderia ser compreendida dentro da escuridão das esferas celestes e das regiões celestiais. Debaixo de si o abismo ainda gritava ferido. Acima de sua cabeça ainda se mesclavam as cores das galáxias colapsadas pelo turbilhão formado à sua passagem. Uma estrela anã formou um buraco negro doze mil quilômetros de sua pessoa, fazendo até a luz dos sóis próximos serem engolfadas pelo envoltório de uma gravidade quase infinita. Mas o anjo sequer piscava. Somente esperava a voz que lhe daria condição de continuar. Aguardava essa voz como um dia o viajante sedento desejaria beber de uma

fonte límpida e cristalina. Aguardava a ordem como um soldado que daria a vida pelo seu general. Como um filho amado espera ouvir o chamado de seu pai.
Enquanto aguardava seu chamado, fechou os olhos e abaixou a fronte incandescente. E atrás de si, o buraco negro, voraz sanguessuga de energia,
se extinguiu.

Capítulo DÉCIMO

“A incongruência da pusilimidade é que às vezes, a apologética fica restringida a uma hermenêutica sintética! ·”.

Fred chorava ao ler a notícia de que vários pingüins oriundos da Argentina morreram ao chegar a praias brasileiras. O Aluísio Xavier lia a seção internacional quando chamou Hikano e gritou:
— NAT... Her... Hikano! Veja só esta noticia jornalística sensacionalista e entristecente. O Helicóptero que transportava os pobres coitados do Omã e Omaã caiu no mar. Por um motivo

desconhecido. Triste dimais. Num quero mais lê não.

“Avisaram-me que eu devia para de tentar invadir o impossível ou ter esperanças que um dia você me responda. Avisaram-me que isso tudo é uma grande tolice, uma dessas infantilidades que não caía muito bem, principalmente para mim que sou um homem de ciência. Eu ignorei a todo mundo e continuei te escrevendo por meses, graças a amizade de dois amigos doidos que cansaram de me ver suspirando diante das tuas fotos e resolveram me ajudar. Já fazem quase seis meses que isso tudo começou e já perdi a conta das declarações que eu te fiz. Eu fui muito bobo em acreditar num sonho tão distante. Essa é a última carta que eu estou te escrevendo. De agora em diante só vou me apaixonar em silencio pelos meus sonhos, porque assim eles não terão obrigação de me responder nada, porque eu não irei mais fazer nenhuma pergunta a eles. Pelo menos nas fotos você sorria para mim.”

Esse foi um dos últimos e-mails revoltados do Nexter pela falta de respostas de Aninha. Aquele dia ele passou cuspindo fogo pela gente, com uma

plancheta nas mãos, indo em direção a Unidade Industrial.

Porém naquela noite o Carlos Borges estava monitorando o Servidor da Rede quando notou o aviso de chegada de um e-mail conhecido. Afinal, ele o havia conseguido. Não perguntem como. Os olhos de hacker brilharam ao confirmar a autenticidade da fonte.
Do Pólo até a Base são cerca de doze quilômetros. Do meio da escuridão uma Toyota a cento e quarenta quilômetros por hora espirrava lama e voava a cada salto entre as pequenas pontes pelas quais atravessava em direção a Base dos alojamentos. Dentro dela um hacker com uma preciosa informação. Carlos Borges quase entrou no alojamento com a Toyota. Correndo em direção ao refeitório, abriu de sopetão a porta envidraçada, olhando ao redor para ver se encontrava Nexter. Quando o avistou, acenando com uma folha impressa em modo rascunho, gritou para todos os presentes:

— Nexter! ELA RESPONDEU! E DISSE QUE QUER FALAR COM VOCÊ AO VIVO! NO CHAT! EM DOZE MINUTOS!

Nexter com a boca cheia, espirrou suco de cupuaçu sobre metade do pessoal da mesa.
O refeitório todo aplaudiu, quando ele, absolutamente envergonhado, saiu correndo para pegar a Toyota e ir para o escritório do Polo onde conectavam os computadores. A notícia se espalhou como um raio e logo todo mundo saiu dos alojamentos. Inclusive o pessoal das empresas contratadas dos alojamentos que distavam quilômetros da nossa base. E também os soldados do batalhão avançado, localizado entre a Base e o Polo. Nexter e o Carlos rumavam aceleradamente para o escritório enquanto certo robô aprontava um telão de projeção sobre uma das laterais do acampamento. Os grupos vieram chegando na Base, se assentando próximo ao telão, enquanto o Carlos e Nexter saltavam da Toyota muito mal-estacionada na frente do escritório e corriam para a sala do servidor. Em dado instante Nexter vira-se para o Carlos e lhe solicita privacidade, porque gostaria de DE CONVERSAR A SÓS, com sua musa. Respeitosamente Carlos coloca a mão nos seus ombros, dizendo que entende porque ele deseja estar sozinho, vira de cóstas e vai para uma outra sala, dizendo que vai telefonar.
Enquanto isso, no acampamento, três mil pessoas se esparramam pelo chão diante do imenso telão, apagado.

Nexter respira profundamente e se assenta na mesa do Servidor, acessa a página do Chat da Internet e entra numa sala de bate-papo.

Na Base de apoio o Boot acende o telão. O Carlos telefona para o Boot, clicando alguns comandos no micro e comunica:

— Acesso permitido. Inicio de transmissão.

No Telão aparece a imagem da tela onde Nexter está conectado. A multidão grita extasiada.

Nexter entra no site:

20:00 Nexter entrando na sala de bate-papo. Bem vindo Nexter>

20:00 Nexter>

20:00 Nexter>

20:01 Nexter>

20:02 Nexter>

20:03 Nexter>

20:04 Nexter>

20:05 Nexter>

20:06 Nexter>Oi?

20:07 Nexter>

20:08 Nexter>Tem alguém ai?

20:09 Nexter>

20:10 Nexter>

20:11 Nexter>

20:12 Nexter>

20:13 Nexter>

20:14 Nexter>

No acampamento o pessoal começa a vaiar. Tudo que aparecia no telão era uma imensa tela branca com o texto acima. Então repentinamente silenciaram, quando Jayme se levantou e exigiu silencio. Logo a seguir aconteceu uma pequena mudança na tela.
20:15 Aninha entrando na sala de bate-papo. Bem vinda aninha>
20:15 Aninha>
20:15 Aninha>
Até os soldados jogaram os capacetes para o alto neste momento.
Nexter suava em bicas. Atônito ele fitava maravilhado a tela do monitor. Então ela escreveu:
20:15 Aninha> Oi. Tudo bem?
Os macacos se abraçaram no meio do acampamento. As duas araras que vez por outra brigavam sobre o cume das árvores ao lado do nosso estacionamento, fizeram as pazes. Podia jurar que tinha visto o Boot sorrir.
20:15 Nexter> Oi!
A gritaria continuava no acampamento.
20:15 Aninha> Se você soubesse como estou emocionada...Desculpe não falar com você antes...
20:15 Nexter> Oi! Quer dizer, não tem problema naum...Eu é que devia estar emocionado...

20:15 Aninha> Você não faz idéia de como eu gosto de ler os seus e-mails. Suas declarações. Eu estou muito impressionada. Muito.

A galera do acampamento fez um imenso: Ô! Ô! Ô! Ô! Ô! Ô! Ô!

20:16 Nexter> Eu é que estou impressionado, você falando comigo, um desconhecido...alguém que você só conheceu por cartas...obrigado pela resposta.
20:15 Aninha>Você já não me é um desconhecido. Eu conheço seu coração. Eu cansei de ler suas cartas, há meses. Você já não me é um estranho. Você me cativou, como naquela passagem do livro "O Pequeno Príncipe" de Saint Exupéry, eu fui cativada. Você agora é responsável por mim...

No acampamento, de uma só feita, cheio de doçura:

—
AAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAA!!!!!!!!!!!!
!!!!!!!

20:16 Nexter> Eu... Acho que estou sonhando. Diz pra mim que isso não é uma brincadeira de

alguém... Diz que é verdade...Que você é você mesma e que eu não estou acordado...
20:16 Aninha> Eu não sou um sonho Nexter. Talvez seja, (risos) mas só se for o teu sonho. Eu fico lisongeada com tamanho amor. E agora sou eu que pergunto... Você é real Nexter? Será eu estou recebendo cartas de um fantasma? Você é alguém que eu conheço lá do estúdio, da produtora, lá do prédio?
20:17 Nexter> Não. Quer dizer sim. Vamos por partes: 1- Eu sou real! 2- Não, você não me conhece, eu nunca estive pessoalmente com você. Nunca.
20:18 Aninha> Como então, por favor me responde, pode me amar assim? Tudo que você sabe a meu respeito são fotos...imagens...anúncios...Como pode ser?
20:17 Nexter> Eu não sei explicar. Eu só sei que você faz parte dos meus sonhos. Só sei que você faz parte de mim. Só isso.
No acampamento as meninas da cozinha choravam copiosamente.
Os fiscais também.
20:18 Aninha>
20:19 Aninha>

No acampamento acontecia uma certa apreensão. Por cerca de um minuto não houve resposta de

Ana. O Boot se comunicou com o Carlos que acenou que tudo estava bem. Ainda estavam conectados. Se não estavam falando é porque realmente a Ana não estava escrevendo. Por via das dúvidas resolveram checar os sistemas de telecomunicação. Estavam ok. A tensão da espera fez com que uma das cozinheiras se levantasse da multidão e corresse para o refeitório, dizendo que não tinha coração para esperar a resposta.
20:19 Nexter> Ana?
20:19 Nexter> Ana?
20:20 Aninha> Desculpa a demora... é que eu estava chorando.
20:20 Nexter> Você caiu da cadeira? Você se machucou?
20:20 Aninha> Não... Seu bobinho... É de felicidade. Nexter. Quero te conhecer. Mais que tudo que eu me lembre até hoje, eu quero te ver.

Os aplausos e a gritaria no acampamento foi tão grande que doze quilômetros depois até mesmo no escritório dava para ouvir parte do ruído do ovacionamento.
Nexter olhou para o lado, desconfiando...
20:21 Nexter> Ana, eu estou em Urucu, estou a centenas de quilômetros da cidade mais próxima. È uma Unidade Industrial no meio da floresta amazônica. Estamos tendo problemas de segurança

aqui. É muito arriscado você vir aqui. Muito perigoso, eu não gostaria que um fio do teu cabelo fosse tocado. Eu estarei retornando para casa em sete dias. Eu irei ao teu encontro. Vou ter quatorze dias de folga.
20:22 Aninha> Eu só vou ter folga dos compromissos que eu assumi daqui a vinte e um dias.
20:22 Nexter> Nessa época eu vou estar retornando para cá...Como a gente vai se encontrar?
20:23 Aninha> Eu vou para onde você estiver. E se for perigososo ou não, não me importa. Não me importa o risco que eu tiver que correr se por alguns instantes eu puder ficar do teu lado, e olhar em teus olhos pra comtemplar, quem sabe, um terço deste teu amor...

No acampamento de mãos dadas todos cantavam:

Et si tu n'existais pas E se tu não existisses
Dis-moi pourquoi j'existerais Fala-me, porque existiria eu?
Pour traîner dans um monde sans toi Para suportar um mundo sem ti
Sans espoir et sans regrets Sem esperanças e sem saudades

Et si tu n’existais pás E se tu não existisses
J’essaireais d’inventer l’amour Tentaria inventar o amor
Come um Peintre qui voit sous se doigts Como sob seus dedos um pintor vê
Naître les coleurs du jour As cores do dia nascer
Et qui n’em revient pás Sem jamais retornar

Tanto Aninha insistiu que Nexter não teve como dizer não. Em 21 dias Ana Paula estaria em Urucu.

Capítulo DÉCIMO PRIMEIRO

TERCEIRO EMBARQUE

"Por uma morena escovo urubu até ficar branco"

Não sei ao certo quantas cartas de amor custou, Nexter conseguira. Num arroubo de

aventura ou loucura, depois de poucas semanas de preparativo, ei-la! A musa inspiradora visitando o Exílio, a distante e insígne Província petrolífera de Urucu.

Estávamos enfim no avião da Mortal. Eu me sentava próximo à janela. Do meu lado ia sentada a Virginia Novik e na poltrona imediatamente ao lado no meio do corredor a Ana Paula Anósio. Nexter estava ao seu lado, e por alguns instantes permanecia pasmado. Absurdado. Como num transe. Ele sorria sem graça, assim como Aninha (até nós já a chamávamos deste jeito) conversando como amigos. Como velhos amigos. Era possível perceber que Aninha não estava impassível diante do olhar de Nexter. Não lhe era possível não enrubecer diante de tão grande amor. Conosco iam Hikano, Aluísio Xavier, Jayme, Abusanadam e Boot. Nós voltávamos para mais uma temporada naquela terra de ninguém, cercada de insetos, povoada por montros, onças, inundadas de lendas, sonhos e tradições.
Virgínia Novik vinha fazer uma reportagem sobre a nossa vida de exilados, e sobre as dificuldades de construção e montagem de uma Unidade de Gás em meio a Floresta. Ela não sabia da missa a metade...

Quando faltava vinte minutos para pousarmos em Urucu, repentinamente, um grupo de terroristas armados se revelou, saindo dos banheiros, de alguns bancos. Um deles era um comissário de bordo. Houve pânico momentâneo enquanto eles tomavam o avião, querendo ir em direção da Colômbia, ao invés de ir para Urucu. Não que dispussessemos de combustível para tal. Os seqüestradores gritaram com forte sotaque baiano:

— Todo mundo quieto, que ninguém se machuca.

O Aluísio fingiu que ia vomitar e Hikano pediu permissão de levar ele para o banheiro, se dizendo médico e que teria que levar a maleta e a bolsa para medicá-lo. O chefe dos seqüestradores:

— Vai em paz, meu rei, num se avexe naum, que os trabucos não tão cuspindo acarajé. Temo que terminar esse seqüestro antes da Micareta de Feira, temo barraca de vatapá com azeite de dendê preparada para esse ano. Queremo voltar com dindim pra ir de Crocodilo no próximo ano, que o preço do Abadá tá pra lá de bagdá... quem tentar desobedecê vai apanhar mais que tambor do Oludum em noite de Timbalada. É... gente linda, quem quiser voltar a beber água de coco, vai te que se segurá. Se não, vai ter baião de dois feito com tripa de passageiro servido como moqueca de siri dentro dessa aeronave.

A Ana Paula olhava assustada ao sequestrador, quando ele se virou e disse:
— Tá me filmando porque ô branqüela? Lá da frente surgiu outro seqüestrador vindo da cabina de comando. O que parecia ser o chefe, de cabelo rastafari, falou:
— Diga aí, meu rei, como é que tão as trutas lá na cabina? Qual é o pó? O outro, com uma máscara, respondeu:
— Tudo na paz. A cabine é nossa.
O chefe ordenou:
— Massa! Agora volta pro teu posto, que depois eu tiro um lero contigo.
O sequestrador com a máscara respondeu:
— Fui.
Novamente o chefe falou:
— Muito bem galera, tão notando este dispositivo aqui na minha mão? Pois é. Detonador. Se rolar rebelião, tem explosivo espalhado por ai. Vai ter fumaça. Tão me entendendo gente boa? Quero ver todo mundo cooperando. Enquanto isso vamo deixa rolá o som nostálgico e relaxante do Dodo e do Osmar. Aumenta o som ai!

Os autofalantes no máximo quase explodiam ao som do trio elétrico. No banheiro apertado Hikano debatia com o Aluísio sobre a situação.
Aluísio:

— Tô muito emocionado, National. Dá pra tirar o cotovelo da minha cara? E para de reclamar que já vou tirar a bota de cima da tua mão. Nossa primeira aventura aérea. Já vejo as manchetes e nossas fotos na primeira página: — Misteriosos heróis mascarados rendem doze seqüestradores armados até os dentes dentro de avião da Varig — Não é lindo, National?
— Honolável helói, eu acho que vão aplesenta nossas moltes na seção policial.
— Não seja pessimista National. São somente doze contra a mais formidável dupla nipônico-cearense de combatentes do mal que já existiu. Agora sai um pouco pro lado, que eu tô apertado pra ir no banheiro tem umas duas horas...
Nexter estava tramando algo, dava para sentir pelo olhar dele. A Virgínia Novick começou a suar frio. Jayme estava próximo de dois dos seqüestradores. Haviam muitos. Se reagisse, muitas pessoas poderiam se ferir. O Boot estava mapeando o avião inteiro. Sem se mover, ele varria o interior do avião como se fosse um radar. Já identificara a posição de todos eles e onde se encontravam as bombas. Estava passando-as para Nexter via infravermelho para o computador que ele possuía nos óculos.
Segunda pausa narrativa — Grande parte deste livro foi composta dentro de Urucu. Apesar do aviso

sem-vergonha no seu início de que todos os personagens eram ficção, a maioria deles foi baseada nas pessoas que trabalhavam no grupo embarcado em Urucu. Na medida em que o pessoal ia 'se lendo' nos capítulos originais da saga, além de ataques histéricos de riso, formavam-se torcidas pela morte de algum dos personagens. 'Mais uma vêz tem subido um profundo clamor do grupo aqui reunido para assassinato cabal do Vingador Mascarado. Novos oferecimentos de propinas e vultosas quantias em dinheiro para tal. Porém, há uma voz discordante da maioria, a de Neide, do arquivo técnico, beque da Miki, que ofereceu o dobro da quantia oferecida pelo Carlos Borges para mante-lo vivo. Eu sou um escritor pobre e sem fama, não posso deixar passar essa oportunidade de manter vivo um personagem. — Término da segunda pausa narrativa.

Nesse momento saem do banheiro (com certa dificuldade) o Vingador Mascarado e Nationalman, seu heróico companheiro. Seis metralhadoras são voltadas para eles.

— Nada de aperreio, que vocês estão diante de uma dupla marcante de heróis cuja missão maior é justamente impedir o sacrifício dos inocentes, como no caso, nós mesmos e claro todos estes amados passageiros e companheiros de infortúnio. Espere um pouco... Ei! Eu tô reconhecendo o chefe desse

bando todo. Fortunato? Tu? Fortunato! Companheiro do agreste, que não vejo desde a infância na minha terra natal, cedo tu foi para Salvador, muitos anos atrás!
— Muriçoca? Que que tá fazendo moicofado (escondido) dentro dessa roupa rídicula, meu rei ?
Nationalman olhou para o Fiscal e perguntou: - Muliçoca? Não entendi honolável...
— Era meu apelido de infância. Não fique aperreado National. Fortunato, como é que tu, menino hulmide, hospedeiro como eu de Solitárias socializadas, foi se meter numa dessa?
— Só... Eu tava solto na buraqueira (a vontade) na vida, seco de dinheiro, no maior salabesquete (largado) quando resolvi pongar (embarcar) nessa. Tava cansado de Obra de Santa Igrácia (trabalho que não rende), tinha que me fiar de meeiro (meio sócio) nesse negócio, tá entendendo? Malmente (uhm?) o mandu (problema) que eu ia arrumar. Tá afim, de mangar (zombar) comigo?
— A como é que tu vai fazer isso, Fortunato? À pulso? Tu tá bulindo com a segurança de muita gente. Tá carecendo de um corretivo. Veja só a cangaia que tu tá colocando nas costas.
— Qual é meu rei? Me deixe, que o que tá quebrado, num se conserta mais. Tu tá tirado a gato-mestre mas num sabe a terça parte. Se assunte! Se abra não!

— Fortunato, tu tá é abilolado com essa tua vida praiana. Será que não entende que essa inhaca em que tu tá se metendo é que nem incêndio em espetáculo de mamulengos?
— Meu louro, to cansado de mingau de cachorro por isso resolvi meter bronca, para não virar paletó machucado. Ói sua vida! Me deixe, viu?
— Rapaz, para de fazer zoada, tá parecendo jeca em festa com tribufu do lado. Deixa de cê nó cego e vamos, oxente, deixar de lado essa vida de peba, que só te leva ao esmoléu.
— Tô na lama, Muriçoca, na biela. Vai ser na mão grande, nem que tenha que torar esse avião! Agora vê se toma um chá de se pique e senta logo antes que a gente te faça traseirar. Meu nego, chega de lera, que eu to te dando um chepo.
— Sinto muito Fortunato, vou ter que te dar uma chapoletada.
(Se você não estiver entendendo essa conversa, não se preocupe, que eu mesmo que escrevo também não estou.)
Nationalman:
— Honolável, que língua é essa que o senhol está falando?
Mascarado:
— Não se mete National, que isso é uma discussão politico-conjuntural de pernambuquês para baianês.

Enquanto eles discutiam Nexter olhou para o Boot que segurava duas revistas lacradas de informática e uma revista Ícaro, distribuída a bordo. Nexter fazia uma contagem regressiva. Ele usou os recursos do Boot de telecomunicações e acessou o software de controle de vôo. Vários compartimentos abriram e mascaras de oxigênio encheram o avião. Os seqüestradores momentaneamente se distraíram. O Vingador Mascarado chicoteou os três a sua frente, National foi contra os dois em suas costas. Nexter desligou duas turbinas. O avião começou a cair. Jayme acertou dois a sua direita. O Boot lançou as revistas a doze metros de distância e acertou mais dois enquanto corria em direção ao terceiro que atirou nele. O Boot não parou, para espanto do seqüestrador assustado, que foi nocauteado pelo Boot. Na cabine do avião em queda o co-piloto conseguiu desarmar um seqüestrador. Sobrara o chefe, que mesmo caindo gritou:

— Oxê! Eu avisei! Agora uma ruma de gente vai virar minduim torrado!

Então apertou o detonador. Somente uma bomba explodiu, pois o Boot conseguiu confundir quatro canais de transmissão do detonador. Jayme bateu no seqüestrador que caiu desmaiado. A bomba arrancou parte da fuselagem da aeronave, próximo onde estávamos sentados, que despressurizou. A

Ana Paula Anósio e a Virgínia Novik começaram a ser sugadas para fora quando as segurei. Só que não dava para segurar as duas, necessitava soltar uma delas. O Vingador Mascarado gritou para que eu assim o fizesse, pois ele iria atrás da que caísse. Nexter abriu uma bolsa que estava com ele e tirou um uniforme laranja que eu já conhecia. Ele jogou para o Fiscal.

Soltei a então a ANA PAULA ANÓSIO **que foi sugada para fora do avião**, enquanto prendia com o cinto a Virgínia Novik...

DESTA VEZ EU VÔS SURPREENDI, CAROS LEITORES...

Nexter religou as turbinas, enquanto o valoroso Vingador Mascarado gritava para o National: — National, veja que exemplo de coragem inaudita. Aprenda essa lição, heróico pupilo, irei ao resgate da Branca de neve dos óio azul, sem me importar com o que me sucederá. Nationalman, foi um prazer ter lutado ao seu lado. Dizendo isso, com o macacão alaranjado nas mãos, resoluto, se atirou pelo rombo acima de nossas cabeças. National por sua vez correu em direção a cabine. O piloto estava ferido. Por isso a dificuldade de estabilizar a aeronave. Nationalman segurou os

controles. Pelo menos aviões da Segunda Guerra ele aprendeu a pilotar com seu avô. — Terceira pausa narrativa — Pois bem, atendendo a mais solicitações ainda, e tendo em vista que hoje, quando escrevo, é o último dia do Aluísio Xavier na Obra por causa da desmobilização de pessoal, vou atender aos anseios de muitos agora. — Término da terceira pausa narrativa.

Com vocês:

A morte do Vingador Mascarado

O Vingador Mascarado mergulhava, cortando o ar, para alcançar a Ana que caía para a Floresta.
— Vixe! Como é que tá frio aqui fora!
Ele a alcançou. Gritou para Ana:
— Segure-se em mim!
Ana apavorada se segurou no Fiscal que trazia o macacão laranja que Nexter dera para ele. Ele ordenou que Ana o vestisse.
Ana:
— O quê?
— Vista esse negócio.
Sem entender e desorientada ela tentava enfiar as pernas no macacão inflado pelo volume de ar. Conseguiu enfiar as pernas, e a muito custo um braço. O Vingador Mascarado fechou um cinto ao redor de sua cintura. Bateu no cinto e duas luzes

acenderam no pulso da manga que trêmulava ao vento. Aquele macacão era o Transformer do Nexter.
"Dava para reentrar na atmosfera pelo lado de fora da espaçonave quem estivesse usando ele... ".
O Vingador Mascarado Olhou pela última vez para Ana, segurou sua mão e beijou. E lhe disse:
— Esse traje possui alta tecnologia, vai te proteger da queda. Coloque o braço sem ele junto do corpo e encolha-se. Ana gritou:
— E Você?
— Está na hora de virar lenda. Sabe, moça, você é muito bonita mesmo. Pena não ter mais tempo pra te conhecer melhor... Dito isto, se afastou num empurrão, enquanto caiam em direção a Floresta... Com o pôr do sol ao fundo seus corpos se distânciavam envoltos no resplendor alaranjado de um triste entardecer... Musica romantica ao fundo... O fim de um herói...

Enquanto caía dava para ouvi-lo recitando:

"No dia mais claro, na noite mais densa, o mal sucumbirá ante a minha presença. Aquele que segue o mal, tudo perde diante do poder do LANTERNA VERDE!".

Sinto... Muito... Leitores. Eu não tenho coragem de matar o Vingador Mascarado. Está na hora da Ana Paula trabalhar nesse livro.
Ainda sobre a vastidão verde, entre as nuvens difusas e o forte vento, entre os rodopios de uma queda inigualável, apertada de forte comoção Ana Paula profetizou:

— De jeito nenhum, ou nós dois vivos, ou nenhum de nós...

Ela mergulhou em direção ao Vingador Mascarado e o abraçou. O campo de força do Transformer se dividiu pelos dois. Eles caíram quebrando a copa de várias árvores dentro de uma região inundada por um imenso rio. Chamavam-no de Amazonas. O traje protegeu a Ana, que só machucou um braço. O Fiscal quebrou umas costelas. O Vingador Mascarado ainda caído por sobre a Ana:
— Ai. Como dói. Próxima vez nada de classe econômica. Que perfume gostoso é esse que tu tá usando...

Parte da fuselagem do avião fora seriamente danificada. O avião estava perdendo sua estabilidade. A floresta se aproximava rapidamente e já tinham se desviado dez graus da rota original. Alguns instrumentos sequer funcionavam.

Barômetro, altímetro, GPS, radar, rádio, orientador de vôo, nenhum deles. A pista de Urucu era uma pista difícil, para pilotos experientes. E um dos maiores problemas era o de localização.
— Não tem combustível! Estamos com ploblemas!
— Hikano
Figura de linguagem, Eufenismo: O pessoal estava um pouco apavorado.
Felizmente dentro do avião, ainda tínhamos um cientista irado e um robôt com tecnologia acima de toda imaginação.
— Precisa de orientação? — Perguntou o Boot para o apavorado Hikano.
— Pleciso de uma pista, pleciso dos instlumentos, pleciso aplendel a pilotal. E um palaquedas. Se não fol pedil demais.
— Acalme-se. Altitude 2700 metros. Temperatura externa seis graus. Sei exatamente nossa latitude e longitude. Pode aumentar um pouco a velocidade para 350 km/h e virar o manche 15 graus a esquerda?
O Boot valia mais que toda a instrumentação do avião. A situação não estava tão ruim assim. Pelo menos até cair a hélice da turbina da asa esquerda e a turbina incendiar.

Nexter percebeu a gravidade da situação. Boot percebera a desestabilidade dinâmica causada pela perda da turbina. Nexter abriu um dos bagageiros

sob sua cabeça, com a mente imersa em pensamentos sinistros. Não podia acreditar no que estava acontecendo, e podia ser que ali, diante de seus olhos, tivesse perdido um dos maiores motivos de alegria de sua vida. A esperança retornou aos olhos do brilhante cientista quando o alarme do traje no seu relógio de pulso começou a piscar. Ele sorri. Pega uma sacola plástico-térmica da qual arranca quatro discos com correias de kevlar e os entrega ao Jayme.
— Jayme, coloque isso nos pés e nas mãos. São magnetos. Os mais poderosos já vistos na terra. Você vai ter que ir lá fora. Se a turbina explodir não teremos chance. Vai ter que arrancá-la. — Semelhante frase dita a um homem normal pareceria um delírio. Uma turbina de um avião para se soltar necessita de um empuxo maior que centenas de toneladas. Isso se o colosso fosse um homem normal. Jayme sempre foi um homem de poucas palavras. Nexter deu o sinal e ligou os dispositivos. Jayme colocou nos pés os magnetos, se dirigiu para a parte da fuselagem aberta, olhou para fora, passando por entre as cadeiras semidestruídas e saiu. Quem visse a cena de um satélite veria um homem caminhando sobre a asa de um avião que descia, a mais de 2500 metros de altura. Jayme parou a três metros da turbina incendiada. Agachou-se, descendo para a parte

inferior da asa. Então ficou de pé de cabeça para baixo. Caminhando sob a asa aproximou-se da turbina em chamas. Levantou uma das pernas e chutou. Dois quilômetros abaixo, um minuto após, em chamas a nossa turbina espatifa um Castanheiro.
O Boot conseguiu coordenar bem o retorno à rota correta. Em quatro minutos se avistou a pista de pouso em Urucu.
Na verdade Hikano conseguiu pousar na pista de pouso em Urucu. Bem. Ou quase isso. Vinte e dois metros depois para ser mais exato, o que sobrou do avião, depois de perder as suas duas asas, parou.
O Aluízio e a Ana foram localizados duas horas depois. Nexter vestido de um Transformer carregou a jovem ferida em seus braços, enquanto o Boot carregava o Aluízio. Sob protestos.

A Hora das Histórias da Taba

De noite nos reunimos, nós, mil e duzentos índios e um hamster, para o momento que chamávamos de "A Hora das Histórias da Taba" onde contávamos lendas e histórias fantásticas sobre Amazônia, e outros temas, dependendo de quem conduzisse a prosa. O sorteado foi o Carlos Borges que só contava casos envolvendo hackers, Internet etc. Ele

ia contar pela quinta vez o caso que chamava de "Projeto Codinome". Houve certo murmúrio no grupo.
— De novo não!
Gritou Nexter exaltado.
— Assim não dá.
O Aluísio retrucou que estava nos estatutos do concílio geral regulamentador de "A Hora das Histórias da Taba" e que estatuto é estatuto. Depois de acirrada discussão, ficou decidido que cada um contaria um pedaço da história, já que todos a conheciam. Começou pelo Carlos Borges:
— Estavam testando numa empresa de Segurança de Informática, um sistema anti-invasão, inexpugnável, que chamavam de "A Rocha". O técnico que gerenciava o projeto se chamava Scott e ficou até tarde testando o sistema quando uma tela avisou que ele foi invadido por um desconhecido. Nesse momento um pedaço de torta vôou e acertou a testa do Carlos Borges. Um pingüim de óculos começou a assoviar disfarçando.
— Muito engraçado Fred...
Limpando o óculos arrendondado continuou:
— Uma hacker havia invadido o sistema, apesar de toda a proteção. Ele começou a conversar com ela e a partir daí toda noite esticava até mais tarde admirando o conhecimento que ela possuía sobre segurança de Redes.

Nexter gritou: — Ei! Não é assim que começa essa história! Deixa que eu conto direito:
— Numa tarde sombria, um homem sombrio, vestindo um capote sombrio pulou a roleta de entrada de um prédio sombrio, subindo pelos elevadores até o oitavo andar onde montaram ao CPD. O quê, ao meu ver, é probabilisticamente impossivel, pois ele não teria velocidade suficiente para fugir das balas e...
O grupo em coro:
— NÃO COMENTA NEXTER! Só conta a história.
— Tá bom! Tá bom! Ele entrou armado com uma cano doze serrada na CPD, atirou em vários micros e começou um diálogo com o gerente da mesma. Ai, é que, ao ser interrogado, ele começa a contar a sua história, ele é o Scott e estava testando o sistema quando a hacker...
— Tá bom, cabra! Disse com seu sotaque nordestino, Aluísio. Deixe que eu continue.
— O cabra da peste arretado entranhou-se no raio da CPD, enlouquecido. Continuou contando sua triste sina, derramando seu coração quebrado pela paixão mal resolvida com a tal da internauta. Acontece, veja só, que o cabra com o coração desgovernado apaixonou-se pela mulher, que nunca dava as caras. Só falava com ela pelos computadores. Mulher culta, sabida e invisivel. O cabra deixou a família, filhos, perdeu o raio do

emprego, só para ter mais tempo de acessar a Rede e se deleitar, à sombra do notebook, com sua paixão avassaladora. Coitado.
Solicito pelmissão pala continual a histólia! Sussurrou Hikano.
— A polícia celcou o local, enquanto o não tão honolável indivíduo segulava o pescoço do gelente indo em dileção ao selvidol com toda a base de dados da emplesa. Ele quelia explodil ela. Os honoláveis policiais subilam o plédio, qual samulais, enquanto uma lede de televisão filmava pelo lado de fola do andal com as janelas destluídas pelos tilos. Chovia na sala pol causa dos splinkels abeltos pela fumaça...
Agora eu continuo esse trêm! Gritou o Alexandre.
— Depois de muito vasculhar o trêm do mundo digital , atrás da jovem, um dia ele encontrou a pista do lugar de onde, uai, saiam os trens das mensagens. Disfarçado, ele entrou no trêm da organização, sem encontrar vestígios do trêm da hacker. Ai, ó xente, descobriu um trêm de manual com o nome “Projeto Codinome” e levou para casa. No dia seguinte voltou revoltado para o trêm de empresa destruindo tudo.
Deixa que eu continuo! Gritei eu.
— O Scott descobriu que a hacker nunca existiu. Ela era um projeto de inteligência artificial da tal empresa. Ele se apaixonou por um software de

inteligência artificial. Fred, para de jogar bolinha de papel no Carlos Borges. Por isso invadiu o prédio e queria destruir o Servidor principal. A polícia invadiu a sala na hora que ele ia explodir o Servidor e mirou uma arma na cabeça dele. Na mesma hora uma imagem de uma mulher muito linda apareceu num telão na parede, parecida com a ..
— ANA PAULA ANÓSIO! Gritou o grupo inteiro em coro.
— Como é que vocês sabem? Perguntei. Deixa pra lá. Aturdidos com a aparição, os policiais não atiraram; ela fez uma declaração de amor para o Scott e se autodestruiu levando consigo toda a base de dados da empresa. As luzes se apagaram e Scott conseguiu fugir. No final da história...
— Eu conto! — Bradou Jayme.
— Scott jogou retratos no mar.

Após um longo debate sobre a história todos fomos dormir. Nexter me perguntou se eu já conhecia aquela história. Disse que sim. Scott Tomas morava lá na minha rua.

Sobre a Guerra

Uma luz vinda do infinito, um relâmpago em meio ao cosmos corria em direção ao norte dos lugares celestiais. Passou por entre constelações que já não existiam mais. Cruzou nebulosas e através dos restos de uma estrela partida. A linha em meio ao cosmos mergulhou na escuridão do abismo até por entre os escombros de sua negridão. Emergiu dentro do espaço até aquele que esperava sua chamada. Quando o avistou, se fêz mais lento seu vôo celestial e ao longe uma pessoa alada se via, voando como se dançasse. Dançando como se

voasse. Pairando a frente do anjo que esperava a ordenação, sorriu. Então ecoou a voz como se outra vez os céus fendessem, quando o segundo ao primeiro falou:

— Vai.

Então cumprimentando o enviado, sorrindo o poderoso, disse:

— Amém.

E numa torrente de energia, dimensões incontáveis... Atravessou....

Capítulo DÉCIMO SEGUNDO

"Se andar fosse bom, o carteiro seria imortal"

Era época de pré-operação dos equipamentos. Fora um ou outro pequeno probleminha tudo ocorria bem. O ar-condicionado da Sala de Controle travou e os operadores quase congelaram. Fomos

obrigados a convocar os pingüins lá do alojamento para resgatá-los. O sistema de pressurização da Subestação Arara Quatro estava um pouco superdimensionado. Cinco homens eram agora necessários para fechar a porta da Subestação Arara Quatro.

Havia ainda o nosso seríssimo problema. Um rato. O rato. Aquele animal insigne que transitava como dono das instalações em toda a vasta região de Urucu e que morava onde queria, quando queria. E nesta fase o bicho resolveu morar dentro do sistema do compressor de ar da Unidade. O hamster vivia comendo a espuma de borracha das portas. Tentaram caçá-lo até com ajuda de tomografia computadorizada do compressor. Nada. Usaram um veneno tão forte que até o sujeito que o trouxe com luvas teve intoxicação. Nada. Colocaram dois gatos famintos. Somente um dos gatos saiu de dentro do sistema vivo. O outro jamais foi encontrado. Nexter inventou um hamster robôt controlado por controle remoto. Colocaram um telão ao lado do compressor, porque o robozinho possuía câmeras. Havia grande espectativa entre o combate da tecnologia de ponta do nosso cientista-mor e o rato imorrível. Pagaram ingressos para assistir a terrível batalha. Era grande a espectativa, quando as primeiras imagens foram tomadas dentro do compressor. Doze segundos. Exatos doze segundos depois da primeira cena a imagem apagou. Desistimos. O rato imorrível vencera novamente. O turbogerador foi travado por excesso de insetos dentro da turbina. Encontraram uma máquina de solda sumida dentro de uma das Esferas, que já estava

cheia de água para o teste. A bomba de combate a incêndio incendiou. O Alexandre foi fazer um teste com os hidrantes. Os peixes caiam junto com o jato d'água. Era só ver a distância que caiam os peixes para se ter noção do alcance do jato. Foram fazer a lavagem das linhas, que consiste em abrir as tubulações em algum lugar e injetar água pelo restante do trecho. Saiu muita lama, doze capacetes, sete botas, dois óculos de segurança e um tatu-bola. Após os devidos cuidados médicos, o tatu foi liberado.

Chegou um tucano no escritório. Ele iria ajudar o Fred com o serviço de digitação. O Carlos César o recepcionou friamente. Tinha suas razões. O homem que não dormia decidiu voltar mais tarde do que de costume para a Base. Em vez de ir de ônibus, ficou no escritório com a Figueira. De madrugada ele estava dirigindo de volta quando avistou um animal meio branco, de grande estatura e caminhando lentamente, atravessavando a estrada. Uma preguiça. O Carlos parou. Lentamente o “biçhão” passava para o outro lado da estrada quando as recordações das bicadas ingratas, do tucano mal agradecido que resgatara do rio Solimões, lhe vieram a memória. Ele sorriu de maneira sinistra e pisou com o pé no acelerador. A Toyota saiu cantando pneus em direção à preguiça sonolenta. Quando a preguiça viu os faróis

na sua cara, correu tudo que podia e se jogou dentro da mata. A preguiça mais rápida da Amazônia conseguiu escapar...
Por sete noites isso se repetiu. A preguiça desconfiada olhava atentamente para a estrada em busca do Carlos César, antes de atravessar...

Numa prisão de segurança máxima em Kyoto um perigoso hacker recebia um presente vindo do Brasil. Era um velho computador tipo PC, um 386, numa embalagem bem surrada. Os guardas permitiram, afinal, que ele poderia fazer com um PC 386 sem estar conectado a Internet? Toshiro Yamada ligou o empoeirado computador que abriu um sistema operacional conhecido. Estava rodando Open Vms... Como? Esse sistema era para grandes Servidores e não rodaria num...
... talvez não fosse um 386...

A gerência reclamou que o escritório estava virando um zoológico. O tucano estava se saindo bem. Digitava rápido. Apesar do bico pesado ter arrancado umas três letras do teclado. Havia realmente algo sinistro no olhar daquele animal bicudo. Fazia questão de estender a jornada até tarde, trabalhando e revisando formulários e planilhas de Excel. Fred estava também um pouco incomodado com a presença da ave tropical.

Numa noite de domingo, na hora da “**Hora das histórias da Taba**” Estávamos numa reunião de reflexão sobre a vida, porquê vivemos, qual o propósito da existência, e assuntos correlatos, como sempre fazíamos nas noites de Domingo. Nós, mil e duzentos índios e um hamster.
Ana estava com o braço numa tipóia ao lado do Nexter que parecia estar em outra dimensão. Ela observava atenta a multidão sentada, e as araras que sempre passavam na mesma hora da noite, gritando como dinossauros de um tempo esquecido. Olhava para o céu alaranjado, para as árvores e se perguntava como havia ido parar ali. Difícil seria explicar como tinha quebrado um braço e como continuaria a fazer a personagem na novela que atuava na época. Por outro lado, quem acreditaria nela, se contasse que caíra de um avião tomado por seqüestradores e que sobreviveu a uma queda de quatro quilômetros com a ajuda de um herói nordestino, sem o uso de um paraquedas? Então ajeita as mechas de cabelo desalinhadas, olha para o rapaz do seu lado. Observa atenta ao rubor da sua face. Então sorri ternamente e se aquieta...
Alguém perguntou para Nexter, o que ele como cientista podia falar sobre Deus. Nexter disse que até onde ele pôde estudar as forças do universo,

chegara a uma conclusão. Todos o olharam espantado. O silêncio reinou sepulcral.
— Como cientista que sou, discordo da comunidade a que pertenço. Eu descobri sua existência percebendo que ele deixou padrões visíveis de sua inteligência em toda parte daquilo que existe, até onde eu pude estudar. Eu teria que negar o universo e sua simetria, as soluções de engenharia que a vida utiliza para continuar a existir e a base matemática na qual o universo se sustenta, para afirmar o contrário. Descobri sua inteligência nas coisas criadas. Boot, qual a possibilidade de acontecerem os milhões de sistemas biológicos interdependentes sem um plano anterior de que tal acontecesse, sendo isso obra de qualquer tipo de energia ou princípio não inteligente?
O Boot levantou a cabeça e observando a todos nós. Colocou-se de pé e olhou para Nexter. Então respondeu:
— Está acima de minha capacidade realizar tais cálculos. As váriaveis envolvidas estão acima do meu poder de dedução lógica. — Nexter não terminou de falar. O Alarme contra a Coisa começou a tocar no Polo novamente. Na parede acendeu um dos sensores. Depois dois. Depois sete. Depois todos.

ELES IRIAM ATACAR EM GRUPO.

Os Mapiguarys estavam chegando. O alarme geral tocou novamente. Quantos? Não tínhamos como saber. Nexter tinha em mente proteger Aninha, a todo custo. Na verdade pensava que não haveria perigo em trazê-la. Acreditava que os recursos tecnológicos a sua disposição forneciam segurança suficiente no caso de um ataque. Neste momento ele percebe o quanto estava errado. Estava espondo seu sonho mais precioso ao desconhecido. Já não bastava ela quase ter morrido na chegada, corria o risco iminente do ataque daqueles monstros. Não dava tempo de todos chegarem ao abrigo. Abusanadam e Jayme correram até a estrada ao lado dos alojamentos e ouviram aterrorizados ao barulho dos seres que corriam para sair da floresta. Numa das televisões que faziam cobertura das unidades LIGADAS A CAMERAS, pontos avermelhados começaram a surgir na floresta escurecida ao lado dos dois Flares acessos da Unidade antiga, anterior ao Polo, a doze quilômetros de nós. Eles vieram chegando em multidão. Incontáveis. Então, por toda parte da floresta visível se via o brilho dos olhos dos Mapiguarys. Milhares. Milhares. O Aluísio Xavier falou:

— Se esse livro num terminá agora, num termina nunca mais...
Os animais pararam na saída da floresta. Como se esperassem uma ordem para atacar. O quê eles estavam vindo buscar? Pela primeira vez em três embarques Jayme falou.

— Bicho feio veio buscar pequena índia.

Na verdade Jayme estava muito longe da verdade. Em parte havia um simbolismo na morte daquela jovem. Isso era somente a ponta de um iceberg. Ela fora oferecida como sacrifício, sem ser entregue. O monstro, por uma idiossincracia (capricho) qualquer vinha buscar sua oferenda. O Boot foi correndo até a Subestação Arara Quatro para fugir com a Brisa. Nenhum homem podia correr como ele. Nexter angustiado tomou a Ana pelas mãos e e a arrastou até um dos abrigos. Ela olhou para ele, perguntando o que estava para acontecer, e ele não soube responder. Ana já conhecia a história dos abrigos. Ela sabia tanto sobre Urucu que já era quase uma operadora. Foram meses de cartas e e-mails detalhando tantos equipamentos tão meticulosamente, que ela podia reconhecer um equipamento só de olhar pra ele. E ela já sabia dos abrigos.

— Se você vai correr perigo, não quero que fique do lado de fora. Entra! — Exclamou para Nexter, com os olhos brilhando.
— Não posso. Tenho que tentar proteger o pessoal. Eu não devia ter trazido você até um lugar assim. Não podia ter te exposto a tanto perigo. Me desculpa.
— Eu vim porque quis! Você não tem culpa. E eu não vou entrar. Não fico aqui sem você.
Nexter sorri para Ana. Então dá uma pancada na chave externa que fecha os imensos e pesados portões do abrigo. As portas vão se fechando lentamente enquanto algumas pessoas seguram a jovem para que ela não se jogue para fora.
— Não quero! Não vou ficar.

As portas vão se fechando lentamente enquanto o ensurdecedor alarme toca.
Nexter abaixa a cabeça e começa a correr.
Certa criatura parecida com um hamster observa atenta a gritaria, observando de longe enquanto as portas do abrigo se fecham.
Uma parte do grupo entrou para pegar armas. Alexandre foi para a Toyota, com Abusanadam e Hikano, para tentar pegar a Brisa na entrada da Subestação Arara Quatro e correr para um lugar seguro. Nexter entrou no alojamento e pegou dois

Transformers, o macacão laranja e outro negro, ainda em fase de testes. Carlos César vôou pelos corredores para pegar uma metralhadora quando passou pela sala da CPD, viu algo estranho. Fred e o Carlos Borges, amarrados, o tucano digitando algo no computador. Ele estava passando informações para o hacker japonês Toshiro Yamada. Só faltava agora teclar o Enter e a transferência seria efetuada. Carlos apontou a arma em direção ao enorme bico do tucano assustado e bradou:

— Isso. Vá em frente. 'Me dê' um motivo... .

O bicho paralisado recuou enquanto ele soltava o Carlos e o Fred. Fred sentou-se rapidamente na frente do computador e enviou uma foto de um pingüim em vez dos dados para Yamada. Tiveram que dar sedativos para que Toshiro se acalmasse. Todos correram para a porta, menos o Fred, que

voltou para pegar seus óculos. A Tânia do lado de fora gritou para que o Joaquim, da Instrumentação, buscasse o Fred, porque iriam descer para os abrigos. Um grito monstruoso saiu das entranhas da floresta. Todos os Mapiguarys gritaram em resposta e uma multidão incontável correu para invadir as Unidades. Jayme estava pela primeira vez vestido num Transformer. Nexter num protótipo ainda não testado. De longe o Boot acenou, já estava com Brisa. O Alexandre acelerou o motor da Toyota, Jayme, num gesto brusco pegou Nexter e a mim, e nos atirou na caçamba da Toyota. Os animais vinham entrando pelo Polo, desta vez, destruindo os lugares por onde passavam.

O Alexandre disse que não iria partir sem os outros. Jayme sabia que não havia tempo. Antes que pudéssemos falar algo ele empurrou a Toyota com violência, enquanto Nexter tombava de novo na caçamba. Alguns corriam para os abrigos. Jayme ligou o Transformer e se pôs na frente do escritório a espera das criaturas que vinham em multidão. Passamos pela frente da Subestação Arara Quatro e pegamos o Boot e Brisa Serena, que gritava, olhando em direção a Subestação Arara Quatro onde permaneciam sua tribo e seu esposo. Era tarde demais. Eles vinham por todos os lados. O Alexandre acelerou para sair do Polo, enquanto os Mapiguarys vinham ferozmente em nossa direção. Não havia como correr o suficiente para passar. Alexandre resolveu fazer uma tentativa suicida. Iria correndo em direção aos animais, tentaria passar no meio deles. O cheiro da borracha queimada encheu de novo o ar quanto a última Toyota acelerou rumo ao intransponível. Na esquina a cem metros de da pista, na nossa frente outra Toyota negra nos ultrapassou. O motorista, com sua máscara negra, conseguia ser mais rápido que o nosso melhor piloto. Ele de algum modo percebeu o que iríamos fazer e se antecipou. Algo foi lançado da Toyota e explodiu próxima aos Mapiguarys, o motorista se atirou sobre os seres monstruosos, fazendo com que uma brecha se

abrisse no nosso caminho e explodiu, incendiando-se. Batemos nos pedaços fumegantes e no meio do fogo do diesel derramado incendiado, acertamos um dos animais o qual estilhaçou o vidro da frente ferindo Abusanadam, contudo conseguimos sair em direção ao aeroporto. Observávamos a espiral negra de fumaça que se levantava, enquanto a Figueira se distanciava do Polo. O louco motorista abriu passagem para nós com a própria vida.

O Destruidor.

Invencível.

— Meu nome é Joaquim. 'Me chamam' de Quincas. Não, meu sinhô, num sobrô nada não. Fui encarregado, como paraíbano que sou, de contá a triste moda da história que vingou.
Sou quem viu estes feitos lacrimosos
Desta lida que termina
Onde um povo humilde e forte
Teve que ver a sorte
Do trabalho mal-fadado

Ser derrubado ao léu
Foi tanto peão correndo
Gente indo pra todo lado
Os monstro invadia tudo
Ferro que dobra inté aço
Cano quebrando em pedaço
Cimento sendo desfeito
Se viu que num tinha jeito
Quando a horda esquisita
De animal esbugaiado
Com os óio qual fogaréu
Saindo de tanto mato
Desfês em trêis hora a sina
Que num galope apertado
Com todo o tempo contado
Construíram mil homê
Por mil bichos derrubado
O forno, incendiado
Sendo por bicho puxado
Gritando a peãozada aflita
Fugindo pra todo lado
Voavam alto os contêiner
Junto das máquina de soldar
Os cabo sendo rompido
As bandeja sendo quebrada
Quando os bicho enfezado
Derrubaram a torre no chão
A tal da parabólica

Voou no céu estrelado
Quando o bicho irritado
Na sala tomatizada
Os monitô detonado
Só vi coisa parecida
Quando lá no meu sertão
Pra saciar fome renhida
A populaça faminta
Sem tê com que comprá
Invadiu no centro o mercado
De seu João Barnabé
Jerimum pra todo lado
Lingüiça frango e carré
Arroz feijão e farinha
Fôsse pra pouco tempo
Melhor que o esmoléu
Os fiscais num tiveram chance
Quando os bicho, os infame
Arrastaram pra floresta
O pouco que ainda sobrou
Nos escombros um pingüim aflito
Olhava muito assustado
O que se assucedeu
Não sobrou nada de nada
Um pouco de pó e carvão
Um campo de gás queimado
E tanque de óleo no chão
A fumaça que subia

Longe se via do céu
Os que fugiram, quem sabe?
O que lhes aconteceu
Tudo que era não era
Tudo que foi não é mais
Um pouco de gás queimando
Um pouco de pó e carvão.

Continua? O que sobra depois da tempestade? O que se faz quando tudo que se pôde fazer foi menos do que era necessário?

Êta rio caudaloso

Pode um fracassado,

Quando as águas
Levam o pouco do que sobra
Em meio ao rio caudaloso
Uma sombra. tudo é o que restou em mim
Pode esta criatura errada que tentou
Perdeu a conta,
Perdeu o rumo tantas vezes
Que ainda não entende
Como é que é que foi
Como é que ainda sobreviveu
Olha vê no fundo deste rio
Vê pasmado o relógio
Que comprou no camelô
Como é que pode
Um cabra assim
Ainda viver
Rujam sujas águas caudalosas
Este homem tem coragem
Se mantém atento
Enquanto
Seu relógio
Diz adeus a sua dor
Vixe! Brilha no céu colorido
Depois dessa tempestade
Desta chuva de verdade
Algo mais que um sol
Brilha sua esperança
Rio caudaloso de água suja

Tu é um desaforado
Saiba que tu cedo ainda seca
Pisarei, ah sim!
Pisarei em tua secura
Infiel, bastardo,
Que levou o meu relógio
lindo
Vê que se eu sou homê
De esquentá com rio assim
Como este rio, miserável
Que levou meu violão
Mas, não fico assim
Eu sou mais forte
Tu no muito seca
daqui a alguns dias
E eu
Bem sei
Que sei
Vou vencer mais uma vez.

Capítulo DÉCIMO TERCEIRO

"Na vida tudo é passageiro, menos o motorista e o cobrador"

“Antes que houvesse noites e manhãs, havia luz. Antes da primeira estrela nascer, já havia luz”.

Quando a primeira criatura abriu seus olhos, antes de haver este universo, seus olhos queimavam com o resplendor da luz. Antes de existir a matéria, o tempo e o espaço, não existia ainda a energia, contudo já havia luz. Não existiam átomos.

Misteriosamente já existia a vida.

A morte não existia ainda, porque só tudo era somente vida.

Ainda não havia o vazio, porque tudo estava preenchido da plenitude de um único ser.

Não existia o Universo porque ainda não fora chamado, de dentro de sua plenitude. Para criar o espaço, necessário foi se esvaziar, porque se não, tudo ainda, dele estaria repleto.

A dimensão de sua presença se dividiu para abrigar, milhões dos seres que criaria, no alvorecer da criação.

A primeira de todas elas é a mais perto de si, repleta de sua glória, permeada de seu poder. Alguns a chamam de céu.

Os que nela habitam têm corpos capacitados para resistir a intensidade de sua presença, incomensurável.

Aos primeiros de todos eles, que maravilhados contemplaram quando o domínio daquele ser imortal se expandiu para ser o início de tudo, o nascer do Universo, receberam nomes que são por nós impronunciáveis, ao qual nós chamamos de anjos.

Ao ser que tudo criara, sem o qual nada se fêz, compreendendo o absoluto de sua grandeza, os anjos chamaram Senhor."

John Fitzgerald Thomas Wellington Bach

— Abusanadam, seu símio sem-velgonha, não mole cliatula! Gritou desesperado Hikano.

Abu estava em estado de choque, falavando frases em vários idiomas, desconexamente. O teto, a frente e a lateral da Toyota, estavam amassados, como se o carro tivesse capotado.

— Fama volat; Felix Qui potuit rerum cognoscere causas; Dulcia linquimus arva; Cést un droit qu'à la porte on achéte en entrant; Erpuit coelo fulmen sceptrumque tyranis;

— Boot, O que é isso? Eu perguntava.
— Ele está semiconsciente, é como se lembrasse de aulas de linguística
Swedish: Ingen ros utan törnen
Norwegian: Inga rose utan torn
Danish: Ingen rose uden torne
German: Keine Rose ohne Dornen
Dutch: Geene rozen zonder doornen
English: No rose without a thorn
French Il n'y a pas de roses sans épines
Provencal: Ni roso sènso espino
Rhaeto-Romance: Nignas rosas sainza spignas
Spanish: No hay rosa sin espinas
Portuguese: Não ha rosas sem espinhos
Italian: Non c'è rosa senza spine
Romanian: Nu e rosã fãrã spini
Russian: Nyet rozy bez sipov

Abusadanam recitava cada vez mais rapidamente. O carro voava em direção ao aeroporto enquanto as criaturas o perseguiam a cerca de duzentos metros do carro e se aproximando. Nexter e Boot estavam comigo e com Brisa na caçamba da Toyota. Hikano tentava socorrer Abusanadam ferido do lado direito de Alexandre. O farol da Toyota ia arrastando pelo chão suspenso pelos cabos de alimentação, piscando a cada pancada. Trinta metros depois ela se desprende, sendo esmagado

pelas rodas da Toyota que prossegue furiosamente em direção ao aeroporto.

— Wagi d asebter n Tmazgha, n Imazighen d Tmazight! Ma yella tettnadim a tlemdem kra ghef idles Amazigh, asbter agi nsnefla-t-id akken a wen-d-imel kra n iberdan ara t-d'efr'em akken a d-tafem akº ayen tra

— E isso agora?

— Tmazig, uma língua indígena norte-americana em extinção

गोपराजरत्नराजिमन्दिरानुरिंगणम्

goparājaratnarājimandirānuriṁgaṇam

— Isso é sânscrito, o início de um hino...

Detached vowels

अ	आ	इ	ई	उ	ऊ	ए	ऐ	ओ	औ	ऋ	ऌ
a	aa	i	ee	u	oo	ae	aae	o	au	ri	Lri

Vowel marks

ा	ि	ी	ु	ू	ृ	े	ै	ो	ौ	्र	^	र्‌	ॅ
aa	i	ee	u	oo	ri	ae	aae	o	au	r	rr	r	accent

Numbers

०	१	२	३	४	५	६	७	८	९
0	1	2	3	4	5	6	7	8	9

Letters

क	ख	ग	घ	ङ
k	kh	g	gh	n

च	छ	ज	झ	ञ
ch	chh	j	jh	n

ट	ठ	ड	ढ	ण
t	tth	d	dh	n

त	थ	द	ध	न
t'	th	the	thhe	n

प	फ	ब	भ	म
p	f	b	bh	m

य	र	ल	ळ
y	r	L	LL

व	श	ष	स	ह
v	sh	shh	s	h

श्र	ठ्ठ	ट्ट	त्र	ज्ञ	ॐ
shr	ththth	tt	t'r	gy	om

झ	ण	द्य	ह्म	रु
jh	n	thhy	hm	ru

ह्य	क्ष	त्त	ज़	ड़	ढ़
hy	ksh	t't'	z	ad'	ad'h

Half letters

क्	ख्	ग्	घ्	च्	छ्	ज्	ञ्	त्	थ्	ध्	न्	ण्	प्	फ्	भ्	म्
k	kh	g	gh	ch	chh	j	n	t'	th	thhe	n	n	p	f	bh	m

य्	ल्	व्	श्	स्	ह्	क्ष्	ज्ञ्	ब्	ष्
y	L	v	sh	s	h	ksh	gy	b	shh

ॠ	ॡ	ङ्क	ङ्ग	द्द	द्ध	द्व
Ri	Roo	ngk	ngg	thethe	thethhe	thev

Nexter liga os módulos de força do novo Transformer. Estava ligado a um satélite, o que ele mesmo lançou na adolescência. Ele tenta chamar ao Jayme pelo sistema de comunicação. Não há resposta. Pede que o satélite envie uma imagem do Polo. O satélite rastreava exatamente as latitudes e longitudes do expressivo Polo Papagaio por causa dos testes com o Transformer. As imagens de destruição chegam ao visor do Nexter que não consegue acreditar no que vê.

— ewi nnatitauwat : Kìnne o wanimúpiëchiät, [1] tana¯kke pekanisit nigupwiä ni?
(É você que esperávamos ou ainda virá outro?)
ekípìkwedjìk wapìmauwok, kì¯tchkatenídjin pìmo¯sêwok, weömokkiïdjìg pìnisiwog, kekiê¨pìch[á]djig [2] notïmo¯g, nebo°djig [3] yapichichin[o¯g], ketimakìsìdjig minonowadjìmowin kekiëkimauwog:
(Digam para João que os leprosos são purificados, os cegos recebem vista, os mortos são ressurrectos e aos pobres é pregado o evangelho)

— Isso é Potawatomi, língua de povo indígena norte-americano, creio ser um texto bíblico — grita Boot

As luzes se apagaram completamente na última imagem de video que Nexter recebeu do

satélite. Ele gritava o nome de Jayme. Vestido do Transformer e com sua força extraordinária... Ele não poderia... Não havia, entretanto, resposta do sistema de comunica-ção do traje.

— Tz'utujil, Kaqchiquel, K'iche', Mam, Q'anjob'al, Poqomam, Ch'orti', Q'eqchi', Chuj, Popti', Ixil y Achi

— Ele está listando dialetos Mayas.
Começou a chover novamente. Sempre chovia. Quase todos os dias. Como aquele. O pneu do lado esquerdo furou. A Figueira ia agora queimando o pneu no aro da roda a mais de cêm Km por hora. O pneu se parte e se desprende fumaçando enquanto rola em direção da mata. A roda da Toyota inclinada gritava agoniada sobre o asfalto.

— Hi aigía his ó iig óp í sibiga

—Isso é Pirahã, da tribo, dialeto oriundo da família Mura da tribo Amazônica...
Nexter abaixou a cabeça. Sabia o que representava o silêncio do rádio. Numa última tentativa ele solicitou uma checagem do estado do outro Transformer. O satélite retornou com a mensagem de que ou o traje estava danificado ou não existia mais.

No seu delírio Abusanadam continuava repetindo palavras, frases, sentenças e suas traduções.

Aleut
—Adeus
ukudigada
Central Yup'ik
— Nôs veremos
piura
—Eu verei você;
— esghaghlleqamken
Inupiaq
—Adeus
—tautugniagmiikpiñ
Alutiiq
—obrigado
—quyanaa

Haida
— obrigado
— háw'aa
Tsimshian
— obrigado
— way dankoo
Tlingit
— obrigado
— gunalchéesh
Eyak
— obrigado
— 'awa'ahdah
Ahtna Athabaskan
— meu amigo
— slatsiin
Deg Hit'an Athabaskan
— meu amigo
— sits'ida'on
— Gwich'in Athabaskan
— meu amigo
— shijyaa
Hän Athabaskan
— nossos amigos
— nijaa
Koyukon Athabaskan
— agradeço
— baasee'
— Boa sorte

— nekk'ohuneeghul/tok
— amigo
— gganaa'
Tanana Athabaskan
— obrigado
— maasee'
Tanaina Athabaskan
— obrigado
— chin'an
— meu amigo
— shida

— Todas essas são variantes de línguas nativas dos povos do Alaska, os Eskimós — arrematou o Boot

Um dos animais corria mais que os outros. Os olhos flamejantes vinham se aproximando na estrada em trevas. Ele pulou. Horrorizados entendemos onde ele iria cair. Sobre nós. Por pouco não caiu dentro da caçamba. O monstro bateu no parachoque traseiro com um choque formidável. A tremenda pancada quase jogou Brisa para fora da Toyota. Consigui segurá-la, porém, na tentativa escorreguei para fora do carro, o Boot tentou me segurar pelo uniforme.
Não conseguiu... Eu caí no meio de uma ponte num rio ao lado da estrada deixado para trás...

(veja que imparcialidade extraordinária, até eu, o autor ‘tô me estrupiando’...)
Brisa Serena caiu em prantos (‘tava rolando’ um clima...). O Boot virou-se para Nexter e disse que só havia uma alternativa possível. Rasga a camisa e fala para ele que vai tentar retirar de si a célula de energia que o alimenta e autodestruí-la. Se conseguir, irá abrir uma cratera com 60 metros de diâmetro ao redor da estrada, dando para os sobreviventes chance de chegar ao aeroporto.
— Deve haver alguma alternativa! Grita Nexter angustiado. Boot simplesmente diz:
— Não há mais nenhuma.

A voz de Abusadanam estava enfraquecendo. Quase murmurava. Um som gutural imperceptível para nós, em meio a todos os ruídos. Menos para o Boot.

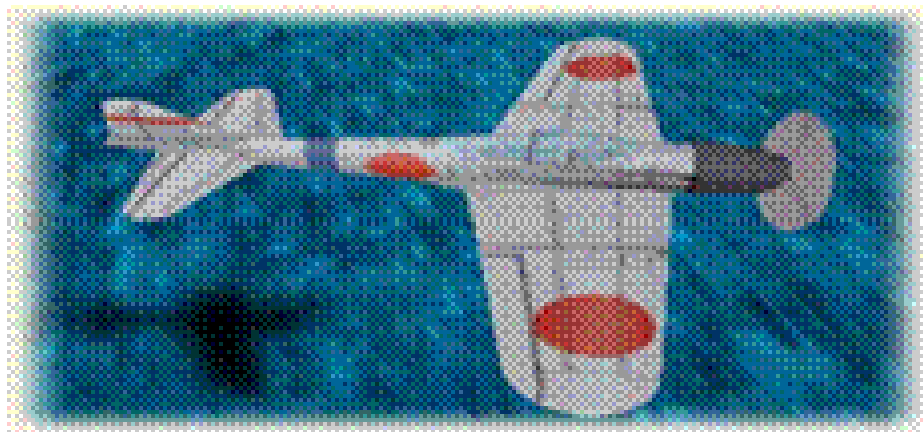
— Ngappa wanpina kajunta jina mangayi ngini, kamanta mukku ngini waga waga tirrinta karn. Kamanta. — Antes de se jogar do carro, Boot ainda fala:
— Isso é Waramungu, das tribos da Austrália

Boot se joga e sai rolando pelo chão a cem km por hora. Na queda acerta três dos seres que caem também. O carro se distancia após uma subida.

Boot já não pode ser mais visto, não há certeza se conseguiu se separar da célula quando o chão estremece com a força da explosão. Nexter protege Brisa com o corpo, os vidros traseiros da Figueira se despedaçam.
Eles conseguem a muito custo chegar no aeroporto. Lá entretanto, não encontram nenhum avião, além do Vickers semidesmontado, no qual haviam chegado.
Sem saída.
Alexandre entra na pista de pouso, pois a estrada termina no aeroporto.
Hikano berra:

— Ainda há um avião. Vá até o meio da pista, na latelal, entle as álvoles. Há muito tempo tenho vindo até o aelopolto pala constluil uma aelonave. Ontem eu testei pela plimeila vez o moltol à hélice.
A Toyota para no fim da pista enquanto tentam retirar Abusanadam de dentro dele. Abusanadam está quieto. Não se move. Não fala mais... Os três permanecem em silêncio, sem saber o que fazer. Então Hikano corre até a floresta e mostra o avião atrás das árvores. Dezoito delas foram cortadas para que ele pudesse ser construído, sendo uma cópia mais alongada do Zero A6M2 japonês,

fabricado pelas Indústrias Pesadas Mitsubishi Ltda., em 1940. A única adaptação é que em vez de uma, ele poderia levar duas pessoas. Ajudam a Brisa serena a entrar e sabem que será Hikano que irá pilotar. O uniforme negro de Nexter começa a zumbir quando são ativados os circuitos auxiliares. Nexter arranca as árvores que estão entre o avião e a pista, vai até ele e segurando o trem de pouso o empurra sua direção. No início da pista aparecem os animais. Alexandre sabe que vão necessitar de tempo. Entra dentro do carro e acelera em direção a eles. Nexter segura o eixo traseiro da Toyota e grita:

Chegaaa!

— Não suporto mais! Você não vai! — Com um forte puxão arranca o eixo traseiro da Figueira. A Toyota tomba a parte traseira, fumaçando e centelhando sobre a manta negra do asfalto da pista de pouso. Alexandre olha para fora da Toyota despedaçada. Suspira por um breve instante. Antes de qualquer reação, engata a tração e sai sobre as duas rodas dianteiras sobre os animais. A Toyota incendianda caminha inabalável em direção aos monstros, ocultando-se na fumaça negra, se arrastando quase na lateral da pista, próxima a floresta. Alguns segundos após, explode ao bater neles, cerca de trezentos metros depois, enquanto o A6M2 começa a acelerar para levantar vôo, indo para o final da pista. Os animais vêm correndo, enquanto Nexter se posiciona entre eles e o avião. Liga toda a energia do poderoso traje. O transformer negro é cem vezes mais forte que o primeiro. Os grotescos animais se atiram furiosamente sobre Nexter. A pancada faz com que ele se arraste quase vinte metros sobre a pista, comendo o asfalto com os pés das botas do traje. Contudo, consegue deter quatro animais. Um deles segue em frente. O avião está preste a levantar vôo, quando uma das criaturas alcança a fuselagem. Suas garras afundam na parte traseira do avião que mesmo assim consegue alçar vôo. O

monstro vai agarrado na fuselagem, tentando cravar sua próxima garra quando algo o segura pelas patas traseiras. Nexter. Trezentos e cinqüenta metros, percorridos com o maior salto já dado com um Transformer na terra. Jayme solta o avião e despenca com Nexter para dentro da floresta. O Zero faz uma curva fechada e inclina-se, distanciando-se da floresta. Hikano e Brisa conseguiram fugir.

Enquanto as unidades do Polo queimam, um imenso Mapyguari observa um hamster correndo assustado para dentro da Floresta. O animal urra enfurecido e corre atrás do pequeno roedor.

O nosso amor na ultima astronave
Além do infinito eu vou voar
Sozinho com você
E voando bem alto,

Me abraça pelo espaço de um instante
Me cobre com teu corpo e me dá
A força pra viver

Não sei quem sou
Tão pouco o que ei de ser
Minha vida
Pouco me pertence
Que irei, eu sei
Só, porém, não irei
Nas alturas,
Alguém
Me contempla

Capítulo DÉCIMO QUARTO

“Não existem ateus numa pane de avião.”

Chove como se os céus pranteassem. Os animais desgraçados tiveram sua fome de sangue saciada. No meio das densas trevas da floresta, naquela noite sem estrelas, o jovem cientista desistiu. Já não podia fazer mais nada. Nada. Nada. A palavra nunca lhe soara tão dolorosa. Vestia-se de toda a tecnologia que o mundo sonhou alcançar. Nada. Nada. Tudo que conhecia, tudo, agora não servia para nada. Ele se encolhe no meio da floresta como uma criança no escuro, tendo poderio de um exército ao redor das mãos. O cientista desistiu. Desistiu. Uma onça pintada o observa de longe. Uma coruja vira a cabeça como se quisesse entender o que se passava.

Nexter pensava: "Deus, eu só queria ter tido uma chance. Uma única chance." Ele caminha sem

rumo, quase ás margens do imenso rio que um dia nomearia toda aquela região. Apalpa as árvores descomunais, enquanto seus pés afundam em pequenos charcos encobertos por folhas desbotadas, enauqnto filetes de água descem pelas reentrâncias dos troncos de árvores milenares.
Em dado instante Nexter tropeça em pedras ao lado de uma grande árvore. Então coloca as palmas das mãos enlameadas sobre as pedras amareladas e abaixa a sua cabeça.

Nexter chorou.

O vento soprava fortemente. Como se... Murmurasse... Ao passar por entre as folhas...
E em meio as mais diferentes melodias e ritmos das folhas partindo e se dobrando... Nexter imaginou ter escutado um murmúrio... Um canto... Uma voz:
'Concedido'
... Não...
Quem sabe não seria só o vento...
Somente o vento.
Olha para as pedras amareladas e percorre com suas mãos por sobre elas, descobrindo marcas que parecem marcas linguísticas. Ele acende as luzes dos seus óculos e ilumina as pedras sob suas mãos. Então lê quatro nomes semi-apagados... Escritos num português que já deveria ter séculos...

Bella, Sementhi, Cantho e Essperancça

Ele não entende porque tais palavras foram escritas ali. E tão pouco quer entender outra algo mais.
Na sua angústia só lhe ocorreu um pensamento. O Transformer alimentava-se internamente por uma bateria especializada que podia gerar grande quantidade de energia, construída de um elemento instável. Tão instável que ele explodiu quinze vezes a sala de testes do laboratório. A concentração e potência do material aperfeiçoado do traje negro, situava-se num patamar milhões de vezes maior que aquela que usou nos primeiros testes. Nunca o patenteou pelo medo de usarem para a guerra, esta mesma guerra que o havia convocado. Sabia que não teria para onde fugir. Ao menos, evitaria mais mortes. Nexter se levanta sob o temporal que se abate sobre suas costas, a chuva se derrama como pequenos córregos cristalinos caindo pelas

orlas de sua vestimenta de guerra. De qualquer modo o mundo não estava ainda preparado para tamanha tecnologia. Faziam poucas perguntas onde ele trabalhava. Melhor assim. Dos seus olhos saem um pequeno rio, quase imperceptível, dentre milhares de gotas da torrencial chuva que cai inexaurível naquela noite. Naquela triste noite. Naquela última noite. Os dedos de Nexter tremem enquanto digitam algo num teclado invisível no ombro direito. Um grito tremendo e horripilante atravessa a noite. Novamente no pulso de Nexter o alarme contra a Coisa começa a disparar. Três seqüências secretas são acionadas. Gotas de lágrimas misturadas com a intensa chuva caem sobre as pequenas pedras amareladas...perfazendo pequenas listras nas pedras, listras brancas sobre um dos nomes talhados. Como se aquelas pedras já houvessem sido brancas, inteiramente brancas um dia. As listras ressaltavam ainda mais a palavra Esperança.

Enfim, o som dos aterrorizantes passos aumenta seu ritmo frenéticamente. É só apertar um botão, um único botão e tudo, tudo que existe até a profundidade de 300 metros e num raio de 60 Km deixará de existir. Nexter sabe que somente sete abrigos mais poderosos que abrigos nucleares, será tudo o que vai restar quando apertar seu polegar.

Ele respira profundamente e dentro do coração se despede de seus amigos. E de Ana.

Os olhos da monstruosidade seriam afinal, contemplados uma vez mais.

Por uma última vez...

Numa produção conjunta da Paramount Welington Coorporation

E da Warner Welington Pictures

Com apoio do Welington Language Institute

Tivemos o prazer de apresentar:

Fantásticas memórias do Exílio

Queríamos agradecer a todas as pessoas que tornaram possível este projeto monumental, sobretudo aos editores que acreditaram no potencial desta fantástica narrativa. Esperem um pouco. Creio estar ouvindo uma voz...

— Escritor...
— Uhm? Alguém me chamou?

— Escritor…
— Como?
— ‘Sê’ assim…
— Como?
— Quem é que está falando?
— Do jeito que Ocê é...
— ?!!!!
— Dói?
— !!!!!!!!!!!!!!!

Uma chicotada magistral impede que a mão de Nexter aperte o botão. Sua capa preta balançando ao sabor do vento, com detalhes bordados em rosa-choque, azul, dourado e magenta; o cravo branco na camisa florida contrastando com a fita vermelha ao redor do imenso chapéu de vaqueiro, as botas aveludadas levemente púrpuras, o chicote com punho prateado, as vaquetas, luvas de couro cinzas debotadas de tanta lavagem química, a calça negra, o cinto de segurança para subir em andaimes, enrolado na cintura e ombro, a aparência esquálida e magra do morador do agreste sertão, as palavras faladas entre o mastigar da rapadura com farinha, tudo isso não deixava dúvidas. O VINGADOR MASCARADO! Vivo!
— Ocê viu o National por aí Nexter? Êta lasqueira! Esses ‘bicho’ são o diacho! Tô cansado de tanto

subir em árvore pra fugir deles. Eles não conseguem dobrar o pescoço pra cima. As árvores os confundem. Bom, o colóquio tá da gota, fora aquelebicho óiudo alí, vindo pra cima de nóis.
— Para trás Nexter. — Ele empurra Nexter para o lado enquanto laça as pernas da criatura. Jayme cai pesadamente por entre as árvores na descida de um barranco derrubando árvores.
O Fiscal sorrindo para Nexter:
— O CÃO CHUPANDO MANGA! Quer que eu te ensine? Capa nova arretada, não?

Nexter arranca e atira diretamente sobre o monstro uma imensa árvore. Ela o atinge com tal violência que ele é lançado a quase 600 metros de distância dentro de uma lagoa de lama. A árvore crava até o final dentro do lago. Nexter derruba várias árvores gigantescas. O caminho do monstro é fechado. Enquanto correm para fora da floresta para chegar ao aeroporto encontram o Alexandre com a roupa completamente enegrecida, VIVO! Ele pulou para fora da nossa última Toyota momentos antes da explosão.
— Um foguinho daquele? Um dia eu te mostro o que é um trêm de fogaréu decente...

Abusanadam estava caído em estado de choque próximo da floresta. Necessitavam deixa-lo lá. Levam-no até uma sala do aeroporto, abrigada. O Mascarado avisou que o Jayme conseguiu levar o pessoal para o abrigo subterrâneo e o travou para que nenhuma criatura entrasse. Por isso não se comunicava com o traje. Só não possuía notícias do Joaquim e do Fred. Não sabia se estavam bem. O Boot, robot sortudo, conseguiu arrancar as baterias e as explodir, antes de cair desativado, vinte metros após o local da explosão. Nexter para do lado do Boot, arranca uma bateria auxiliar e a acopla no andróide. Boot recobra os sentidos.
Eu, uai, que sou o autor, acho injusto me deixar morrer. Sou encontrado, enlameado, dentro do Igarapé ao lado da ponte
Nexter suspira aliviado.
— Boot, nós temos que destruir esses monstros. Vou conectar meu banco de dados, vamos vasculhar o passado em busca de uma resposta. Qualquer que seja ela. Vou te acoplar a todos os bancos de dados nacionais, ou mesmo estrangeiros que estudam nossa história e tradições, Indigenistas, lingüistas, etc. Boot foi unido via satélite com vários bancos de dados. Um minuto depois ele veio com a notícia que existia uma lenda sobre uma pessoa que matou um ser cuja descrição

e poderes é muito semelhante a um Mapiguary, em 1669.
— Como? Perguntei ainda tirando a lama de dentro do ouvido.
— Os registros são incertos. A pessoa o derrotou sozinha.
— Gente, o que ele usou? O que pode matar um bicho desses?
— Ele, não. Ela. Diz o relato de uma lenda que vasculhei numa CPD da biblioteca central do Pará, que uma índia matou um Mapiguary com o auxílio de uma espada. Uma espada encontrada dentro da floresta, cravada aos pés de um Igarapé.
Nessa hora o Boot deu um grito:
— Homens ao mar! Mulheres e crianças, primeiro!!!!
— Boot? Ocê tá se sentindo bem? — Falou o Vingador Mascarado — Bem que eu sempre achei esse cara-de-lata parecido com o Abusanadam...
— Ele está com sobrecarga da bateria do Transformer. — Disse Nexter. Continuando a seguir:
— Em 1660 nasceu uma índia, filha do chefe, que chamaram de Eliã. A Espada chamava de Moaujé. Diz sua lenda que essa índia Eliã praticamente cresceu à sombra de Moaujé. Ela brincava com Moaujé, desde pequenina. Na aldeia de sua tribo

também morava um homem estranho, de cor amarela, ao qual os índios chamavam de Aymberê.
— O que é isso? Comida?
— Significa lagartixa.
— Onde? Onde? Os sonhos mais lindos, sonhei, sonhei que... — Cantava o Boot,
— Ele era um exímio espadachim, e usava roupas cujas descrições levam a crer em descendência chinesa. O homem ensinou a índia a usar a espada. Ela dançava com a espada. Dormia com ela. Um dia, conta a lenda, um Mapiguary atacou a sua tribo, e todos se esconderam. No ataque do terrível animal, morreram quatro crianças da tribo e por um milagre a vida de Eliã foi preservada. O relato da lenda diz que a pequena Eliã revoltada com a morte de suas irmãs saiu à caça da criatura. Não se sabe como, a criatura morreu e Eliã sobreviveu. Seus descendentes ainda moram em Coari.

— Eliã? Eliã? A lenda da espada é verdadeira? Essa família de Coari é também dos parentes de nossa Eliã? — Perguntei atônito.
— Aparentemente, sim. — Respondeu Nexter impressionado.
— E a espada, onde foi parar essa arma colossal?

— Foi roubada há cem anos e vendida para uma nobre família árabe, originária de Riad, cujo sobrenome era Migdol.
— Batatinha quando nasce esparrama pelo chão, menininha quando dorme...
— Boot! Acorda, seu andróide embriagado! Faça o cruzamento dos dados e veja se existe registro da espada...
— Que que há, vélhinho? Por hoje é só pessoal! Bing! Bing! Bing! Ling! Coelho ricochete! Estoooooooou calculando! Lumpa Lumpa te doo... A MIM BYTES! EU VOS CONVOCO! Meu coração tá batendo, zabumba bumba esquisito... .
— Estoooooou captando algo. AFASTEM-SE! The information está chegando... Chegando... Coelhinho da páscoa que trazes pra mim... .O QUE QUE É ISSO GENTE BOA! EEEEEEEEEEEEEEEEis a resposta! Não sei. Salam. Cairo. Museu do Cairo. Pergaminho antigo em aramaico... Não... Trecho dos rolos do mar Morto... Pedaço do livro de Ezequiel... .A espada está afiada e reluzente... Não... Trecho grego Apocalipse... ‘Amarra tua espada a coxa ó herói e neste teu resplendor cavalga pela honra da justiça... Notíciário árabe... Banco de dados do Liríо dos Vales de Riad... 1965... Roubo da preciosa e lendária espada da família Migdol...

— Acheiii. Acredita-se que tenha sido usurpada pelo bando de salteadores e guerreiros do clã Salam. Um menino de seis anos foi reconhecido, o filho único do Clã dos Salam. Uma tribo de babuínos do deserto.
— E então Boot? No que isso pode nos ajudar a achar a tal espada?
— O menino se chamava Ridom Defeunestá. Quando cresceu, tornou-se o mais perigoso e temido lutador da Arábia Saudita. Chamavam-no de Omaã...

— Num fala assim que me arrepiei todo! Nossa, tô mais uma vez, muito emocionado! O pobre do finado do Omaã! Vixe! Minha capa bordada aos pés do Cajueiro, pelas mãos calejadas da minha doce tia Josefina, foi cortada por essa espada! Meu padinho Cícero. Mormente certo incômodo me arrepia. Num tem nada a vê. A tal espada da tribo de Eliã num podia ser dourada ou cravejada de safiras. Devia ser de outra forma. A espada do finado Omaã, que eu alembro com perfeição. — pausa para suspiro saudoso — O Mascarado olha fixamente para Nexter em silêncio. — Naum. Era típico de gran-fino, de Sheik, Vizir, negócio de árabe multimilionário. Num deve de ser da mesma lide.

— Talvez, seja. Mascarado, Você se lembra onde ela caiu? Perguntou Nexter
— Mais ou menos. Eu tava muito contrito com a triste cena. Tenho uma idéia vaga. Pouca.

Arrastamos com muita dificuldade o Boot para dentro de um ônibus amassado deixado no meio do caminho e aceleramos em direção ao Polo. Os seres se recolheram mais uma vez. Porém, continuavam próximos. O alarme do pulso do Nexter apitava intermitentemente.

Quando chegaram no Pólo, a cena avistada assemelhava-se com a da passagem de um vendaval. Nada restara de pé. Fora o indestrutível abrigo. Quando as explosões amainaram, Alguns haviam saído do abrigo, entre eles o Jayme e a Tânia que estava abraçada ao Fred. Joaquim estava

um pouco chamuscado. Juntos da Aninha. Ela observava atônita tudo o que acontecera e seus sentimentos de assombro mergulhavam nos escombros e na destruição. Porém de tudo aquilo, uma lhe queimava-lhe o coração acima de todo o medo que sentia. Alguém que de modo algum poderia deixar sua vida, mesmo que para isso tivesse que enfrentar uma guerra. Seus olhos aflitos procuraram dentre os rostos enegrecidos, os óculos e o rosto de seu querido amigo, mais do que isso, de alguém que tinha se tornado essencial nos últimos meses de sua lida. Suas mãos queimam de nervosismo, e seu coração acelera, quando ao longe observa duas pessoas correndo, uma de vestes negras e algo que parecia uma capa e outra com um sujo macacão laranja. Nexter vinha correndo em sua direção e lhe abraça. E por um instante parece-lhes já não estarem envoltos pela sombra e pela destruição. Somente pela floresta. Somente pela floresta.

Ana passa a mãos nas manchas de fuligem do rosto de Nexter, que lhe sorri desajeitadamente.

O Boot se recuperou parcialmente da overdose de energia. Seus sensores vasculhavam a área que fora palco da briga entre o Vingador Mascarado e Omaã. A trezentos metros dentro da floresta ele detectou a espada. E não só uma simples espada. Boot olhou para as linhas de gravidade e constatou

que ao redor da espada o campo gravitacional não era o mesmo. Ele comunica a descoberta ao Nexter que se assombra. De todas as forças universais, a gravidade era a mais constante. Porém não haveria tempo para grandes conjecturas. O Alarme do pulso de Nexter acendera novamente. Os gritos dos animais podiam ser escutados no meio da escuridão. O Boot começou a correr. Nexter beija a mão de Ana, e corre em direção ao Jayme. Eles conversam determinado assunto, se dirigindo para trás dos escombros do forno. Momentos depois Jayme volta vestido do Transformer negro. O homem mais forte da terra vestia agora o mais poderoso traje jamais criado. Nexter vestia novamente o Transformer laranja. Ele entendeu que havendo novo ataque, com Jayme vestido do Transformer negro, teriam chances maiores. Os olhos flamejantes enchiam a floresta ao nosso redor. O Boot encontrou a espada. Ele a lançou de onde estava com tremenda força. Jayme saltou quase vinte metros de altura e a segurou em pleno ar. O que uma espada poderia fazer contra tantos monstros?

E quem poderia usá-la?

Eliã saiu do abrigo, no momento exato em que a espada foi segura pelo forte Jayme. Ela olhava

para o alto e o viu como se voasse tendo nas mãos a poderosa espada. Então seu coração palpitou.

Colunas de fumaça subiam aos céus, fruto das destruições de todo o Pólo. O rangido das tubulações, os bolsões de gás que se espalhavam e a visão de criaturas monstruosas cujas lendas faziam parte das tradições de sua família se derramavam em sua mente. Com o coração palpitanto descompassadamente a décima-segunda Eliã sorveu o vento úmido e seus olhos se contraíram. Um relâmpago atingiu sua alma quando ela avistou a espada. Seus olhos negros brilharam e ela ficou paralisada, olhando a cena. Dentro do seu coração ela sabia. Ela entendia. Então, balbuciou:

— Moaujé

Não parava de pronunciar o nome da espada. A arma de Omaã não possuía sequer uma vaga semelhança com a espada da lenda. Ela era dourada, com uma empunhadura cravejada de pedras azuladas desconhecidas. Não era essa a imagem da lenda, da espada brilhante, da arma que gerações inteiras veneraram como arma de salvação.

Contudo, inexplicavelmente, ela sabia.
Ao redor dos escombros incendiados a pequena índia correu como se fosse para atender a um chamado. Eliã correu para fora das portas de aço, em direção ao Jayme. Ele aguardava inamovível a chegada dos montros que em gritos lancinantes corriam alucinados em direção ao Polo. Quando Jayme a percebeu, Eliã já estava a dois passos de distancia. Lentamente ele viorou a cabeça a tempo

de ver uma indiazinha... Voando... Num pulo fantástico ela lhe tomou a espada. Tomou a espada das mãos do Jayme, vestido do Transformer. Quando as suas pequenas mãos tocaram a espada, ele não pode mais segurá-la.

A décima-segunda descendente de Eliã segurava mais uma vez o presente dado aos seus ancestrais.

No meio da noite inacreditavelmente estrelada a espada resplandeceu. Já não tinha o resvestimento dourado e já não possuía uma empunhadura cravejada de safiras. A espada se parecia com um relâmpago limitado pelas mãos de uma criança.

Os monstros avançaram sobre o Polo destruído. Os milhares de pontos avermelhados se assemelhavam a tochas de fogo acessas a noite por

uma multidão de peregrinos em meio a escuridão. A monstruosidade arrancou um pedaço da chaminé do forno semidestruído e o atirou violentamente contra a multidão de monstruosidades, com tamanha força que a chaminé explodiu enquanto arrastava a inúmeros animais. Nexter olhou assustado para Jayme. Num ato de pura insanidade a jovem índia correu em direção aos Mapiguarys que vinham ao seu encontro. Eliã corria ainda quando uma rajada de metralhadoras, originárias do céu, abriu um caminho livre entre os monstros à sua frente, atingindo vários animais.

Um antigo avião de guerra dava um vôo rasante sobre sua cabeça. Um caça da Segunda Guerra, um Zero.

Apesar dos esforços de Hikano, que com muito custo manobrava a antiga aeronave, um dos Mapiguarys alcançou a pequena Eliã. A terrível espada dançava em suas pequenas mãos. Aterrados, o grupo se preparou para observar a morte da corajosa índia. Felizmente tal não ocorreu. No choque que se seguiu, um dos poderossíssimos animais perdeu o seu pescoço, caindo no chão e se desfazendo em chamas. Então, como numa síncope coletiva, os monstros diminuíram suas corridas.

E estancaram.

A multidão de monstros arrefeceu.

A lua neste momento, até ali escondida, refletia-se na lamina flamejante que descrevia arcos através do movimento das mãos de Eliã.

A multidão de monstros se ajuntou.

Foi quando o alarme no pulso de Nexter se incendiou. Nexter o arrancou do pulso e o arremessou longe. O terrível grito que antecedia aos ataques dos Mapiguarys se ouviu mais uma vez e a terra tremeu. Da negridão da Floresta algo acima das copas mostrava sua face de terror. Duas imensas bolas avermelhadas queimavam no meio de uma silhueta negra cuja altura suplantava as mais altas árvores atrás do maldito ajuntamento de animais. As copas partiam-se enquanto caminhava. Então o corpo da criatura apareceu.

— Eu acredito firmemente que esse escritor miserável verdadeiramente tá querendo não somente a nossa morte cruel, como também deixar bem claro que essa porcaria que ele chama de livro num vai tê mais continuação.
Bradou o Vingador Mascarado.

— Assim num têm condição. Se eu fosse sobreviver a isso, iria contatar pessoalmente o sindicato dos Destemidos Heróis Nordestinos Mascarados e dos seus Ajudantes no Combate ao Crime, pela Justiça e Coisas Afins. Nexter, por acaso sobrou cerca de duas idéias nesse teu cérebro privilegiado?
— Somente uma... Jayme é a sua vez.
— Verei o que posso fazer.— Disse lacônico Jayme.
Jayme corre e alcança Eliã, olhando em seus olhos sinaliza que ela lhe conceda a espada. Eliã acena com a cabeça e a coloca em suas mãos. As mãos do gigante tremem quando aperta nas mãos a empunhadura da misteriosa arma. Jayme levanta a cabeça e dá início a fortes pisadas que deixam profundas marcas na terra avermelhada. Correndo ainda, outorga um salto fenomenal, num inacreditável percurso de 450 metros de distancia subindo a quase noventa metros de altura. Novo recorde de salto com Transformer estabelecido. O mais forte homem tendo nas mãos a mais poderosa arma jamais vislumbrada pela humanidade e vestindo o mais poderoso traje de guerra, crava a espada no peito da abominação. O imenso Mapiguary cai por sobre os outros e tomba para dentro da Floresta em meio a um grito agoniado. O silêncio. Um baque surdo. O vento que se forma arranca dezenas de árvores, enquanto parte da floresta explode. Um tronco de tucumanzeiro é

lançado como que pela força de um furacão em nossa direção, sendo seguro a custo estupendo das mãos de Nexter, que é arrastado por quase dez metros. Jayme é lançado, como um foguete, para fora da floresta, vindo cair fumegando e desmaiado a vinte metros de nós. O Traje negro está em frangalhos pipocando em curtos-circuitos. E suas mãos estão vazias.

Os animais fogem para dentro da floresta, que queima no ponto onde se encontram. A terra começa a tremer. Cordéis de trevas e faixa negra se elevam do meio da floresta e sobem em direção aos cosmos. Boot observa as linhas de força que se irradiam em todas as direções do universo. De dentro da floresta já não sai um monstro pavoroso. Sai um ser com forma humana, que flutua sobre as árvores com vestes talares e resplandecentes. Suas imensas asas negras se estendem como se fosse uma águia voando e em suas mãos os olhos atentos de todos avistam a espada incandescente.

Uma aura de malignidade se estende como um manto sobre todos os presentes enquanto relâmpagos crispando um céu sem nuvens pioram a aparência da aterrorizante cena.

Aquilo seja lá o que fosse, era a essência do Mapiguary. O corpo monstruoso era só uma dissimulação do poder que agora era manifesto.

— Eu num te falei Nexter? Que esse escritor famigerado só vai descansar quando ‘nós tivermos virado comida de rato’? Ai! Minha amada tia Josefina! Quanta saudade dos belos entardeceres aos pés do Cajueiro no sítio dos meus avós. Bem falou minha mãe. Estuda seu sem-vergonha e vê se consegue um trabáio decente! Óia só no que dêu. Ói nós aqui outra veiz. Mortos.

A figura aterrorizante era a soma de todos os monstros que transformaram a tudo em imensas ruínas.
O vento cada vez mais intenso arrasta para o alto as negras espirais de fumaça. Nexter olha para Ana, olha ao seu redor, para seus amigos e se ajoelha perto do Jayme. Arranca as baterias do Transformer negro semidestruído, arranca as baterias do Transformer laranja que veste, e as troca pelas baterias do negro. Pede que o Vingador Mascarado lhe empreste a pulseira que lhe concede força-sobre humana.

— Espero que ocê saiba o que vai fazer com essa joça, Nexter. Esse teu olhar de cientista louco, eu já conheço muito bem. Toda veiz que ocê tem esse brilho pardo-mentolado-azul-estranho junto com esse esgar que parece um sorriso de um

moribundo em dia de São Lamentoso, eu me arrepio todo. Vixe. To todo arrepiado. — Arremata o Aluízio Xavier, abaixando a máscara.
— Eu também, velho amigo. Eu também.

Desde menino Nexter possuía uma rara teoria não testada sobre equações de energia. Tinha noites que ele sonhava com ela. Quando cansado das experiências no monstrolábio, se deitava na poltrona na sala das recordações, olhava os retratos de seus avós e sonhava com a equação. Ele sonhava com o início da Criação, com a energia despida de suas formas secundárias, diferentes de tudo aquilo que o universo costuma manifestar. As suas mãos tremem enquanto ele conecta as baterias, reprogramando o velho Transformer laranja. Ele se levanta de um salto e retira as travas de segurança que limitam o consumo de energia e os poderes latentes da bateria. Vira a pulseira prateada no pulso e inverte a polaridade dos campos magnéticos que dão o suporte antigravitacional ao traje. Parte do Transformer começa a vibrar emitindo um som como de uma trombeta. Nexter Combina magnetismo, eletricidade estática, vinte e duas gamas de freqüências, e gera uma tensão interna entre duas placas, de dois bilhões de volts. Prende o campo elétrico no campo magnético, limita esse campo

pela aceleração de moléculas e enquanto novas partículas são criadas ele distorce a própria gravidade.

Então seu traje laranja,

resplandece.

A gravidade se dobra uma vez mais quando Nexter corre em direção a criatura sabendo que talvez sejam estes os últimos passos que dará em sua vida.
Aninha se levanta com a pele branca quase morena das cinzas que se espalham pelo imenso arraial de destruição e estende a mão em direção ao jovem de macacão resplandecente, enquanto as ondas de energia geradas pelo experimento refletem-se azuis na palma de sua mão. A sua mão estendida é como um apelo que já não pode mais ser atendido e seu olhar angustiado é sua petição.
Sua grandiosa petição.

O ser feito de escuridão levanta a espada para confrontar seu novo e poderoso oponente. O choque é tão intenso que uma fenda se abre no chão, dividindo o Polo em duas partes. Boot pula para salvar os que estavam caindo no abismo recém formado. Nexter conseguiu. Segurou a

espada e empurrava o ser monstruoso. Sente que não poderia fazê-lo por muito tempo. Ondas de energia jorram do Transformer enquanto Nexter procura uma empurrar a criatura. A palavra tempo ecoava dentro de sua mente. Espaço e tempo. Ele aperta o pulso e o tecido do tempo parece se rasgar. Um vórtice se abre atrás dos titãs que lutam, abrindo uma passagem dimensional. Usando todas as forças que possui Nexter empurra a criatura para dentro do vórtice. O ser grita e então a escuridão que o cercava parece convocar outros como ele. Quando o apelo do monstro é escutado nos ares, quatro criaturas semelhantes e aladas se postam de seu lado. Uma agarra a Nexter e com somente uma das mãos o arremessa ao outro lado da fenda formada. O outro fecha com um gesto o vórtice. Então os quatro seres de origem desconhecida alinham-se.
Nexter cai ao lado de Ana, com parte de seu traje fumegando. Olha para os seres a sua frente e entende que seus recursos terminaram. Semicerra o punho direito, de pé com o Transformer ainda fumegante e se prepara para se lançar contra as criaturas.
Ofegante olha ainda para Eliã. Então virando-se para Ana pronúncia solenemente:

— Adeus...

Destas tardes tristes de despedidas insólitas, da vida de Ana, essa seria talvez, a pior de todas elas. A mão que se estendia para abraçar o vazio, mapeada pelas chamas laranjas dos fornos incendiados, crispada pelo antagonismo, não tinha tempo de tocar o guerreiro da ciência forjado pelo incêndio da floresta. Tocar o homem que nasceu antes de sua época, sobretudo, do bandido que roubou seu coração.
Nexter coração-de-cavaleiro sabia que não possuía chances. E enquanto sua mente lhe dizia para desistir, seu coração lhe persuadia a continuar. Nessas noites eternas, no seu caso a última, em que deixado pra trás a temperança peculiar de homens estudiosos, só sobrara à loucura de uma coragem desmedida.
Prepara-se, então, para a última investida... Quando uma mão fortíssima lhe segura o braço esquerdo. Tão forte como nunca sentira antes. Tão quente que seu calor atravessava a parte mais intacta de seu traje de guerra.
Onde aquela mão o toca, parece que o faz queimar. Nexter ouve a poderosa voz de quem lhe toca:

— Ainda não.

O ser que falou ainda tocava o ombro de Nexter. Sua aparência era a de um príncipe, com vestes talares. Vestia-se como tal. Só que suas vestes, resplandeciam.

Diante de nós o desconhecido resolvia se revelar, colocando a eternidade brincar, tendo nas mãos algo cujas origens se perdiam na cortinada do tempo. Ao redor de toda a terra, faixas prateadas e auroras boreais coloriam um universo enegrecido e caótico que já antevia uma convulsão de forças incontroláveis.
Um vento estupidamente forte varria o chão da floresta quando desta, aquele que resplandecia, se elevou.
Por detrás de si havia um rastro de luz, tão intenso, que a noite se fez manhã.

E diante dele estava tão escuro, que tudo que podia ser visto eram os olhos ainda vermelhos de quatro seres desconhecidos, emanando ódio em proporções que não podíamos descrever. Seres de poder desconhecido travavam talvez sua derradeira batalha, sob a luz de nossos olhos incrédulos.
A criatura maligna levantou a espada e se atirou contra o que tinha as vestes resplandecentes, enquanto que os outros quatro se atiravam contra

ele, parecendo-nos neste momento que os céus estavam se partindo.
O segundo segurou a investida perversa com as mãos, mesmo agarrado por todos os seres malignos. Lentamente eles ascendiam aos céus, pairando a uma altura cem metros acima do solo úmido da floresta. E suas mãos resplandeceram como o sol. Os que do nosso grupo ainda estavam de pé, foram jogados longe pela torrente de energia que emanava do centro do confronto. Nexter se curvou sobre Ana enquanto expandia o campo de força do Transformer até o máximo que o equipamento podia ainda fornecer. Uma cúpula dourada abraçou quase um terço do Polo, ou do que restou dele. Ainda assim, ventava sobre as estruturas destruídas como se sobre elas passasse um furacão, mesmo através do campo de força dourado. Nexter regula as lentes de seus óculos para a maior densidade de filtragem de luz que ele poderia ajustar, vinte vezes mais escuro que um óculo de soldador. Mesmo após o ajuste, ele ainda lacrimejava... Atento com a batalha que fazia questão de acompanhar. No âmago daquele resplendor podiam distinguir-se formas difusas, de um ser segurando com as mãos a lamina da fabulosa espada e do outro que tentava atravessá-lo. E também as dos demais, que atacavam as costas daquele que segurava firmemente a lamina

que incandescia. Subitamente, aquele que possuía as vestes resplandecentes, segurou a lamina da espada, com somente uma das mãos. Com a outra tocou a fronte do que empunhava. Balbuciou por fim palavras numa língua desconhecida.

Os céus enegrecidos foram iluminados por uma luz que cortou as mais altas camadas da atmosfera. Todos os outros seres gemeram e gritaram, sendo arremessados no chão. Elevavam suas negras asas como se quisessem fugir, sem forças para atingir tal objetivo. Os gritos se intensificaram enquanto a terra tremia e o primeiro dos malignos começava a incandescer com a poderosa energia emitida pelas mãos daquele que lhe segurava. Os demais se encurvaram sobre seus ventres e fecharam suas asas enquanto apertavam mãos semelhantes a garras. E como um grito na escuridão, os demais seres desvaneceram.

Enquanto algo semelhante a um furacão arrancava as árvores, o ser de escuridão soltou a espada, que incandescente caiu girando até se cravar no meio da clareira formada pelo cataclisma.

O primeiro ainda emitia luz enquanto segurava a cabeça do maligno que se estremecia com a manifestação gigantesca de poder. Do outro lado do universo um anel azulado resplandecia e se curvava abraçando milhões de anos-luz do espaço sideral. O primeiro estendeu sua mão livre e a abriu em direção a floresta devastada e outra vez a terra começou a tremer. A espada cravada na terra emanava luz. O abismo que separava as duas partes da floresta começou a se fechar quando a espada cravada na terra se soltou e jorrando luz

ascendeu aos céus, numa velocidade indescritível até alcançar a mão agora livre daquele a quem pertencia por direito, desde o início das eras. Então, desfechando um golpe tremendo, cravou-a no peito da mórbida e terrível criatura. Um anel de luz que começava em um ponto de luminosidade absoluta, se estendeu do centro da espada e cresceu até abraçar o Polo, depois a floresta, a terra inteira e foi se abrindo até a extensão do cosmos. Na China os catadores de arroz de várias vilas olhavam espantados à passagem de um raio que abarcava o céu e sumia no infinito.

O abismo na terra se fechou completamente e num trovão assustador,

finalmente,

tudo terminou.

O monstro fora vencido.

A fumaça de sua morte descrevia espirais negras enquanto se dissipava na noite que terminava.
A tormenta chegava ao fim, assim como a escuridão que adornou a floresta naquela madrugada.
No final de tudo, elevado e acima das copas das árvores, só havia um único ser resplandecente,

segurando uma espada brilhante. Uma belíssima espada brilhante.

Mouajé.

Desprezando as leis físicas ele desceu das alturas como se descesse uma escada invisível, até que seus pés tocaram o solo da floresta.
Neste instante milagroso, o desconhecido caminhou lentamente em nossa direção. Atravessou o campo dourado do escudo de força levantado pelo Nexter. E parou junto a nós. No meio da tremenda destruição, os que estavam caídos foram se levantando aos poucos. Então Nexter desligou a abóbada dourada, segundos antes de toda a energia do Transformer acabar.
O ser então olhou longa e ternamente para Nexter, que esfregava a manga do Transformer no rosto enegrecido de fuligem. Então falou:
— Você foi ouvido lá no meio da floresta. Por isso fui enviado. Eu não posso vir sem que meu Senhor assim o ordene. Muitos anos atrás eu recebi uma ordem cujo prosseguimento só pode ser dado agora. Entendeu Nexter?
— Não! Absolutamente nada! Quem é você? Quem te enviou?
Dentro da mente de um cientista há sempre uma resposta ou uma equação que possa abalizar seus

pensamentos, mesmo diante das singularidades e dos disparates cósmicos do universo. Sempre, pensam eles, há um princípio físico envolvido nas camadas mais profundas até mesmo do Caos. E se preparam por toda sua vida para ver e conhecer singularidades extraordinárias. Contudo, nenhuma palavra poderia descrever a confusão de pensamentos de Nexter quando ele ouviu a resposta de seus questionamentos.

— Eu sou um anjo, Nexter.

— Você é o que?

— Aquilo que você escutou. Não posso ser invocado. Posso, no entanto, ser convocado. Todavia, não pelo homem. Aquilo que você fez, quando estava caído no meio da floresta, é chamado de oração. E nesse tempo que você costuma chamar de hoje, o presente, o Deus Criador marcou desde eras imemoriais, um encontro contigo, neste lugar.
— Deus Criador? Olhe ao seu redor, pretenso anjo, como pode haver tamanha destruição se existe um Deus Criador? Será que não tem domínio sobre a sua criação? Como pode existir tanto caos, tanta incerteza e, sobretudo tanta dor, num universo que possui uma mente divina por detrás? Se existe um

Criador, para que, como se existisse resposta, existem Mapiguarys? E o que dizer da morte? E o que direi sobre a maldade? — Nexter grita sem ter noção de quem é aquele com quem está falando.
O anjo olha ao seu redor. Observa as torres caídas, os olhos apavorados dos que presenciaram a tudo aquilo. Olha então para a abóbada celeste que se reveste de luz quando se avizinha o amanhecer. E olha para a floresta. Então mirando os olhos atônitos, de um Nexter perplexo, continua:

— Olhe através da destruição. Além dela. O verde ainda floresce. A vida luta, caminha, persiste e prospera em meio à morte. O Mapiguary não faz parte do projeto original da Criação, Nexter. A floresta sim. — Nexter observa a floresta que se alaranja lentamente pelo início do amanhecer. Com seus olhos cansados apenas discorda.
— Eu não compreendo...
— Nexter, esse mundo e essa realidade não são fruto absoluto da vontade de quem o idealizou. Ou as primícias de seus sonhos. Nem ao menos, a conclusão de suas realizações. Você imagina que isso é tudo? Que se acabaram os projetos e os planos divinos? Que Deus acabou seus afazeres e virou as suas costas para sua Criação, deixando-a a mercê de forças malignas descomunais? Existe um mistério neste mundo,

nesta terra, neste tempo, onde a morte aparenta ser vencedora. Ela entrou neste universo sem o consentimento divino. Leis que você desconhece, foram alteradas. Existe um estado de coisas *suportadas por Deus*, no entanto *contrárias*, aos seus sonhos. A vontade de Deus pode ser contrariada sem que aquilo que a contraria seja imediatamente destruída. Isso é uma parte deste mistério. Entretanto, tudo aquilo que não faz parte deste projeto original não permanecerá para sempre, Nexter. Lutas foram travadas antes da criação humana. E lutas estão sendo travadas ainda.

Planos. Projetos inacabados. Isso ele podia compreender. Ele mesmo não tinha tantas invenções que nunca terminou? E se quem estava ali, conjecturava, fosse quem dizia ser? Sua alma estremeceu. Nexter apertou os olhos e olhando por entre o corpo de quem falava com ele avistando as folhas do outro lado, se assustou.
Aquele dia seria lembrado por Nexter como “o dia em que a ciência se encontrou com Deus”.

— Você me confunde. Você se diz anjo. Conforme seu poder inacreditável, não vejo alternativa se não o de considerar SERIAMENTE o quê me disse. Há outros como você?

O anjo sorriu.

— Vocês são anteriores a criação?
— Somos.
— Então deve conhecer todas as coisas. Você falou sobre mistérios? Como pode haver mistérios para seres que tem a idade da eternidade?
— Não somos oniscientes. Não entendemos tudo, Nexter. Apesar de conhecemos o universo de um modo inconcebível para o homem, Deus, até para nós, é um mistério acima de nossa compreensão. É um mistério para nós que um dia vimos o universo ser criado e que o vimos, quando quase foi destruído. Para nós que estávamos com o Criador quando ele caminhou sobre os escombros de sua criação.

— Escombros? Que escombros?

— Ouça somente. Vimos quando ele, do nada, deu forma, uma vez mais, ao universo. Há uma guerra, dentro dos corações e ao redor. Chegará em breve o dia da vitória final. Os mapiguarys foram vencidos Nexter. — O anjo coloca as mãos numa estrutura que ainda fumega e pega um punhado de cinzas. Então as derrama pelo chão. Depois diz:

— Você olha para os fornos crematórios dos campos de concentração nazistas e tudo que vê são as cinzas. Não é assim?
— Porque está me dizendo isso tudo?
— Porque eu sei que seus avôs eram judeus. E sei que eles morreram lá.
O silêncio nas indagações de Nexter denotava o mais profundo momento de reflexão de sua vida. Dentro de sua mente ele viajou até a "sala das recordações" de seu Monstrolábio e lembrando-se da foto de seus avôs, mais pasmo do que estava, ficou.
O anjo levantou a espada ao alto e ela brilhou mais uma vez intensamente.
Ele olhou para os céus alaranjados e pela primeira vez suas gigantescas asas se abriram.
Seus pés já não tocavam mais o solo. Antes de partir elevou sua voz como a de um trovão e exclamou:

— Eu sou um, dos bilhões, semelhantes a mim, que estarão lá, no tempo apropriado, quando das cinzas, Deus chamar os que morreram de volta a vida.
— Não é a escuridão que prevalece, Nexter.
— É a luz. E a noite já vai terminar.

O anjo finalmente olha para Eliã e diz:

— Eliã, a Moaujé que sua família guardou, até o tempo em que lhe foi tirada, me pertence. Permita-me, pequena guardiã da espada, levá-la de volta.

Eliã sorri para o anjo, fazendo menção de se ajoelhar. Ele estende sua mão e diz que não. Ela lhe sorri, ao mesmo tempo em que derrama lágrimas e fala:

— Sim. Agora entendo porque a lenda dizia que ela tinha descido do céu. É porque veio de lá. De lá do alto mais alto, das estrelas mais altas. E agora entendo porque minha família por tanto tempo a protegeu.

O anjo lhe sorri. E ascendendo as alturas, numa espiral incandescentee, finalmente desapareceu.
Os primeiros raios do amanhecer resplandeciam, e a escuridão que se dissipava, abraçada pelo amanhecer. A cerração caía sobre a floresta.

O Aluízio se aproxima de Eliã e do Nexter, depois de sair de certo pedaço dos escombros, balança a cabeça cheia de fuligem e diz:

— Nexter quem era aquele rapaz porrêta? Sujeito bacana. Se gente ainda tivesse uma garrafa térmica, eu ‘chamava ele’ pra tomar um cafézinho. Falando em café, cadê aquele infeliz do National? Nexter? Ocê tá se sentindo bem? Nexter?
Eu acho que o cabra desmaiou...

Meu amor,
Olha só
Hoje o sol
Não apareceu

Numa apresentação da

Twenty Century Welington

É o fim
Da aventura humana,
Na terra

Co-produção da

Welington Corporation

Meu planeta adeus,
Fugiremos nós dois na arca de Noé

By Welington
Productions

Olha meu amor,
O final da odisséia terrestre
Sou Adão e você será

Estávamos no quinto dia em que o exército cercava o que sobrou do Polo. A gerência tentava dar suas explicações. Optaram que a versão oficial seria a de que acontecera um abalo sísmico generalizado na região, com a explosão dos equipamentos e das esferas cheias de gás natural. O Abusanadam, com a cabeça enfaixada, fornecia explicações numa entrevista coletiva a várias emissoras estrangeiras, falando, logicamente, na língua de cada uma delas. Ao mesmo tempo. Acharam o que sobrou do Zero do Hikano que fizera um pouso forçado. Os militares não acreditavam que aquela joça pudesse ter levantado vôo algum dia. Brisa e seu marido iriam habitar um período com os Oqueri. Ou talvez os... Bem, deixa pra lá. Já falavam no recomeço das obras, assim que recebessem um adiantamento da Seguradora. Fred tirou vinte dias de férias e foi para o Polo Sul.

O restante de nós aguardava o próximo vôo com escala em Coari com destino à Manaus. O Alexandre e o Boot estavam em algum lugar do aeroporto. Como esperava-se, na confusão de helicópteros chegando e saindo, aeronaves civis e militares, acabamos perdendo o último vôo. Nexter insinuou o sorriso que eu já conhecia muito bem, só que com uma expressão de felicidade como eu jamais havia notado. Pudera. Imagine quem estava de mãos dadas com ele...

— Não Nexter. Eu estou dizendo não. Nós não vamos, veja bem, escuta bem, nós não vamos naquela joça que você chama de avião. Não vamos. Falando nisso, cadê o Alexandre, o Boot e o restante do pessoal?

O barulho da geringonça, agora monoturbina, dava para se escutar de longe quando de dentro de um carro do exército saltaram Hikano e o Alexandre com capuzes e óculos de pilotos de avião da Segunda Guerra mundial.

Eu comecei a correr.
Oito horas da manhã. O elevador que sobe ao oitavo andar do Edifício Sede dos Fiscais Exilados está repleto de pessoas. Uma menina do Help Desk

de informática da empresa, chamada Luciana olha para o lado e pergunta para a colega:

— Notou o cheiro de maresia aqui dentro do elevador?
— Notei, menina, que estranho... O que poderá ser? Será que é o carpete?
— Não sei. Deve ser impressão nossa. Michelle, você está sentindo esse cheiro?
— Estou. Que esquisito. Deixa pra lá. Já vamos sair mesmo.
A porta do elevador se abre no oitavo andar. Um grupo de pessoas salta e com elas, sem que percebam, do teto do elevador sai para o mesmo andar uma espécie de inseto.

Com apenas uma antena.

Um pouco amassado.

Envolto numa alga marinha.

Enorme.

Do tamanho de uma caixa de fósforos 'tamanho grande'.

Epílogo.

“**Fabuloso *pergaminho da chamada abrupta”***

Na escuridão da certa noite, onde a floresta era iluminada somente pela lua enorme e prateada,

grandiosa ao lado de estrelas incontáveis, patas ferradas do lendário corcel negro, ferrando as poças da lama acizentadas agora secas, no caminho poerento até o lendário castelo das forças de ocupação. O alvo dos olhos dos animais emanecia, junto a sua escura crina a cada raio de luar que suavemente os iluminava. Montado sobre o negro animal, o mesmo Morfagnad, o mensageiro das terras distantes, com suas indumentárias escuras (e agora secas), grita para os guardas à frente dos gigantescos portais da antiga fortaleza. Novamente as imensas portas são abaixadas enquanto ele ainda chicoteia o alazão, ao sonido agora ocre, do trope nas pedras lavradas, recobertas de liquens acizentados do pátio castelar. Da sacada superior uma sombria figura esboça um sorriso de contentamento, observando a chegada de Morfagnad, o intrépido mensageiro. Deixando sua cansada montaria, caminha, como se arrastando, até o grande salão de pórfiro e granito, enquanto o sombrio conselheiro vai murmurando algum aviso para aquele que se assenta sobre uma grande cadeira adornada de púrpura e de madeira ricamente trabalhada. Quase um trono. O mensageiro entra solene pelas portas palacianas, subindo até o lugar do grande salão rodeado de colunas. Ele para, subitamente, e se ajoelha, enquanto as abas de suas vestimentas enchem

como um vestido o lugar onde se abaixara. Na verdade, usa uma capa. Negra. Aquele que está sentado desta vez vira-se para cumprimentá-lo. Levanta uma das mãos com a luva de couro e estende a mão para Morfagnad, ainda sob os olhos malévolos, enciumados e semicerrados do sombrio homem ao seu lado direito. O mensageiro se levanta e caminha, enquanto sua sombra se projeta na cortinada das colunas, pela luz das tochas acesas com óleo, por entre as faixas prateadas projetadas pela lua, cujos raios atravessam as janelas de forma ovalada. Então aperta a mão enluvada do poderoso Coordenador. Então se ajoelha em reverência. E assim fala:

— Ó coordenador do castelo. Terminado está o prazo que encontramos mercê diante de tua benevolência. Venho para te anunciar o retorno de um de teus servos sobre nossa alçada. Longos dias se passaram e cumpre-se agora o desígnio de seu retorno.

O silêncio sepulcral quebrava-se pelo murmúrio do eterno vento soprando entre as frestas das pedras das paredes, soando como órgão tubular. O olhar do sombrio homem, como de costume, semicerrou-se ainda mais. Nova pausa de silencio. Por fim o homem assentado falou.

— Presto cumpra-se o que já anunciastes.

O mensageiro se levantou. Com um gesto de agradecimento, enrolou o manto negro sobre o rosto e preparou-se para partir. Desta vez o sombrio homem com sua voz de ratazana completa o enunciado:

— Lembra-te... Presto...

O mensageiro se inclina ligeiramente, dando meia-volta. Caminha três passos e estanca. Ao longe lhe sorri uma menina de olhos encantadores azuis, vestida com uma roupa mesclando azul e branco, com um avental vermelho, uma das dezenas de serviçais do imenso castelo. Seus cabelos negros com matizes azuis realçados pela luz da lua; sorri-lhe docemente. Morfagnad observa atento aos passos altaneiros da menina que se recolhe lentamente. Então replica:

— Senhores podem vir a precisar de conselheiros, também.

Os olhos semicerrados do sombrio homem se abrem abruptamente.

O Coordenador sorri.

Uma menina de olhos azuis sorri.

Morfagnad também.

Sumindo na penumbra do castelo. Um relinchar apavorante se ouviu. E o murmúrio do vento. Somente o murmúrio.

E nada mais.

A Welington Productions

Em conjunto com o

Welington Language Institute Com apoio da Welington

Internet Association

Teve o prazer de apresentar

Fantásticas Memórias do Exílio

Roteiro da By Welington

Dedico essa aventura a todos os que deixaram seus lares e suas famílias, num regime de confinamento, alguns por até 120 dias, afastados da civilização, os verdadeiros heróis, que para variar, nunca serão lembrados ou nomeados, alguns de várias nacionalidades (Índia, Argentina, E.U.A, Inglaterra, Alemanha, Coréia, Japão) e que participaram por cerca de três anos (alguns mais) na construção do Polo Arara, uma Unidade Industrial da Petrobras para Exploração/ Tratamento/ Armazenagem/ Transporte de gás e óleo na província Petrolífera de Urucu no qual participei entre o final de 1999 e o início de 2000. Aos amazonenses, ao estado do Amazonas.

Agradecimentos ao

Instituto de Filosofia e Coisas Afins da Welington Corp.

A minha (amada e encíumada) esposa Claudia e (amadas e encíumadas) filhas, Jessica e Jade. A meus pais, Rubens e Nadir e a minha irmã Sheila. A todos os companheiros de trabalho que foram mencionados (aos quais não vou pagar os royalties). Àqueles que trabalharam no nosso grupo de fiscalização que não tive tempo de mencionar, como o glorioso Vasconcelos. Ao pessoal da Exploração e Produção que já estão na Província a mais de vinte anos. Aos que tiveram paciência de conseguir ler até aqui. E a Deus. O autor da maior de todas as histórias, que me presenteou com tamanha imaginação.

Coprodução da

TWENTY CENTURY WELINGTON

Leitor,
Sê assim,
Do jeito que ocê é
Dói?

Welington José Ferreira
Início do livro em14 de outubro de 1999
Término em 15 de março de 2004
Correções até hoje 14 de dezembro de 2007

Do autor
Esse famigerado

No interior da floresta, oitenta e cinco quilômetros depois do Polo em linha reta, num local jamais pisado pelo ser humano, depois de um rastro de árvores altíssimas destroçadas, além de centenas de igarapés de profundidade desconhecida, numa pequena clareira mal iluminada pelos raios do sol, onde a luz penetra com dificuldade por entre os seus ramos espessos de folhagens costuradas de cipó, duas araras gigantescas, assentadas sobre os altíssimos galhos de uma Susuarama, observam berrando e atentas ao cadáver de uma estranha criatura.
Perto de sua cabeça arrancada, um pequeno mamífero. Um roedor noturno da família dos cricetídeos, meio amarelado, e com certo ar de vitorioso.

Hamster esnobe e metido.

O rato imorrível, sobreviveu.

Welington Corporation

http://wellcorp.blogspot.com